

VOL. 2

# Atividades de Extensão

DESENVOLVIDAS NA UNESPAR

SÉRGIO LUIZ MAYBUK;  
CLEBER BROIETTI;  
SÉRGIO CARRAZEDO DANTAS;  
ROSIMEIRI DARC CARDOSO

(ORG.)



**UNESPAR**  
Universidade Estadual do Paraná

Valdemir Paiva  
EDITOR-CHEFE

Paula Zettel  
DESIGN DE CAPA

Éverson Ciriaco  
DIREÇÃO EDITORIAL

Jhonny Alves dos Reis  
DIAGRAMAÇÃO E PROJETO GRÁFICO

Katlyn Lopes  
DIREÇÃO EXECUTIVA

xxx  
REVISÃO

Víctor Malucelli  
EDITOR DE RELACIONAMENTO

DADOS INTERNACIONAIS DE CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO (CIP)  
BIBLIOTECÁRIA: MARIA ISABEL SCHIAVON KINAZ, CRB9 / 626

---

A872 Atividades de extensão: desenvolvidas na UNESPAR [recurso eletrônico] /  
organização de Sérgio Luiz Maybuk, Cleber Broietti, Sérgio Carrazedo Dantas,  
Rosimeiri Darc Cardoso – 1.ed. - Curitiba: Editorial Casa, 2023.  
v.2, 107p.; 23cm

Vários colaboradores  
ISBN 978-65-5399-775-2

1. Extensão universitária. 2. Universidade Estadual do Paraná. 3. Ensino superior. I. Maybuk, Sérgio Luiz (org.). II. Broietti, Cleber. III. Dantas, Sérgio Carrazedo (org.). III. Cardoso, Rosimeiri Darc (org.).

CDD 378 (22.ed)  
CDU 378

---

Nº. Registro Doi: 10.55371/

1ª edição – Ano 2023

Copyright© Editorial Casa, 2023

Todos os direitos reservados e protegidos pela Lei nº 9.610, de 19 de fevereiro de 1998.

É proibida a reprodução total ou parcial desta obra, por quaisquer meios, sem a expressa anuência do Editorial Casa.

Caso não encontre nossos títulos na rede de livrarias conveniadas disponível em nosso site, entre em contato conosco por meio de nosso telefone ou de nossas redes sociais.



---

Rua Riachuelo, 31, 14º andar - Centro | CEP 80020-250 | Curitiba-PR  
Telefone: +55 (41) 3264-9696 | E-mail: contato@editorialcasa.com.br  
www.editorialcasa.com.br

# SUMÁRIO

## **PROJETO ITINERANTE AFROGRAFIAS: ENTRE POSSIBILIDADES, REPRESENTAÇÕES E NEGRITUDES, UM RELATO DE EXPERIÊNCIA** .....

5

Valdete dos Santos Coqueiro  
Lucas Alexandre de Lima  
Milleni Bezerra Moreira  
Wilma dos Santos Coqueiro

## **INCLUSÃO DE ESTUDANTES COM DEFICIÊNCIA: CONTRIBUIÇÕES DA EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA PARA A FORMAÇÃO DOCENTE** .....

18

Andreia Nakamura Bondezan  
Fábio Alexandre Borges  
Guilherme Antunes Leite  
Rafael Zeferino de Souza

## **EXPERIÊNCIAS COMPARTILHADAS EM PROJETO EXTENSIONISTA COM PROFESSORES PELA VIA DA RACIONALIDADE ESTÉTICA** .....

32

Cyntia Simioni França  
Carolina Oliva Rodrigues de Oliveira

## **SISTEMAS DE ESGOTO DOMÉSTICO IMPLANTADOS NO MEIO RURAL NOS MUNICÍPIOS DE IRETAMA E CAMPO MOURÃO-PR** .....

48

**Tiago Vinicius Silva Athaydes**  
**Jefferson de Queiroz Crispim** Coordenador  
**Fernando Henrique Villwock**  
**Kevin Wolker Ferreira da Silva**  
**Wenniker William de Souza**

## **GRUPO DE ESTUDO E PESQUISA EM EDUCAÇÃO, DIVERSIDADE E CULTURA (GEPEDIC): UM RELATO DE EXPERIÊNCIA** .....

68

**Márcio José Pereira**  
**Claudia Priori**  
**Fabiane Freire França**  
**Wilma dos Santos Coqueiro**

## **ENSINO, PESQUISA E EXTENSÃO: EMPREENDE NO TURISMO E O GUIA TURÍSTICO DE CAMPO MOURÃO** .....

83

**Raquel dos Santos Vieira**

## **DEBATES EM LITERATURA DE AUTORIA FEMININA E EXTENSÃO: RELATO DE EXPERIÊNCIA** .....

95

**Sandro Adriano da Silva**  
**Wilma dos Santos Coqueiro**

# PROJETO ITINERANTE AFROGRAFIAS: ENTRE POSSIBILIDADES, REPRESENTAÇÕES E NEGRITUDES, UM RELATO DE EXPERIÊNCIA

**Valdete dos Santos Coqueiro<sup>1</sup>**

**Lucas Alexandre de Lima<sup>2</sup>**

**Milleni Bezerra Moreira<sup>3</sup>**

**Wilma dos Santos Coqueiro<sup>4</sup>**

---

<sup>1</sup> UNESPAR-Campus de Campo Mourão - Coordenadora do "Projeto Itinerante Afrografias", registrado na Divisão de Extensão do Campus.

<sup>2</sup> UNESPAR- Campus de Campo Mourão.

<sup>3</sup> UNESPAR-Campus de Curitiba II.

<sup>4</sup> UNESPAR-Campus de Campo Mourão.



**RESUMO:** Este relato tem como propósito apresentar as experiências e ações realizadas pelo *Projeto Itinerante Afrografias*. O principal objetivo do projeto foi criar fotografias que explorassem a temática da negritude em suas diversas nuances e contextos. Desenvolvido em 2022 como parte integrante do 4º *Seminário Afro[R]existência*, realizado de maneira remota/online no *campus* de Campo Mourão da Universidade Estadual do Paraná (UNESPAR), o projeto visou expandir a compreensão da representação do negro em nossa sociedade para além das abordagens científicas conduzidas por estudantes, docentes e pesquisadores. O *Afrografias* surgiu como uma abordagem artística, reconhecendo que a fotografia tem o poder de expressar ideias, críticas, visões pessoais do mundo e, sobretudo, sentimentos. A exposição de fotografias, protagonizada por membros da Unespar e pela comunidade externa, alinhou-se com a visão da Unespar como uma universidade inclusiva e comprometida com questões de desigualdade social. O *Projeto Itinerante Afrografias* almejou servir como um veículo artístico para dar visibilidade àqueles que o seminário vinha discutindo e explorando nos últimos três anos. Para essa exposição, que ocupou tanto o hall do anfiteatro da Unespar quanto outros locais, foram criados cinco painéis expositores que exibiram um total de vinte e uma fotos. Tanto as imagens fotográficas quanto os painéis receberam financiamento por parte da Unespar, *campus* de Campo Mourão. A exposição itinerante decorreu de 16 de dezembro de 2022 a 31 de junho de 2023, ocorrendo na Unespar e em outros espaços relevantes, como a Biblioteca Municipal Professor Egidio Martello, o Museu Municipal Deolindo Mendes Pereira e a Universidade Tecnológica Federal do Paraná (UTFPR). Ao longo desse período, a exposição demonstrou seu potencial para fomentar inclusão, educação, diálogo e transformação social, contribuindo para a criação de um ambiente mais equitativo, diversificado e enriquecedor para todos os envolvidos.

**Palavras-chave:** Educação Inclusiva; interseccionalidade; cultura; negritude; fotografia.

## 1. INTRODUÇÃO

Este relato de experiências tem como objetivo apresentar reflexões acerca do projeto de extensão desenvolvido pelo Núcleo para Educação Étnico-raciais (NERA), intitulado *Projeto Itinerante Afrografias*. Esse projeto surgiu em 2022 com a realização do IV *Seminário Afro-[R]Existência*,

que ocorria na Universidade Estadual do Paraná (UNESPAR)/*campus* de Campo Mourão desde 2019. O Seminário, no decorrer de suas quatro edições, trouxe à comunidade mourãoense discussões acerca da figuração do negro em nossa sociedade, a partir de estudos científicos realizados por estudantes, professores(as) e pesquisadoras(as). Assim, o *Afrografias* surge da necessidade de ampliar essas discussões para o âmbito artístico.

A Lei 10.639/03<sup>5</sup>, assinada pelo então presidente Luiz Inácio Lula da Silva, estabelece a obrigatoriedade do ensino de história e cultura africana e afro-brasileira nas escolas, marcando um avanço na reflexão sobre as desigualdades e preconceitos raciais persistentes no Brasil. Por sua vez, a Lei de cotas raciais, nº 12.711, sancionada em 2012, representa uma ação afirmativa para promover a inclusão racial nas universidades. Apesar das controvérsias que a rodeiam, essa lei acerca das cotas raciais tem contribuído para aumentar a visibilidade e impulsionar um processo de transformação social em curso para a população negra no país.

Na Universidade Estadual do Paraná (UNESPAR), esses debates têm ganhado relevância desde a criação, em 2016, do Centro de Educação em Direitos Humanos (CEDH) e seus diversos núcleos, incluindo o Núcleo de Educação para Relações Étnico-Raciais (NERA). Além disso, as intensas discussões sobre a implementação das cotas raciais e sociais na instituição ocorreram entre 2017 e 2018, sendo aprovadas no primeiro semestre de 2019 e efetivadas em 2020.

Em 2022, a criação da Pró-Reitoria de Políticas Estudantis e Direitos Humanos (PROPEDH) reuniu o CEDH e a Divisão de Assuntos Estudantis, com o intuito de fortalecer e ampliar as políticas inclusivas na universidade. No entanto, é crucial aprofundar a discussão sobre uma educação socialmente inclusiva, tanto dentro dos programas acadêmicos quanto fora dos limites da universidade. É essencial que a instituição seja um espaço de resistência, aberto à diversidade e à riqueza cultural, compartilhando as conversas realizadas em seu ambiente com a comunidade em geral.

Dentro desse contexto, a UNESPAR se destaca como uma universidade que procura consolidar sua identidade plural e preocupada com as desigualdades sociais. Tendo em vista essa perspectiva inclusiva, no ano de 2022, os organizadores do *Seminário Afro-[R]Existência*, que vinha sendo realizado no *campus* de Campo Mourão, desde 2019, em formato

---

<sup>5</sup> Essa Lei foi alterada pela Lei 11.645/08, que a complementa, ao estabelecer também a obrigatoriedade do ensino da História e Cultura Indígena.

de palestras, mesas-redondas e apresentações, conceberam o *Projeto Itinerante Afrografias*. O *Seminário* tinha como principal objetivo trazer para o centro da universidade e para a comunidade local mourãoense discussões relacionadas à representação do negro na sociedade, visto que, conforme destaca Gomes: “Construir uma identidade negra positiva em uma sociedade que, historicamente, ensina ao negro, desde muito cedo, que para ser aceito é preciso negar-se a si mesmo, é um desafio enfrentando pelos negros brasileiros” (GOMES, 2003, p. 171).

Nesse sentido, para desconstruir a imagem negativa e produzir outras perspectivas acerca da população negra, mulheres e outras minorias, é necessário que práticas rotineiras, excludentes e preconceituosas deem lugar para outros olhares. Partindo desse pressuposto, Araújo explicita que:

Cada ser humano constrói para si uma imagem que julga representá-lo, com a qual se identifica e se confunde (...) essa auto-imagem possui uma dimensão efetiva em sua constituição, que também se relaciona com os valores da cultura e com a constituição biofisiológica do corpo que a sedeia (...) a auto-estima: o valor, ou os sentimentos que cada um projeta a atribui a si mesmo. Sem poder falar de padrões definidos ou de modalidade, essa auto-estima pode ser mais negativa ou positiva, com consequências visíveis sobre as interações dos sujeitos com o mundo e consigo mesmo (ARAÚJO, 2002, p. 68).

Em um país como o Brasil, que carrega as cicatrizes do colonialismo e passou por três séculos de escravidão – tornando-se o último país nas Américas a abolir tal prática – uma hegemonia branca ainda se mantém de maneira evidente, com padrões de beleza claramente influenciados pela Europa. Essa dinâmica leva a contínuas opressões, discriminações e subjugações das mulheres negras e dos homens negros, uma vez que não se adequam a esses padrões que foram estabelecidos ao longo do tempo, bem como a diversidade dessa população africana que veio para o Brasil, tornando o país a segunda maior população negra do mundo. Com isso, acreditar que existe uma única forma de ser negro neste país ou um modelo de “negro geral” como o idealizado pela civilização europeia, “baseado nos traços fenotípicos únicos” (MUNANGA, 2020, p. 25), é impossível.

A teórica feminista negra norte-americana Bell Hooks (2019) aborda a supremacia branca nos Estados Unidos, nação que também compartilha uma história de escravidão africana, observando que, muito antes

de atingir as costas americanas, a supremacia branca já havia moldado representações da negritude e de indivíduos negros. Essas representações reforçam suas próprias crenças de superioridade racial e seu desejo de subjugar e escravizar. A autora faz uma análise que se aplica igualmente à sociedade brasileira, enfatizando que “desde a época da escravidão, os defensores da supremacia branca reconheceram que controlar as imagens é fundamental para manter qualquer sistema de dominação racial” (HOOKS, 2019, p. 30).

Assim, para enfrentar as realidades discriminatórias ainda presentes, é essencial adotar, de acordo com a perspectiva da autora, práticas que valorizem a imagem negra. Ela enfatiza que “a menos que transformemos as imagens associadas à negritude, às pessoas negras, e reformulemos nossa maneira de olhar e de sermos vistos, não seremos capazes de efetuar intervenções radicais que transformem fundamentalmente nossa situação” (HOOKS, 2019, p. 36). Portanto, para promover uma resistência eficaz dentro desse cenário de discriminação que ainda persiste, é imperativo valorizar a imagem e a representação positiva das pessoas negras.

Nesse sentido, a escolha pela fotografia recaiu no fato de ela compartilhar com as demais expressões artísticas o propósito de transmitir ideias, críticas, visões particulares do mundo e, acima de tudo, sentimentos. Ela oferece a capacidade de expandir e diversificar os valores sociais e humanos que possuímos em relação a temas específicos, conceitos, indivíduos e ideias. Assim, reforça e estimula uma interação social mais crítica, ao mesmo tempo que possibilita a inclusão daqueles que frequentemente são marginalizados na sociedade. Através da fotografia, é possível estimular a busca por direitos e combater preconceitos, eliminando barreiras.

Essa forma de expressão artística exerce um papel importante na promoção de uma universidade mais inclusiva, uma vez que visa redefinir conceitos e moldar a sociedade, abrangendo a cidadania como um meio de reflexão e atuação na transformação da realidade social. Portanto, ao promover esse projeto, a universidade também está promovendo o reconhecimento e valorização da identidade negra, resgatando a autoestima e a identidade. Isso proporciona tanto aos fotografados quanto aos espectadores um encontro com uma perspectiva mais autêntica do que significa ser negro em nossa comunidade.

Nesse contexto, o presente projeto teve como objetivo principal propiciar à comunidade o contato com a arte fotográfica de maneira a

problematizar a questão da representação de pessoas negras, buscando aprofundar a compreensão mais profunda dessa parcela da população de Campo Mourão. Entre os objetivos específicos do projeto, podemos mencionar: (a) constituir na universidade um espaço de diálogo interdisciplinar acerca de temas voltados às questões étnico-raciais por meio da fotografia. (b) discutir os conceitos de beleza eurocêntricos, a partir da visibilidade da beleza negra por meio da fotografia; (c) contribuir para a reflexão sobre o(a) negro(a) numa perspectiva interdisciplinar; (d) dialogar com a diversidade e a amplitude da cultura afro-brasileira por meio de exposições fotográficas. Com efeito, compreendemos que compartilhar os resultados com a comunidade e disseminar a arte fotográfica contribui para entender a realidade daqueles que muitas vezes não têm voz, como destacado por Gayatri Spivak (2010) em *Pode o Subalterno Falar?*

Essa abordagem também reforça o caráter itinerante da proposta, pois essa forma de divulgação possibilita uma ampla e qualificada disseminação dos resultados, levando a arte para além dos limites da universidade: escolas, comunidades e bibliotecas. Essa abordagem permite que as pessoas expressem suas opiniões e se emocionem com a beleza do que estão observando e apreciando, já que a arte tem o poder de transformar e moldar identidades culturais.

Dentro desse contexto, uma universidade pública e democrática tem a responsabilidade não apenas de oferecer ensino gratuito e de qualidade, mas também de refletir sobre as desigualdades de classe, raça, gênero e sexualidade que afetam o país, e propor uma mudança nas mentalidades. Esse é um processo longo e desafiador, que deve começar especialmente nos cursos de licenciatura, os quais têm a finalidade de formar educadores(as) engajados(as) e comprometidos(as) com a construção de uma sociedade inclusiva, solidária e humana.

No que diz respeito aos procedimentos metodológicos do projeto, a divulgação das inscrições ocorreu por meio do site oficial da Universidade Estadual do Paraná (UNESPAR) e das redes sociais, e o agendamento das sessões fotográficas foi conduzido por intermédio de um formulário no *Google Forms*. Os participantes forneceram suas assinaturas no termo de consentimento e autorização para utilização das imagens. As fotografias selecionadas passaram por um processo de edição, incluindo o nome e a profissão do(a) participante. Posteriormente, essas imagens foram encaminhadas para a impressão, com o propósito de compor o material artístico destinado à exposição Afro Itinerante.

## 2. DESCRIÇÃO E ANÁLISE TEÓRICO-METODOLÓGICA DAS EXPERIÊNCIAS DO PROJETO ITINERANTE AFROGRAFIAS

No decorrer do período de execução do *Projeto Itinerante Afrografias*, que se estendeu de 25 de maio de 2022 a 01 de agosto de 2023, uma série de ações foram realizadas, contribuindo para as discussões acerca das representações de pessoas negras na comunidade.

Inicialmente, em maio de 2022, demos início à divulgação do projeto através do site oficial da Universidade Estadual do Paraná (UNESPAR), bem como nas plataformas de redes sociais (Instagram e Facebook) e também em grupos de WhatsApp. O folder promocional continha uma mensagem que convidava indivíduos negros de diversas ocupações e profissões a participarem da sessão fotográfica, com o intuito de compor uma exposição a ser apresentada na Semana da Consciência Negra, por ocasião do *IV Seminário Afro [R]Existência*. Os agendamentos para as sessões de fotos foram organizados por meio de um formulário no *Google Forms*, que estava disponível no folder de divulgação, e também por telefone.

A princípio, foi difícil encontrar pessoas, tanto no âmbito da universidade quanto na comunidade externa, dispostas a serem fotografadas. Isso se deve ao fato de que em um país com histórico de racismo como o Brasil, marcado ainda por questões de colorismo em que o fenótipo é mais determinante que as origens raciais, muitas pessoas têm dificuldades em se reconhecerem como negras devido a uma série de fatores complexos e interligados. Esses fatores incluem aspectos históricos, sociais, culturais e psicológicos.

Em relação a essa dificuldade, Kabengele Munanga (2020), antropólogo e um dos principais estudiosos das questões raciais no Brasil, destaca a complexidade das identidades raciais no Brasil. De acordo com o autor, o Brasil viveu uma estratégia de “embranquecimento” ao longo de sua história, que buscava diminuir as características negras da população a partir da miscigenação. Essa hierarquia de valorização do branco acima do negro ainda reflete na atualidade nas tentativas de assimilação dos valores culturais brancos e no ideal de que pessoas negras com características físicas mais próximas às europeias seriam mais bonitas e bem-sucedidas, conforme evidenciado no seguinte excerto:

Na sua totalidade, a elite negra alimentava um sonho: assemelhar-se tanto quanto possível ao branco para, na sequência, reclamar dele o reconhecimento de fato e de direito. Como tornar real essa semelhança a não

ser através da troca de pele? Ora, para chegar a isso, pressupunha-se a admiração da cor dos outros, o amor ao branco, a aceitação da colonização e a autorrecusa. E os dois componentes dessa tentativa de libertação estão estreitamente ligados: subjacente ao amor pelo colonizador, há um complexo de sentimentos que vão desde a vergonha ao ódio a si mesmo. O embranquecimento do negro realizar-se-á principalmente pela assimilação dos valores culturais do branco (MUNANGA, 2020, p. 35-36).

Nesse contexto, uma das questões que tem gerado bastante polêmica no Brasil é o fenômeno do *colorismo*, que diz respeito à discriminação com base nas variações da tonalidade da pele dentro de um mesmo grupo étnico, no caso, o negro. Isso resulta no favorecimento de indivíduos com pele mais clara em detrimento daqueles que tem pele mais escura ou traços negros mais acentuados. Desde a representação na mídia e na publicidade até as oportunidades do mercado de trabalho e as políticas e ações afirmativas, o colorismo também tem sido abordado de forma interseccional, considerando suas interações com outras formas de opressão. Em publicação recente, que integra a coletânea *Feminismos Plurais*, organizada pela filósofa feminista Djamila Ribeiro, a advogada Alessandra Devulsky retoma as considerações de Lélia Gonzales para explicar que, embora o(a) negro(a) de pele clara possa ter um trânsito social diferente, geralmente vedado ao(à) negro(a) de pele escura, ambos(as) ocupam o mesmo lugar de “fim da fila” da sociedade brasileira. Na sua avaliação, “nesse jogo de assimilação no qual as regras não são estabelecidas por negros, opor-se contra a assimilação racial significa encontrar na negritude um contraponto identitário, um lugar, na relação com a alteridade branca” (DEVULSKY, 2021, p. 173). De acordo com ela, essa situação é colocada desde a fase da infância até a vida adulta para aqueles que crescem e se integram à sociedade sendo reconhecidos como indivíduos negros, ou ainda, mediante as lamentáveis e ofensivas categorizações de “mulato(a)” ou “moreno(a) escuro(a). Assim, “a condição negra é imanente quando ela se apresenta na compleição física, no sentido de que ela está presente na construção identitária do sujeito, quer queira, quer não queira” (DEVULSKY, 2021, p. 166). A autora enfatiza que a busca por um padrão branco ideal “é profundamente neurótico e inalcançável no Brasil” (p. 167). De acordo com ela, “isso é um projeto, ou seja, trata-se de manter negros e negras eternamente convencidos que não são bons ou belos o bastante para ocupar os

espaços que poderiam se não fosse a organização artificialmente posta da sociedade” (DEVULSKY, 2021, p. 167).

Dessa forma, a partir das considerações de Munanga (2020) e de Devulsky (2021) e do que observamos na dificuldade quanto às inscrições para o projeto, pessoas negras no Brasil enfrentam grandes dilemas sobre a identificação, como mostram os dados do censo ainda hoje, e buscam negar ou minimizar sua identidade negra. Como propositores do projeto, também enfrentamos dificuldades, pois não seria apropriado abordar as pessoas diretamente e solicitar que se inscrevessem, uma vez que a autoidentificação como negro(a) deve ser uma escolha individual. Reconhecendo a complexidade da questão, compreendemos que a proposta de um projeto desse tipo nos coloca diante do desafio da autoidentificação, o que ressalta a necessidade de uma transformação cultural profunda. Isso requer a implementação de uma educação antirracista, a valorização da história e cultura negra, bem como a desconstrução dos padrões de beleza eurocêntricos.

É isso o que defende a importante intelectual e ativista negra brasileira Lélia Gonzalez, que criticou, de forma contundente, o mito da democracia racial brasileira. Na sua concepção, esse mito aprofunda as desigualdades raciais e de classe no país. Por isso, é necessário reconhecer o racismo sistêmico e as disparidades raciais na luta por ações afirmativas, como o reconhecimento das vozes e das experiências negras e a valorização da história e cultura africana e afro-brasileira. Em entrevista concedida ao *Informativo Seaf* (Sociedade de Estudos e Atividades Filosóficas)<sup>6</sup>, em 1985, ela salientou a importância de pessoas negras serem sujeitos de seus próprios discursos no sentido de se tornarem sujeitos de suas histórias. Segundo ela: “Não é fácil, só na prática é que se vai percebendo e construindo a identidade, porque o que está colocado em questão também é justamente uma identidade a ser construída, reconstruída, desconstruída, num processo dialético realmente muito rico” (GONZALEZ, 2020, p. 312).

Nesse sentido, observamos que a maioria das pessoas que se inscreveram no projeto possui ou está cursando o ensino superior, incluindo professores(as), psicólogas, contadoras e acadêmicos(as), especialmente das licenciaturas. Esse fato evidencia que a educação, bem como projetos de extensão como o nosso, desempenham um papel fundamental na promoção de uma mudança de mentalidade cultural.

<sup>6</sup> A entrevista republicada em *Uapê: revista de cultura*, em 2020, foi transcrita para o livro *Por um feminismo afro-latino-americano*, com o título *A democracia racial: uma militância*, nas páginas 310 a 312, do Memorial Lélia Gonzalez.

Após as inscrições, iniciamos as sessões fotográficas em outubro. Todos(as) os(as) participantes assinaram um termo de autorização para uso de imagem. Após isso, foi capturado um conjunto de imagens de cada participante, das quais selecionamos a mais representativa para o projeto. Posteriormente, essas imagens foram editadas, adicionando uma legenda com o nome e a profissão de cada participante. As imagens editadas foram então enviadas para impressão, com a finalidade de compor o material artístico da exposição.

Com relação à apresentação das fotografias, confeccionamos um banner com a apresentação do projeto, cinco painéis expositores que exibiram um total de 21 fotos, no entanto, foram 22 participantes ao todo, visto que uma das fotos capturou um casal homoafetivo feminino. Tanto as imagens quanto os painéis foram financiados pela Unespar, *campus* de Campo Mourão.

A inauguração da exposição do *Projeto Itinerante Afrografias* ocorreu no Hall do Anfiteatro da Unespar, *campus* de Campo Mourão, durante a abertura do *IV Seminário Afro [R]Existência*, em 16 de novembro de 2022, contando com uma curadoria musical, composta por clássicos do rap nacional como Racionais Mc's e Black Alien. A exposição permaneceu neste local até 13 de dezembro de 2022, coincidindo com outros eventos que também ocorreram no espaço, incluindo o *III Seminário Internacional de Inclusão no Ensino Superior*, que aconteceu de 30 de novembro a 02 de dezembro de 2022, de forma híbrida.

A exposição foi muito bem recebida, recebendo ampla divulgação em jornais da cidade e também no site da universidade. Os participantes estiveram presentes durante a inauguração e nos dias subsequentes, e muitos comentaram que a exposição representava um momento significativo na Unespar, por trazer à tona a beleza negra em suas diversas idades, profissões e identidades de gênero. Além disso, a exposição contou com a presença do diretor, da vice-diretora do *campus* e de professores de diversos cursos, demonstrando seu prestígio.

Através dessa exposição, conseguimos transmitir a mensagem de que, apesar da complexidade ainda presente na representação da população negra, é possível desconstruir os estereótipos de beleza eurocêntricos e apostar na diversidade e pluralidade que caracterizam a nação brasileira. Nesse contexto, compreendemos que, conforme destacam intelectuais negros, como Munanga (2020) e Gonzalez (2020), uma abordagem inclusiva tem o potencial de promover uma mudança nas percepções sobre o

racismo no Brasil, contribuindo para a autoaceitação e a valorização da identidade negra brasileira.

Entre os dias 13 de dezembro de 2022 e 18 de fevereiro de 2023, a exposição itinerante *Afrografias* foi exibida na Biblioteca Municipal Professor Egidio Martello. Posteriormente, ela foi transferida para o Museu Municipal Deolindo Mendes Pereira, onde permaneceu em exibição de 18 de fevereiro a 15 de março de 2023. Nessas localizações, a exposição atraiu um público expressivo, tornando-se um marco significativo nas exposições da cidade. No museu, a exposição compartilhou espaço com exposições de destaque, propiciando interações e conexões entre diferentes manifestações artísticas.

Em março de 2023, a exposição retornou ao *campus* de Campo Mourão da Unespar. Essa oportunidade permitiu que os(as) acadêmicos(as) ingressantes do ano letivo de 2023 também tivessem a chance de apreciá-la. Essa situação foi relevante ao demonstrar que o tema encontrou receptividade em um contexto distinto e com uma audiência diferente do anterior.

No mês de maio, a exposição foi levada para a Universidade Tecnológica Federal do Paraná (UTFPR), onde permaneceu até junho. Nesse ambiente, com um público distinto, pois incluía também estudantes do ensino médio, a exposição desempenhou com êxito seu papel de sensibilizar a audiência para as questões étnico-raciais.

Embora inicialmente tivesse sido planejado que a exposição seria exibida na Fundação Cultural de Campo Mourão e no Teatro Municipal de Campo Mourão, isso não foi viável devido às reformas em andamento nesses locais, conforme comunicado pelo Secretário da Cultura de Campo Mourão. Além disso, não recebemos informações sobre a viabilidade da exibição nestes espaços após as reformas. Logo, decidimos encerrar a exposição em junho de 2022, pois consideramos que ela havia alcançado e, até mesmo, superado seus objetivos iniciais.

Além da exposição física, o projeto teve o objetivo de ampliar o acesso a todos os públicos, considerando a conveniência, e, por esse motivo, a exposição também foi disponibilizada no site oficial do *Seminário Afro [R] Existência*<sup>7</sup>. Acreditamos que exposições com caráter educativo e sensível, quando disponibilizadas também em espaços virtuais, adquirem relevância maior, superando limitações físicas e alcançando uma audiência global e diversificada. Com uma abordagem moderna, em um mundo cada vez

<sup>7</sup> A exposição está disponível no seguinte link: <https://sites.google.com/view/seminarioafroexistencia/exposi%C3%A7%C3%A3o-do-projeto-itinerante-afrografias?authuser=0>. Acesso em 14 de agosto de 2023.

mais digital, essas exposições se destacam por tornar o conhecimento e a arte acessíveis a todos(as).

Por fim, diversos fatores, como o estigma histórico e a discriminação enfrentados pela população negra ao longo dos séculos, a imposição de padrões de beleza eurocêntricos que pressionam as pessoas negras a se distanciarem de suas origens, a negligência dos ambientes educacionais em abordar de maneira adequada a história e a cultura africanas e afro-descendentes, resultam na invisibilidade da população negra brasileira e em sua dificuldade em estabelecer uma conexão étnica e cultural. A falta de representação negra na mídia, que tem mudado gradualmente nos últimos anos com novelas da Rede Globo<sup>8</sup> trazendo algumas protagonistas negras, contribui para a marginalização e a negação da identidade negra. Portanto, acreditamos que o projeto cumpriu seu propósito ao apresentar a públicos diversos a beleza, o empoderamento e o orgulho em ser negro em um país construído sobre as desigualdades raciais.

### 3. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A iniciativa de extensão do *Projeto Itinerante Afrografias*, bem como as discussões promovidas pelo *Seminário Afro[R]Existência*, durante suas quatro edições, têm se desenvolvido em colaboração com pesquisadoras(as) de outras instituições de ensino superior, além de acadêmicos(as) e membros da comunidade que estão fora do âmbito da Unespar. Esse conjunto de atividades tem se configurado como um ambiente formativo significativo para diversas pessoas, sobretudo para estudantes em processo de formação tanto acadêmica quanto docente.

Ao analisarmos cuidadosamente todo o processo, desde a captura das fotos até a reação dos participantes, culminando na estreia da exposição e seus desdobramentos subseqüentes, podemos inferir que uma exposição de fotografias artísticas retratando pessoas negras no ambiente universitário pode oferecer contribuições profundas não apenas dentro desse contexto, mas também em seu entorno.

---

<sup>8</sup> A novela global *Vai na Fé*, que teve seu último capítulo apresentado em 12 de agosto de 2023, foi um fenômeno de audiência, recebendo elogios do público e da crítica, ao trazer uma protagonista negra, pobre e evangélica. Dessa forma, a novela apostou em diversas interseções de raça, classe e religião para contar uma história de protagonismo negro e superação das adversidades. Essa representação e esse sucesso, até uns 20 anos atrás, era improvável em uma telenovela global, comprovando que, na atualidade, existe um movimento, inclusive do mercado publicitário, em trazer representatividade racial para a mídia e a publicidade.

Uma universidade pública, ancorada em sua tríade de pesquisa, ensino e extensão, deve centralizar sua atenção na promoção da diversidade e inclusão. Nesse âmbito, a exposição, ao enfatizar a riqueza étnica e cultural de uma cidade situada no sul do país, região caracterizada por uma grande presença de ascendência europeia, desempenha um papel fundamental na desconstrução de estereótipos e preconceitos, construindo um ambiente propício à interação e à valorização humana.

Adicionalmente, a exposição do *Projeto Itinerante Afrografias*, ao apresentar representações positivas de indivíduos negros e realçar sua beleza, contribui para o empoderamento e o reforço da identidade desses sujeitos, permitindo que eles não mais reneguem sua herança e ancestralidade africana.

Por promover diálogos cruciais sobre as complexas questões étnico-raciais que permeiam nossa sociedade, a exposição oferece um espaço crucial para a interação entre professores(as), acadêmicos(as) e visitantes. Isso se traduz em uma oportunidade para as pessoas brancas refletirem sobre seus privilégios e se envolverem ativamente na batalha por uma sociedade mais igualitária, fundamentada nos princípios dos direitos humanos.

## REFERÊNCIAS

ARAÚJO, Ulisses Ferreira de. **A construção de escolas democráticas**: histórias sobre a complexidade, mudanças e resistências. São Paulo: Moderna, 2002.

DEVULSKY, Alessandra. **Colorismo**. 2 ed. São Paulo: Jandaíra, 2021.

GOMES, Nilda Lino. Identidade Negra e Formação de Professores: um olhar sobre o corpo negro e o cabelo crespo. **Educação e Pesquisa**. v. 29, p. 167-182. São Paulo, 2003.

GONZALEZ, Lélia. A democracia racial: uma militância. In: **Por um feminismo afro-latino-americano**. Organização de Flávia Rios e Márcia Lima. Rio de Janeiro: Zahar, 2020.

HOOKS, Bell. **Olhares negros**: raça e representação. Tradução de Stephanie Borges. São Paulo: Elefante, 2019. Disponível em: file:///C:/Users/t08ci/Downloads/bell-hooks-Olhares- Negros%20(2).pdf. Acesso em: 20 jul.2023.

MUNANGA, Kabengele. **Negritude**: usos e sentidos. 4. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2020. SONTAG, Susan. **Ensaio sobre a fotografia**. Rio de Janeiro: Arbor, 1981.

SPIVAK, Gayatri Chakravort. **Pode o subalterno falar?** Tradução de Sandra R. G. de Andrade, Marcos P. Feitosa, André P. Feitosa. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2010.

# INCLUSÃO DE ESTUDANTES COM DEFICIÊNCIA: CONTRIBUIÇÕES DA EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA PARA A FORMAÇÃO DOCENTE

**Andreia Nakamura Bondezan<sup>9</sup>**

**Fábio Alexandre Borges<sup>10</sup>**

**Guilherme Antunes Leite<sup>11</sup>**

**Rafael Zeferino de Souza<sup>12</sup>**

---

<sup>9</sup> Unespar/Campo Mourão – Inclusão escolar e formação de professores

<sup>10</sup> Unespar/Campo Mourão

<sup>11</sup> Unespar/Campo Mourão

<sup>12</sup> Unespar/Campo Mourão



**RESUMO:** O presente relato de experiência tem o objetivo de apresentar as contribuições da extensão universitária na formação docente para o processo de inclusão educacional de estudantes com deficiência. O projeto intitulado “inclusão escolar e formação de professores” teve início no ano de 2021 e efetivou várias ações que envolveram professores da Educação Básica e do Ensino Superior. Para a execução deste projeto, foram utilizados encontros presenciais e virtuais, cursos, palestras, momentos de discussão e troca de experiências. Este projeto também propiciou a participação ativa da pessoa com deficiência na busca pela efetivação de seu direito à educação e à inclusão social. Conclui-se que o projeto de extensão pode promover relevantes debates, desenvolvimento de conhecimentos e busca por formação docente inicial e continuada.

**Palavras-chave:** Inclusão educacional; formação de professores; extensão universitária.

## 1. INTRODUÇÃO

A inclusão educacional é um direito conquistado pela e para a pessoa com deficiência. Neste processo, o estudante necessita ter suas especificidades atendidas no ambiente escolar regular. Para a inclusão nas instituições de ensino, é preciso que haja uma compreensão a respeito da pessoa com deficiência como aquela que tem a possibilidade de aprender e se desenvolver, ter acessibilidade plena para o desenvolvimento dos conhecimentos científicos, participação em todas as atividades e desenvolvimento de suas potencialidades. De acordo com Matos e Mendes (2014, p. 41),

[...] uma proposta que considere a capacidade de aprendizagem desses estudantes, seu singular processo de desenvolvimento e a possibilidade de oferecer, a estes sujeitos, diferentes modos de compensação e diversos instrumentos adaptativos que venham a contribuir com a superação de suas dificuldades.

Para a inclusão escolar, mudanças são necessárias a fim de que permitam que o estudante supere as dificuldades impostas social e culturalmente pela sociedade a partir da sua deficiência. Nas palavras de Góes (2004, p. 74), [...] “sem alterar o delineamento do currículo e metodologias, sem estabelecer esquemas de suporte efetivo ao professor, a escola não vai responder ao compromisso com o desenvolvimento e a aprendizagem dos indivíduos diferentes”.

O professor é fundamental para que a inclusão ocorra e sua formação deve ser prioridade. Como explicam Matos e Mendes (2014, p. 49):

As demandas formativas dos professores, decorrentes do movimento de inclusão escolar, devem ser respondidas pelos poderes públicos, uma vez que cabe ao Estado o controle dos recursos financeiros, das decisões políticas e a responsabilidade pelo oferecimento do ensino de qualidade para todos.

Essa formação inicial e continuada, com vistas à inclusão escolar, que permitirá um planejamento que leve em consideração a diversidade em sala de aula, está preconizada em diferentes documentos oficiais, como: a Lei de Diretrizes e Bases da Educação (BRASIL, 1996); o Decreto nº 7.611, de 17 de novembro de 2011 (BRASIL, 2011); o Decreto nº 8.752, de 9 de maio de 2016, que dispõe sobre a Política Nacional de Formação dos Profissionais da Educação Básica (BRASIL, 2016a), dentre outros. Como explica Pletsch (2009, p. 148):

[...]o atual e grande desafio posto para os cursos de formação de professores é o de produzir conhecimentos que possam desencadear novas atitudes que permitam a compreensão de situações complexas de ensino, para que os professores possam desempenhar de maneira responsável e satisfatória seu papel de ensinar e aprender para a diversidade (PLETSCH, 2009, p. 148).

Nesse sentido, compreendemos que a Universidade Pública tem o objetivo de ofertar a formação inicial aos professores, por meio dos cursos de graduação, e as formações continuadas podem ocorrer por meio dos projetos de extensão. No caso das formações continuadas, entendemos que essas devam se dar em um movimento colaborativo, cooperativo e bilateral, ou seja, a universidade aprende com a escola, a escola aprende com a universidade, e ambas podem assumir o protagonismo formativo. Assim, este relato busca apresentar o projeto de extensão intitulado “Inclusão escolar e formação de professores”, seus objetivos, ações e contribuições para a inclusão de pessoas com deficiência.

## 2. EXPERIÊNCIAS NO PROJETO DE EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA

A universidade pública está calcada no tripé Ensino-Pesquisa-Extensão, sendo a extensão universitária o foco deste relato. Nesse ínterim, o Ensino Superior tem a finalidade de “promover a extensão aberta à participação da população, visando a difusão das conquistas e benefícios

resultantes da criação cultural e da pesquisa científica e tecnológica geradas na instituição” (BRASIL, 1996, art. 43, inciso VII).

A Universidade Estadual do Paraná (Unespar) campus de Campo Mourão - Paraná, *locus* deste projeto, entende a extensão Universitária como:

[...] uma atividade da comunidade acadêmica, articulada de forma indissociável ao Ensino e à Pesquisa, marcada por um processo interdisciplinar educativo, interventivo, cultural, científico que promove a relação transformadora entre a Universidade e outros setores da sociedade (UNESPAR, 2022, art. 1).

A extensão universitária tem o objetivo de promover esta relação próxima entre a universidade e a sociedade, com ações em diferentes âmbitos. Nesse sentido, a extensão universitária pode, também, contribuir com a formação de professores para o processo de inclusão da pessoa com deficiência. Como afirmam Bondezan, Klaus e Góes (2022, p. 256):

As ações de extensão universitária se mostram potencialmente formadoras. Entendendo a indissociabilidade entre teoria e prática, em seus ambientes e contextos de atuação, as ações de extensão vêm repercutindo processos de produção de conhecimentos disciplinares, e saberes outros, como os associados à temática Inclusão da pessoa com deficiências, ou com transtornos globais de desenvolvimento e de déficit de atenção e hiperatividade, nas salas de aula comuns, ou extramuros, de uma escola.

Corroborando tais autores, o projeto de extensão universitária “Inclusão escolar e formação de professores” foi organizado no ano de 2021 a partir da preocupação de professores da Unespar com a inclusão escolar de estudantes com deficiência. O objetivo desse projeto, ainda em andamento, é promover espaços para busca por formação de professores, troca de conhecimentos e diálogos a respeito da inclusão escolar de pessoas com deficiência.

Para a realização das atividades, contamos com uma equipe formada por professores, tradutores intérpretes de Libras, estudantes da graduação e da pós-graduação e membros da comunidade. As temáticas foram sendo organizadas a partir das diferentes demandas que envolvem atividades de curricularização da extensão realizadas em escolas municipais ou colégios estaduais, cursos de formação para discussão da inclusão no Ensino Superior, palestra com pessoas com deficiência etc.

Cabe destacar que a curricularização da extensão foi efetivada nas universidades mediante a Resolução nº 7, de 18 de dezembro de 2018, que determina que “as atividades de extensão devem compor, no mínimo, 10% (dez por cento) do total da carga horária curricular estudantil dos cursos de graduação, as quais deverão fazer parte da matriz curricular dos cursos” (BRASIL, 2018, art. 4). Diante dessa normativa, o curso de Pedagogia da Unespar, campus de Campo Mourão, destinou 36 horas da disciplina Educação Especial Inclusiva II para a curricularização da extensão, nas quais foram realizadas algumas atividades deste projeto de extensão.

No Quadro 1, estão as ações realizadas no projeto entre os anos de 2021 e 2023.

Quadro 1. Ações de extensão realizadas entre de setembro de 2021 a julho de 2023

<b>Atividade</b>	<b>Ano</b>	<b>Título</b>	<b>Público-alvo</b>	<b>Número de Participantes</b>	<b>Local</b>
1	2021	Curso de extensão: Educação Inclusiva e Tecnologias Assistivas: Experiências para sala de aula	Estudantes do curso de formação de professores Ensino Médio	18	Online
2	2021 2022	Curso de Extensão: Educação Especial e Inclusiva na Formação de Professores de Nível Médio: Experiências para as Práticas Docentes	Estudantes do curso de formação de professores Ensino Médio	13	Online

Atividade	Ano	Título	Público-alvo	Número de Participantes	Local
3	2022	Curso de extensão: Educação Inclusiva: políticas e práticas	Estudantes do curso de formação de professores Ensino Médio	41	Colégio Estadual
4	2022	Curso de extensão: Inclusão no Ensino Superior	Professores do Ensino Superior, estudantes, pessoas com deficiência e comunidade em geral	30	Online
5	2022	Atividade de Extensão: Inclusão escolar e contação de histórias	Estudantes dos anos Iniciais do Ensino Fundamental	60	Escola Municipal
6	2023	Ciclo de formação: Inclusão no Ensino Superior: possibilidades e desafios	Professores do Ensino Superior, estudantes, pessoas com deficiência, comunidade em geral	60	Online

Fonte: organizado pelos autores.

Nos três anos do projeto, foram realizadas seis atividades de extensão, contando com a participação total de 222 pessoas, em cursos presenciais e online.

As atividades 1, 2, 3 e 5 fizeram parte da curricularização da extensão do curso de Pedagogia, nos anos de 2021 e 2022. Tais atividades foram realizadas tendo os estudantes do curso de Pedagogia como protagonistas deste processo, ou seja, atuaram na organização das ações, na produção dos materiais e na execução das atividades virtuais e presenciais.

Os cursos 1 e 2 foram ofertados de maneira *online* aos professores da Educação Básica e aos alunos do curso de Formação de Professores do Ensino Médio. Essa modalidade foi necessária, uma vez que estávamos no período de Pandemia causada pela Covid-19. Com a pandemia, as aulas presenciais na Unespar foram substituídas pelo ensino remoto emergencial (ERE) conforme a Resolução nº 001/2020 – REITORIA/UNESPAR (UNESPAR, 2020), assim como as atividades de extensão. A proposta do presente projeto foi contribuir com a formação e o desenvolvimento do conhecimento profissional dos estudantes do curso de Pedagogia com o trabalho de curricularização da extensão na área de Educação Especial e Inclusiva, bem como aos participantes.

Os encontros foram realizados pela plataforma *Google Meet* e envolveram os temas: Deficiência Visual – Baixa Visão; Tecnologia Assistiva: deficiência auditiva; Recursos de Tecnologia Assistiva e sua aplicabilidade envolvendo a cegueira; Deficiência intelectual e a aplicabilidade da Tecnologia Assistiva; Deficiência física e mobilidade reduzida. Além dos encontros via *Google Meet*, foram disponibilizados aos participantes, no *Classroom* e e-mail, materiais de apoio de artigos e livros relacionados ao tema. Os encontros via *Google Meet* foram realizados contando com a apresentação do tema do dia, seguido por um debate entre os participantes, o que contribuiu positivamente, uma vez que houve a participação de professores que atuam na área da Educação Especial da escola participante. Dessa maneira, seus depoimentos e experiências apresentados ao grupo trouxeram ricas trocas e oportunidade de refletir acerca de como o processo de inclusão está ocorrendo no ambiente escolar. Para além das discussões durante os encontros, houve a leitura dos materiais de apoio, que também contribuíram com a ampliação dos conhecimentos acerca das temáticas elencadas.

A atividade 3 foi realizada de maneira presencial, no ano de 2022, em um colégio estadual de Campo Mourão. A Instrução Normativa n.º 001/2001 PROEC/Unespar (UNESPAR, 2021) orientou o retorno das atividades presenciais relacionadas à Extensão e Cultura da Unespar. Os estudantes do curso de Pedagogia ofertaram essa atividade de extensão aos alunos do curso de Formação de Professores, nível Médio. As atividades envolveram as temáticas: deficiência visual/cegueira; deficiência intelectual; deficiência física; deficiência auditiva/surdez; transtorno de espectro autista; síndrome de down. Cada temática foi desenvolvida por um grupo de acadêmicos mediante discussões teóricas e práticas pedagógicas.

A atividade 5 foi realizada em uma escola que atende alunos do Ensino Fundamental I, com a contação de histórias. De acordo com Abramovich (1997, p. 17), essa é uma atividade pertinente, pois,

É através duma história que se podem descobrir outros lugares, outros tempos, outros jeitos de agir e de ser, outra ética, outra ótica [...]. É ficar sabendo História, Geografia, Filosofia, Política, Sociologia, sem precisar saber o nome disso tudo e muito menos achar que tem cara de aula [...].

O objetivo foi tratar da temática da diferença na escola, sem que fosse uma aula no formato mais tradicional, com leitura de texto, cópias ou perguntas e respostas. O objetivo foi de trazer a discussão da diferença na escola por meio da ludicidade e do diálogo. Para isso, a turma do curso de Pedagogia foi dividida em dois grupos. Cada grupo selecionou e/ou adaptou uma história e escolheu uma forma de contação. O grupo 1 utilizou a técnica de fantoches e o grupo 2 fez uma encenação. As histórias envolviam o tema inclusão e aceitação das diferenças. Após a contação das histórias, foram realizadas rodas de conversa, atividades pedagógicas e atividades lúdicas. Foi importante poder ouvir os alunos pequenos, visto que eles falaram abertamente acerca do tema, contaram sobre pessoas com deficiência em suas famílias e, também, de sua própria condição ou de seu colega de turma. Isso espontaneamente, sem constrangimentos. Essas constatações corroboram a pesquisa de Tessaro *et al.* (2005, p.113) que, ao entrevistarem alunos do Ensino Fundamental I, concluíram que “a maioria dos alunos sem necessidades especiais é favorável à inclusão escolar e possuem sentimentos positivos em relação a esse processo”. Com isso, é preciso que se tenha espaço na escola para essas discussões.

A avaliação das atividades 1, 2, 3 e 5, realizada pelos participantes, foi ótima. Houve a solicitação, por parte das coordenações das instituições, de que houvesse novas parcerias ainda no ano de 2023. Tal fato destaca a relevância da parceria entre a Educação Básica e o Ensino Superior, no sentido de contribuir com a inclusão escolar. O processo de inclusão da pessoa com deficiência tem apresentado grandes conquistas, com destaque para o aumento das matrículas de estudantes apoiados pela Educação Especial. No entanto, ainda é preciso avançarmos em diversos aspectos, como o formativo. De acordo com Gomes (2023, s.p.).

A taxa de escolarização foi menor entre as pessoas com deficiência em todos os grupos etários. Das crianças de 6 a 14 anos com deficiência, 95,1% frequentavam escola, abaixo dos 99,4% das sem deficiência. Entre os jovens de 15 a 17 anos, para os que tinham deficiência, a escolarização foi de 84,6%, frente a 93,0% entre os sem deficiência. Para o grupo de 18 a 24 anos, a taxa foi de 24,3% e 31,8% para as pessoas com e sem deficiência, respectivamente.

Notamos, diante desses dados, que as pessoas com deficiência ainda possuem uma taxa de escolarização menor do que as pessoas sem deficiência, sendo necessário investimentos e ações para a mudança desse quadro. O aspecto político, da proposição de ações via documentos legais, certamente favoreceu o aumento de pessoas matriculadas nas escolas comuns. As famílias, atualmente, sabem que é possível o desenvolvimento escolar de seus filhos e estão matriculando-os. Cabe a nós, sistemas de ensino, professores e formadores, pensarmos equitativamente em educação de boa qualidade, para além do direito a estar matriculado.

As atividades 4 e 6 foram direcionadas à formação de professores do Ensino Superior. Nesse nível de ensino, a matrícula da pessoa com deficiência ainda é menor. De acordo com os dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE, 2023), somente 7% das pessoas com deficiência possuem o Ensino Superior. Ações como cotas para pessoas com deficiência, determinadas pela Lei nº 13.409 (BRASIL, 2016b), têm sido implementadas para que esse quadro seja revertido, proporcionando acesso a esse público. No estado do Paraná, essa determinação veio um pouco mais tarde, pois, a Lei de Cotas para Pessoas com Deficiência em Universidades Estaduais foi instituída pela Lei n.º 20.443/2020, de 17 de dezembro de 2020 (PARANÁ, 2020). No entanto, cabe destacar que a Universidade Estadual do Paraná (Unespar) foi uma das primeiras universidades públicas do Paraná a instituir cotas para pessoa com deficiência no vestibular do ano de 2019, conforme disposto na Resolução n.º 001/2019-COU/UNESPAR (UNESPAR, 2019), antes da instituição da Lei n.º 20.443/2020 (PARANÁ, 2020).

A partir das Leis de Cotas, o acesso ao Ensino Superior à pessoa com deficiência está sendo, aos poucos, viabilizado, no entanto, para além do acesso, é preciso discutir a permanência e o sucesso da pessoa com deficiência neste nível de ensino. Assim, cursos de formação continuada são fundamentais para discussões, propostas e construção de conhecimentos.

Os cursos 4 e 6, ofertados pelo projeto em discussão, foram realizados de maneira *online* e contaram com a participação de estudantes de licenciatura, de professores da Educação Básica e do Ensino Superior, de tradutores intérpretes de Libras (TILS), de pessoas com deficiência e de familiares de pessoas com deficiência. A proposta desses cursos foi de contribuir com discussão acerca da inclusão da pessoa com deficiência no Ensino Superior com as palestras de profissionais da área da educação.

No curso 4, no ano de 2022, foram realizados quatro encontros pela plataforma *Google Meet*. Houve em cada encontro uma palestra e, em seguida, abertura para um debate entre os participantes, o que contribuiu sobremaneira, uma vez que contávamos com a participação de professores que atuam na área da Educação Especial. A Profa. Dra. Roseneide Maria Batista Cirino, da Unespar, tratou das Políticas e práticas para inclusão no Ensino Superior; a Profa. Ms. Andréa Carolina Bernal Mazacotte, da Universidade Estadual do Oeste do Paraná (Unioeste), abordou a temática Estudante surdo no Ensino Superior; o Prof. Ms. Douglas Fernando da Silva, tradutor intérprete de Libras do Centro de Educação Integral e Tecnológica Leonel de Moura Brizola, Bombinhas, Santa Catarina, discutiu o Papel do TILS para inclusão do estudante surdo; e o Prof. Esp. Luis Demétrio Broetto apresentou os Desafios de um estudante com deficiência física: relato de experiência.

Um grande destaque foi a participação de dois palestrantes com deficiência, que puderam trazer sua história de vida para as discussões nos encontros, indo ao encontro da luta intitulada “Nada sobre nós, sem nós” lema instituído desde 2001 (SASSAKI, 2007).

A atividade 6, ofertada no ano de 2023, foi uma formação *online*, direcionada aos professores do Ensino Superior e à comunidade externa, como alunos de graduação e pós-graduação, professores da Educação Básica, como demais pessoas interessadas no ciclo. No Ciclo de Formação - Inclusão no Ensino Superior: desafios e possibilidades foram propostos quatro encontros: o primeiro intitulado “Direitos e visibilidade da pessoa com deficiência: o desafio das universidades”, foi ministrado pela Professora Dra. Sandra Salette de Camargo Silva, da Unespar/ União da Vitória; o segundo encontro foi ministrado pelo Professor Prof. Me. Rafael Zeferino de Souza, da Unespar/ Campo Mourão com a palestra “Plano Educacional Individualizado (PEI) como instrumento no processo de inclusão no Ensino Superior”; já o terceiro encontro de formação contou com a temática: “TDAH! E agora? uma conversa com educadores!”, ofertada pela Professora Me.

Alexandra Amadio Belli – Associação Brasileira de Dislexia; e para finalizar o ciclo, “Deficiência Intelectual: aspectos conceituais e processos de escolarização” foi o tema ministrado pela Professora Dra. Márcia Denise Pletsch – UFRRJ. A escolha em ofertar os cursos 4 e 6 de maneira *online* foi pela possibilidade de ter palestras com excelentes profissionais, sem o custo do transporte e alimentação, e sem o pagamento de pró-labore, uma vez que todos os palestrantes aceitaram realizar as atividades de forma voluntária. Investimentos financeiros seriam necessários para atividades presenciais, no entanto, são concedidos institucionalmente mediante concorrência em edital. No ano de 2023, o projeto concorreu ao Edital n.º 17/2023-PROEC Programa Institucional de Apoio à Inclusão Social – Pesquisa e Extensão Universitária PIBIS/UNESPAR (Fundação Araucária), que tem por finalidade:

Concessão de bolsas a alunos(as) regularmente matriculados em cursos de graduação da Unespar, que atendam ao critério do Programa de Cotas da Universidade, para desenvolvimento de atividades vinculadas à extensão universitária contribuindo para política de inclusão social para a produção e difusão do conhecimento, facilitando o acesso e permanência de estudantes oriundos de escolas públicas (UNESPAR, 2023a, p.1).

O projeto em discussão foi contemplado com bolsa para um estudante da graduação, contribuindo, também, para a qualidade da formação do estudante, bem como para sua inclusão social. Também concorreu ao Edital n.º 19/2023-PROEC Programa Institucional de Bolsas para Extensão Universitária – PIBEX/UNESPAR (Fundação Araucária), que possui a finalidade de “Concessão de bolsas a alunos(as) regularmente matriculados(as) em cursos de graduação da Unespar para desenvolvimento de atividades vinculadas à extensão universitária com o apoio da Fundação Araucária” (UNESPAR, 2023b). O projeto, também, foi contemplado com bolsa para um estudante da graduação. Certamente, esses estudantes auxiliarão nas atividades de extensão e ampliarão sua formação.

Outro fator que é preciso destacar é a dificuldade em contar com tradutores intérpretes de Libras (TILS) para atuarem nas atividades de extensão. Nas universidades estaduais do Paraná, os TILS são contratados, na maioria dos casos, por teste seletivo, ou seja, contratações temporárias, o que dificulta o interesse dos profissionais para participarem desse processo, resultando, por vezes, na falta de candidatos para as vagas. Esse contrato, também, envolve a carga horária de atendimento ao estudante ou

professor surdo e, nesse sentido, não há TILS para atuarem nos cursos de extensão. Assim, os cursos acabam excluindo a pessoa surda. Diante desse quadro, houve uma busca e sensibilização de TILS para que os cursos fossem acessíveis aos surdos. Todos os TILS atuaram neste projeto de forma voluntária, realidade que está longe da universidade inclusiva que buscamos.

Mesmo com algumas barreiras, ressaltamos a grande participação de educadores, de pessoas com deficiência e comunidade, de diferentes cidades do Brasil, cada um contribuindo de alguma maneira, seja com as palestras, com a socialização de suas práticas pedagógicas, de sua experiência de vida, com as discussões na busca por uma educação para todos.

### 3. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A inclusão educacional da pessoa com deficiência é um processo que requer mudanças estruturais e atitudinais. Embora sejam apresentados avanços nesse processo, ainda é preciso transpor muitas barreiras, como a aceitação das diferenças e um ensino que atenda as especificidades dos estudantes.

A formação de professores é essencial para um ensino inclusivo e a extensão universitária pode contribuir com esse processo.

O projeto de extensão “Inclusão Escolar e Formação de Professores” contou com a participação de professores da Educação Básica, do Ensino Superior e estudantes de licenciaturas que tiveram espaço para reflexões, desenvolvimento de conhecimentos e troca de experiências. Houve a participação ativa da pessoa com deficiência que pôde apresentar suas histórias, suas necessidades e suas lutas.

Esse projeto promoveu várias atividades extensionistas, atendendo a necessidade de busca pela inclusão educacional da pessoa com deficiência, cumprindo com o compromisso social da universidade pela socialização e produção de conhecimento. Destaca-se a necessidade de participação dos poderes públicos, para que a formação continuada dos professores.

Os cursos e atividades ofertadas neste projeto extensionista buscaram socializar conhecimentos acerca da inclusão escolar, promover visibilidade à pessoa com deficiência e instigar a busca por conhecimentos. No entanto, é preciso que a formação continuada de professores seja aprofundada, atendendo as demandas das instituições, com possibilidade de participação plena dos educadores.

## REFERÊNCIAS

ABRAMOVICH, F. **Literatura Infantil gostosuras e bobices**. São Paulo: Scipione, 1989.

BONDEZAN, A. N.; KLAUS, V. L. C. de A.; GÓES, E. P. de. Inclusão no Ensino Superior e pandemia: alguns trabalhos realizados pelo PEE/Fos do Iguaçú. **Educere et Educare**, [S. l.], v. 17, n. 43, p. 247-267, 2022. DOI: 10.48075/educare.v17i43.29652. Disponível em: <https://e-revista.unioeste.br/index.php/educereeteducare/article/view/29652>. Acesso em: 18 ago. 2023.

BRASIL. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação**. Lei nº 9394, de 20 de dezembro de 1996. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. Brasília, DF: Presidência da República. 1996.

BRASIL. **Decreto nº 7.611, de 17 de novembro de 2011**. Dispõe sobre a educação especial, o atendimento educacional especializado e dá outras providências. Brasília, DF: 2011. Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_ato2011-2014/2011/decreto/d7611.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2011-2014/2011/decreto/d7611.htm). Acesso em: 13 ago. 2023.

BRASIL. **Lei nº 13.146, de 6 de julho de 2015**. Institui a lei brasileira de inclusão da pessoa com deficiência (estatuto da pessoa com deficiência). Brasília, DF: 2015. Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_ato2015-2018/2015/Lei/L13146.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2015-2018/2015/Lei/L13146.htm). Acesso em: 13 ago. 2023.

BRASIL. **Decreto nº 8.752, de 9 de maio de 2016**. Dispõe sobre a Política Nacional de Formação dos Profissionais da Educação Básica. Brasília, DF: 2016a. Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_ato2015-2018/2016/decreto/d8752.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2015-2018/2016/decreto/d8752.htm). Acesso em: 13 ago. 2023.

BRASIL. **Lei n.º 13.409, de 28 de dezembro de 2016**. Brasília: Presidência da República, 2016b.

GOMES, I. **PNAD Contínua**. Pessoas com deficiência têm menor acesso à educação, ao trabalho e à renda. Agência IBGE notícias. 2023. Disponível em: <https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-noticias/2012-agencia-de-noticias/noticias/37317-pessoas-com-deficiencia-tem-menor-acesso-a-educacao-ao-trabalho-e-a-renda>. Acesso em 17 ago. 2023.

IBGE. **Pesquisa nacional por amostra de domicílios: PNAD**. Pessoa com deficiência 2022. Rio de Janeiro: IBGE, 2023.

MATOS, S. N.; MENDES, E. G. A proposta de inclusão escolar no contexto nacional de implementação das políticas educacionais. **Práxis Educacional**. Vitória da

Conquista, v. 10, n. 16, p. 35-59, jan./jun. 2014. Disponível em: <https://periodicos2.uesb.br/index.php/praxis/article/view/762>. Acesso em: 21 ago. 2023.

PLETSCH, M. D. **A formação de professores para a educação inclusiva**: legislação, diretrizes políticas e resultados de pesquisas. Editora UFPR Educar, Curitiba, n. 33, p. 143-156, 2009. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0104-40602009000100010>. Acesso em: 13 ago. 2023.

SASSAKI, R. K. Nada sobre nós, sem nós: Da integração à inclusão – Parte 2. **Revista Nacional de Reabilitação**, ano X, n. 58, set./out. 2007, p.20-30.

TESSARO, N. S.; WARICODA, A. S.; ROSA, A. P. B.; BOLONHEIS, R. C. Inclusão escolar: visão de alunos sem necessidades educativas especiais. **Psicologia Escolar e Educacional**, 9(1), 105-116, 2005.

UNESPAR. **Orientação n. 001/2020- PROGRAD/UNESPAR**. 2020. Disponível em: [https://prograd.unespar.edu.br/assuntos/instrucoes-normativas/arquivos-instrucoes-normativas/orientacao001\\_plataformas.pdf](https://prograd.unespar.edu.br/assuntos/instrucoes-normativas/arquivos-instrucoes-normativas/orientacao001_plataformas.pdf). Acesso em: 13 ago. 2023.

UNESPAR. **Instrução Normativa n. 01/2021 – PROEC/Unespar**. Retorno das atividades presenciais no âmbito da Extensão e Cultura da UNESPAR. Disponível em <https://proec.unespar.edu.br/menu-extensao/orientacoes/InstruoNormativan0120212.pdf>. Acesso em: 13 ago. 2023.

UNESPAR. **Resolução nº 042/2022 – CEPE/UNESPAR que Aprova o novo Regulamento de Extensão e Cultura na Universidade Estadual do Paraná – UNESPAR**. Disponível em: <https://proec.unespar.edu.br/menu-extensao/documentos/resolucao-no-042-2022-2013-cepe-unespar.pdf>. Acesso em: 15 ago. 2023.

UNESPAR. **Edital nº. 017/2023 – PROEC Programa Institucional de Apoio à Inclusão Social – Pesquisa e Extensão Universitária PIBIS/UNESPAR (Fundação Araucária)**. 2023a. Disponível em: <https://proec.unespar.edu.br/menu-extensao/pibis/2023/pibis-edital-017-2023.pdf>. Acesso em: 15 ago. 2023.

UNESPAR. **Edital nº. 017/2023 – PROEC Programa Institucional de Bolsas para Extensão Universitária – PIBEX/UNESPAR (Fundação Araucária)**. 2023b. Disponível em: <https://proec.unespar.edu.br/menu-extensao/pibex/2023/2023-06-15-edital-19-2023-pibex.pdf>. Acesso em: 15 ago. 2023.

# EXPERIÊNCIAS COMPARTILHADAS EM PROJETO EXTENSIONISTA COM PROFESSORES PELA VIA DA RACIONALIDADE ESTÉTICA

Cyntia Simioni França<sup>13</sup>

Carolina Oliva Rodrigues de Oliveira<sup>14</sup>

---

<sup>13</sup> Docente e coordenadora do Projeto de pesquisa e extensão intitulado Formação docente e produção de conhecimentos histórico-educacionais pela via da autoridade compartilhada, do campus de Campo Mourão.

<sup>14</sup> Mestranda integrante do projeto de pesquisa e extensão intitulado Formação docente e produção de conhecimentos históricos-educacionais pela via da autoridade compartilhada



**RESUMO:** Compartilho um relato de experiência de um projeto de extensão desenvolvido em 2022, na Universidade Estadual do Paraná (UNESPAR) junto com professores da Rede Pública de Ensino do estado do Paraná, na cidade de Campo Mourão. A ação extensionista foi baseada em experiências de ensino durante a pandemia de Covid-19. Para estabelecer um diálogo sensível com essas narrativas de experiências, nos apoiamos nas concepções teórico-metodológicas do filósofo Walter Benjamin. Nos encontros, buscamos ressignificar o espaço de construção do conhecimento histórico via sensibilidade estética. Nas teorias benjaminianas, destacamos principalmente a importância do uso da memória para estabelecer diálogos com as camadas de tempos que atravessam o sujeito. E assim, instituir novas práticas históricas endurecidas pelo conhecimento racional instrumental. Buscando nas brechas do mal histórico, formas de escapar das estruturas racionalistas que não conseguem, trazer em si, as sensibilidades do sujeito que vive a história. Dessa forma, buscamos no movimento contrário à história tradicionalista, roçar o sentido na contra-mão dos discursos oficiais e nos aproximar das narrativas de experiência tecidas pelos professores que viveram um tempo que se revelou incerto e traumático para a humanidade.

**Palavra-chave:** Formação de professores; experiência compartilhada; atividades extensionistas.

**ABSTRACT:** I share an experience report of an extension project developed in 2022, at the State University of Paraná (UNESPAR) together with teachers from the Public Education Network of the state of Paraná, in the city of Campo Mourão. The extensionist action was based on teaching experiences during the Covid-19 pandemic. To establish a sensitive dialogue with these narratives of experiences, we rely on the theoretical-methodological conceptions of the philosopher Walter Benjamin. In the meetings, we seek to reframe the space for building historical knowledge via aesthetic sensitivity. In Benjamin's theories, we mainly highlight the importance of using memory to establish dialogues with the layers of times that intersect the subject. And thus, institute new historical practices hardened by instrumental rational knowledge. Searching in the gaps of the historical bad, ways to escape the rationalist structures that cannot, bring in themselves, the sensibilities of the subject who lives the history. In this way, we sought in the movement contrary to traditionalist history, brushing the meaning against the grain of official discourses and approaching the narratives of

experience woven by the teachers who lived in a time that proved to be uncertain and traumatic for humanity.

**Key-words:** Teacher Training; Experience shared; Extension

## 1. INTRODUÇÃO: CONHECENDO O PROJETO EXTENSIONISTA

O projeto formativo extensionista *Mosaicos*<sup>15</sup>, nasceu com o desejo de ressignificar as experiências vividas na pandemia da Covid 19 junto com as professoras da rede municipal e estadual da cidade de Campo Mourão, no interior do estado do Paraná. Este momento significou a suspensão de nossas “certezas” e sentido da *cotidianeidade*. Colocou em jogo o costumeiro dia-a-dia e nos trouxe um estado de exceção<sup>16</sup>.

Sáimos desse tempo pandêmico, querendo contar, dialogar, compartilhar experiências, daquilo que vivemos em um tempo tão singular, de experiências traumáticas e sensíveis. Sáimos fragilizados, depois de enfrentar e resistir uma doença infecciosa que atingiu mais de 200 países e nos assola e ainda nos assombra.

Foi em março de 2021 que a Organização Mundial da Saúde (OMS) declarou o primeiro surto do vírus SARS-CoV2, no Brasil. Porém, seu alto potencial de contágio, precisou adotar medidas drásticas de afastamento social para conter a disseminação da doença e suas mutações. Portanto, o mais importante para reduzir o risco de exposição ao vírus, era o uso de máscaras, manter a higiene das mãos, deixar os ambientes bem ventilados,

<sup>15</sup> A escolha desse nome está inspirada na dimensão escrita de Walter Benjamin em que incorpora em seus escritos o uso de fragmento, produzindo conhecimento como montagem, imagens que se conectam entre si. Pedacos que contém uma significação de mundo dentro de si. A imagem do mosaico remete aos pequenos pedacos que formam o todo sem perder as suas singularidades. O emprego dessa imagem em meu trabalho reflete exatamente essas figuras de pensamentos múltiplas e fragmentárias que surgem das narrativas dos professores na sutura desta dissertação.

<sup>16</sup> O estado de exceção em Walter Benjamin, aparece de duas maneiras em seus escritos. Uma está localizada no âmbito do direito para discutir, as questões de relação e lei a partir de um meio e um fim na sua aplicabilidade na sociedade. O segundo viés, utilizado para refletir sobre o estado de exceção, aparece a partir da reflexão de Benjamin, concebendo o início da formação do pensamento moderno, que parte da premissa do mundo como indeterminado e interminado e o homem em oposição prisioneiro de sua finitude. O mundo então, passa a tomar dentro das ciências positivistas que vão surgindo como circular e fechado, racional e prático. O homem moderno passa assim da quietude para a inquietação, pagando o preço do progresso e a angústia da mudança incessante, em um movimento linear. Walter Benjamin, compreende assim, que tudo o que sai dessa possível “ordem progressista” e habita um plano sublunar seria então o Estado de Exceção. Em relação ao tempo em que vive, ele compara o Estado de Exceção, como as greves, revoltas e as guerras que vão se formando, em contraposição ao clima supostamente instável da racionalidade.

sempre que possível, evitar aglomerações e reduzir ao máximo o contato próximo com muitas pessoas, principalmente em espaços fechados.

A COVID-19 custou a vida de muitos brasileiros, devido ao descaso governamental do presidente vigente da república no período pandêmico Jair Bolsonaro. (Nesse momento que escrevo a dissertação o registro é de 699.634 mortes no Brasil). Este alto número de mortes, poderia ter sido menor, se tivesse, em tempo hábil, a tomada responsável do discurso governamental, em favor do discurso científico e da OMS, a compra da vacina em tempo hábil, entre outras medidas de proteção às vidas.

Ao invés disso, o governo *Bolsonarista*, não apoiou o uso das máscaras, o tom de deboche nas entrevistas em relação ao descaso com a vida dos brasileiros, para o presidente não valiam nada, além de espalhar informações que descredibilizavam as falas de médicos e especialistas da saúde em relação a pandemia, dificultando ainda mais a compra e vacinação da população.

Atrelado a esse contexto, as falas negacionistas do presidente Jair Bolsonaro em vários canais de comunicação em relação ao reconhecimento da gravidade da doença custaram a vida de muitas famílias que deixaram de ir se vacinar, devido ao discurso *negacionista*, alimentado pelo governo federal. Muitas pessoas se expuseram e se deixaram ser influenciadas por essas falas, apoiando o governo obscuro de Bolsonaro. Junto com o governo federal, os negacionistas promoveram aglomerações em espaços públicos e privados não considerando os decretos e orientações da OMS e endossaram a fala do presidente que a COVID-19 era apenas uma “gripezinha”.

Além disso, a pandemia veio agravar vários problemas sociais do Brasil, as dimensões foram maiores para a população em estado de vulnerabilidade no país. A economia ficou em um beco sem saída, especialmente por conta do isolamento social, muitas famílias foram desempregadas, outras trabalharam na informalidade, levando à fome e a miséria alcançando altos índices.

Para colocar em ação o projeto extensionista durante o processo de produção de conhecimento histórico-educacional, construímos 5 mosaicos com as professoras nos encontros semanais, ocorridos no Laboratório do Ensino de História da Unespar, na cidade de Campo Mourão, no interior do estado do Paraná. As professoras, preferiram se identificar-se ao longo da pesquisa por meio de pseudônimos, para preservar suas identidades. Eram elas: Maia, Flor de Lua, Sil Oliveira, Rosalina e Tais.

Desta forma, esse projeto extensionista buscou escutar as experiências vividas na pandemia das professoras da rede pública de ensino municipal e estadual da cidade de Campo Mourão, localizado no interior do estado do Paraná. Por meio de suas memórias expressas em narrativas orais, escritas e iconográficas buscamos produzir coletivamente conhecimento histórico e educacional tendo como mote de reflexão à docência na pandemia.

## 2. DESCRIÇÃO E ANÁLISE TEÓRICO-METODOLÓGICA

Para entender a importância do projeto extensionista na pandemia, precisamos colocar dentro desta discussão dois espaços que coexistem, o âmbito público<sup>17</sup> e a esfera privada da existência; pois, na pandemia, o âmbito público invadiu a esfera privada de nossas vidas durante o isolamento social, pelos visores e telas de nossos aparelhos tecnológicos. Quais efeitos sofremos ao nos distanciarmos das relações com o outro? Os medos, as angústias, parecem estados demasiadamente humanos para constituir uma narrativa oficial, mas a história não é feita disto? Das experiências humanas entrelaçadas ao tempo histórico que discorre entre as vidas humanas? Ou seja, de nossas ações inscritas nas passagens do tempo?

Por isso, pensamos na consistência da linguagem em que o sujeito se constitui, como trajetória e identidade e seu “eu” se reconhece na relação com o outro, em diferentes tempos e espaços, no sentido da alteridade e as inter-relações. Levamos em consideração, também, durante as atividades extensionista, que é por meio das falas autorreferentes (relacionados ao falar de si), que a experiência da própria vida ganha forma e conteúdo (BENJAMIN, 2007). Assim, buscamos compartilhar narrativas de professores sobre a pandemia, a fim de que pudéssemos nos aproximar e falar da pandemia por meio das nossas experiências vividas e ressignificá-las. E a partir disto, apresentar como foi a realidade do trabalho docente, pelas experiências das professoras, que viveram esse momento, e trazem em suas narrativas, o retrato de medidas opressoras das políticas públicas educacionais, pelo qual, muitas vezes, os docentes perderam a visão que

<sup>17</sup> Neste texto, o conceito de público utilizado, é o dado por Hannah Arendt, em “A condição humana” (1997), refletindo uma antropologia da práxis em relação ao âmbito público. Para a autora, essa seria uma esfera do comum, para o exercício da vida política, caracterizado pelo uso da palavra e da retórica. Com base nos textos clássicos de Aristóteles, Hannah Arendt, apresenta como um espaço para exercício da vida política. Centrado na ideia de acessibilidade e acesso para todos; onde você pode ser visto e ouvido por todos.

integra o caráter humano e foram transformados em máquinas reprodutoras presos à um sistema de ensino remoto.

Dialogamos com o filósofo Walter Benjamin, autor multifacetado, que ao se debruçar sob seu próprio tempo, produziu reflexões sobre a produção de conhecimento histórico e ressignificação do sentido da subjetividade na modernidade do fim do século XIX e meados do século XX, levando em consideração as angústias dos tempos modernos e seu progresso incessante.

Seu pensamento acerca da modernidade transforma-se em metáforas, mônadas, fragmentos de memórias e personagens urbanos, representações de imagens de pensamento, que refletiam a sua perspectiva de realidade.

Concebemos o tempo nestas atividades extensionistas, acolhendo o tempo do Kairós, como ensina Walter Benjamin, em seu livro *Passagens* (1985), ao qual ele trabalha uma ideia temporal fora das medidas cronológicas, ditadas pelo movimento da produção industrial. Em Walter Benjamin, encontramos um alargamento da concepção de tempo, através das imagens dialéticas produzidas no agora, entrecruzada por tempos já vividos e experienciados, mas que só podem ser compreendidos pela imobilidade do agora.

Benjamin investe na concepção temporal de imagens plurais e polissêmicas, para que conseguimos escapar da sensação anestesiada do sempre igual, fruto do tempo progressista e linear. E nestes entrecruzamentos de temporalidades, fios que cruzam uns pelo outro é nestes instantes, em que Benjamin, reconhece a apreensão de um presente, na tomada de consciência do subjetivo: “Tais imagens podem nos colocar diante da história e diante de nós mesmos na história, portanto, o que se busca captar não é o passado, nem o presente, nem o futuro; não é o eu ou o outro; são as relações.”. (CUNHA, 2023, p.297).

A partir destes caminhos teórico-metodológico, constituiu-se a concepção de tempo dos encontros com as professoras, considerando a via benjaminiana da sensibilidade, olhando para a subjetividade, percebendo que em cada um de nós, há um marco temporal construído através de nossas experiências. Essas experiências formam fios entrecruzados, que escapa ao encarceramento do tempo cronológico e do sujeito coisificado. Ao atentarmos às centenas de detalhes, conseguimos perceber as várias constelações do tempo sobre a nossa cognoscibilidade existencial.

O índice histórico das imagens diz, pois, não é apenas que elas pertencem a uma determinada época e atingir essa “legibilidade” constitui um determinado ponto crítico específico do movimento em seu interior. Todo presente é determinado por aquelas imagens que lhe são sincrônicas: cada agora é o agora de uma determinada cognoscibilidade. Nele a verdade está carregada de tempo até o ponto de explodir. (Esta explosão, e nada mais, é a morte da *intentio*, que coincide com o nascimento do tempo histórico autêntico, o tempo da verdade). Não é que o passado lança a luz sobre o presente ou que o presente lança sua luz sobre o passado; mas a imagem é aquilo em que o ocorrido encontra o agora num lampejo, formando uma constelação. Em outras palavras: a imagem é a dialética da imobilidade. Pois, enquanto a relação do presente com o passado é puramente temporal, a do ocorrido com o agora é dialética – não de natureza temporal, mas imagética. Somente as imagens dialéticas são autenticamente históricas, isto é, imagens-não-arcaicas. A imagem lida, quer dizer, a imagens no agora da cognoscibilidade, carrega no mais alto grau a marca do momento crítico, perigoso, subjacente a toda leitura. (BENJAMIN, 1985, p.505).

Por isso, buscamos a compreensão das subjetividades docentes como modos de ser e estar no mundo, junção de elementos experienciados durante nossa vida, que formam um referencial da nossa identidade.

Para conhecer as experiências docentes na pandemia, de modo a entender o que foi ser professor neste momento, escolhemos enveredar pelo trabalho com as memórias em práticas de rememoração, em uma perspectiva benjaminiana. Tais memórias foram expressas em narrativas orais, escritas e iconográficas. Esse exercício de rememoração foi potencializado, através de leituras de obras de arte e fragmentos literários, como possibilidade de estimular outras alegorias<sup>18</sup>.

O projeto extensionista foi realizado no Laboratório de Ensino de história (LEHIS), da UNESPAR – Universidade Estadual do Paraná. Local para

<sup>18</sup> Walter Benjamin na obra a “Origem do drama barraco” (1984), apresenta algumas considerações ligadas à sua *práxis* de leitura e de escrita, abordando temas filosóficos, mas que se unem na escrita da história para compor outras formas de linguagem na abordagem do tempo e da ação dos homens. A alegoria são representações simbólicas da natureza moral e política, composto de iconologias, produzindo uma escrita que contém em si imagens de coisas. Assim, as expressões que constituem uma frase ou um discurso produz uma erupção de imagens, presente na natureza das coisas, ou seja, produzem outros dizeres.

realizar atividades de ensino de História com estudantes universitários. Devido aos programas de Residência Pedagógica e PIBID, além dos mestrados, este espaço ampliou seu alcance e vem sendo usado por grupos externos para atividades extensionistas ligadas à universidade (como estudantes e professores da Rede Básica de ensino; grupos sociais que constituem).

É no espaço do LEHIS que são produzidos materiais didáticos e paradidáticos, ampliando as possibilidades de produção de conhecimentos históricos-educacionais pela via dialógica, coletiva e colaborativa. Nos reunimos quinzenalmente no Laboratório de Ensino de História, no período de junho de 2022 a agosto de 2022. As reuniões foram coordenadas por mim (Carolina) e contando com a supervisão da Prof. Cyntia Simioni França. Assim, nossos encontros aconteceram às quintas-feiras à noite, das 19 horas até às 21 horas. No total foram 5 mosaicos, em que nos debruçamos sobre temáticas que envolviam o contato com a arte e a linguagem literária, ao mesmo tempo em que discutimos sobre nosso tempo e experiências de ser professor na pandemia.

No 1º Mosaico *“O narrar das linhas vividas”* foi um encontro dedicado para compartilharmos as nossas trajetórias de vida na relação com objetos históricos e como eles se reconhecem como docente. Discutimos a importância da memória como forma de enraizarmos no tempo, no espaço e nas relações sociais estimuladas por fragmentos literários e a obra de arte: *“A persistência da memória”* do pintor Salvador Dali.

No 2º Mosaico *“Experiências vividas na pandemia”*, refletimos coletivamente como nos enxergávamos no mundo após dois anos de pandemia, partilhamos as experiências significativas vividas durante o período de reclusão e isolamento social e o retorno ao convívio coletivo, especialmente no espaço escolar.

Em relação ao 3º Mosaico *“Trajetória, experiência e trabalho: O ser no tempo”*, abrimos esse encontro com a obra de Salvador Dali *“Saturno devorando um filho”* estimulando as professoras narrarem sobre o tempo, como elas compreenderam esse elemento histórico não palpável, mas que sentimos seus efeitos na pandemia. Adentrando ainda para pensarmos coletivamente como a mente e o corpo se conectaram nesse tempo pandêmico.

Enquanto o 4º Mosaico *“A percepção do entorno e a reflexão com imagens cotidianas”* foi um encontro com a Obra de arte: Pintor: Khariton Platonov possibilitou as professoras produzir alegorias, narrando os impactos da pandemia na sua vida pública (relações sociais); como percebeu

habitar a cidade na pandemia (o entorno e o outro nos espaços das ruas e da escola). Quais problemas sociais se agravaram e ficaram evidentes? Como eles percebiam o cenário urbano? Quais problemas e mudanças eles perceberam no entorno e na escola?

Deste modo, o 5º Mosaico “*A miséria do olhar*” foi um encontro impactante, pois realizamos uma releitura da obra de arte “Hipocrisia da fome do Luís Duro” e alguns fragmentos literários da obra o “Quarto de despejo: Diário de uma favelada” da autora Maria Carolina de Jesus e depois os professores compartilharam suas visões de mundo sobre o contexto político da pandemia, como se reinventaram perante as políticas públicas educacionais que de certa forma não estava interessada nas dificuldades sociais dos estudantes e professores, mas muito mais para autopromover sua imagem com decisões superficiais, que aparentavam um cuidado social, mas que não resolviam os problemas que vieram com a pandemia. No caso da educação, muitos estudantes ficaram de fora por não ter condição social suficiente para acompanhar o ensino remoto e a prática de ensino teve de ser repensada para superar as dificuldades impostas.

É importante destacar que os encontros fizeram parte de um projeto extensionista coletivo e as professoras foram protagonistas, isso porque esse projeto foi com as professoras e não sobre as professoras (FRNÇA, 2015). O diálogo foi constante durante os encontros com as professoras, muitas vezes modificamos conjuntamente a proposta inicial, outras vezes, além das literaturas propostas, foram alimentadas por novas sugestões das professoras, agregando outras referências que faziam parte da sua experiência pessoal.

Esse sentido de compartilhamento, possibilitou caminhos de troca, o que enriqueceu os encontros formativos pela via de mão dupla (FRISCH, 2016). Além das partilhas dialógicas, no ato de narrar sobre o “eu” estava imerso sobre todo o conjunto social, foi no falar sobre a vida coletiva que estabelecemos caminhos e percorremos conjuntamente as práticas de rememoração em uma perspectiva benjaminiana.

Em relação às programações dos mosaicos o fluxo seguiu uma ordem própria. Como naturalmente flui as coisas que partem da natureza humana. Muitas vezes, ultrapassamos o horário delimitado. Também tivemos de alterar datas. Mas isso faz parte, as pesquisas não seguem um ritmo linear e controlável. Tudo é ditado pelo espírito e “ritmicidade” da vida das professoras e pesquisadoras. Em alguns encontros, resolvemos

abrir com uma poesia, outras vezes, finalizamos com um trecho de conto ou romance, inclusive, muitas ideias foram das professoras, o que me deixava surpreendida. Foi um trabalho de muito envolvimento.

Figuras 1 e 2: Grupo de formação de professores “Mosaicos no LEHIS”



Fonte: acervo da pesquisadora, 2022.

Quanto às atividades extensionistas durante os 5 mosaicos, apresentamos várias possibilidades como diálogo com fragmentos literários, produção de poesias, elaboração de narrativas escritas e audiovisuais. Além disso, entregamos um caderno para cada professora levar para casa e se sentissem à vontade, escreverem mais intimamente suas opiniões, seu dia a dia e sobre o processo de formação. Esses cadernos não precisavam ser devolvidos para a pesquisadora. Foi estabelecido um acordo, de que, se as professoras tivessem interesse para me disponibilizar no final do grupo, eu receberia, senão poderiam guardar os cadernos para si como um registro deste processo formativo. Também conversamos sobre a importância de compartilhar as narrativas produzidas com o grupo. Embora existisse um esboço da proposta formativa, mas os interesses e sugestões das professoras foram levados em conta.

Contamos sobre a escolha de obras de arte e fragmentos literários para dialogarmos como alegorias na interface com ser professor na pandemia. Nossa escolha estava voltada para as imagens literárias e artísticas que me formaram como ser humano no decorrer da vida. Apostamos na articulação das questões históricas ao mesmo tempo que poderíamos, nos relacionar

com a arte e a literatura para representá-las de outras formas, como por exemplo, produzindo leituras alegóricas (BENJAMIN, 1985), escapando de um discurso enrijecido e técnico que muitas vezes, dificultam nosso relacionamento com os acontecimentos e narrativas sobre o tempo.

E em uma tentativa de produzir alegorias, unimos discussões que nos cercaram, sobre nosso contexto. Consideramos que muitos acontecimentos às vezes nos fogem da capacidade de narrar, pois nos tocam profundamente, preconizando nossos sentidos, e uma escrita aos moldes cartesianos, acaba tornando excludente essas sensações. Muitas vezes, ao olhar para uma obra de arte, nos sentimos tocados (LARROSA, 2002), por aquilo que ela dispara em nossa memória; as nossas impressões, às vezes, são intransmissíveis, salvo se a transformamos em versos literários. E assim, o narrador toma outras dimensões e outras formas de dizer.

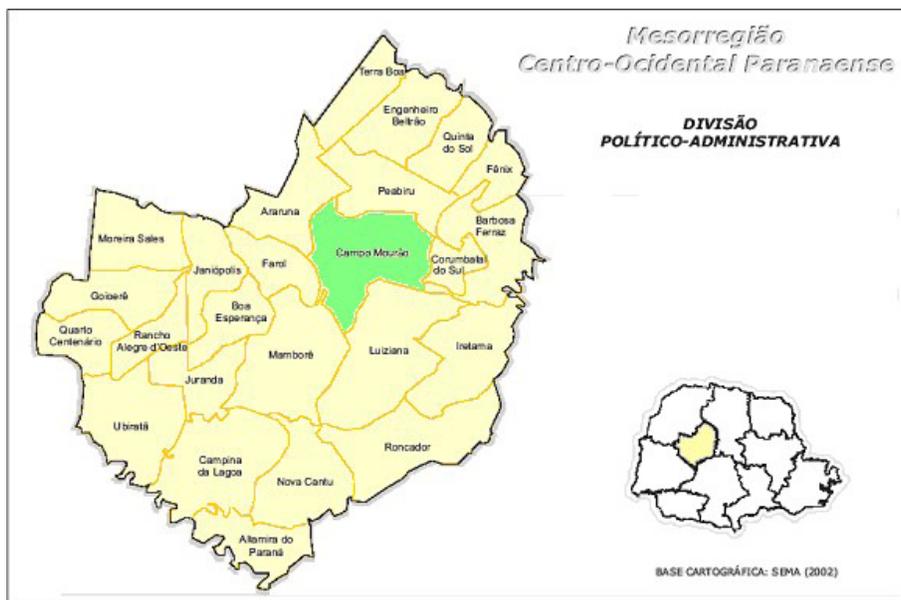
Ao trazer essa proposta as professoras acolheram com entusiasmo. Apresento a percepção da professora Sil Oliveira sob o projeto: "(...) Nossa me fez lembrar do meu gosto desde menina pela literatura, principalmente de romances. Em seguida a professora Flor de Lua também enfatizou: "Muito bom retomar um tempo para ler, esses nossos tempos de hoje, eu sinto que estamos em uma miséria intelectual muito grande.". Essa questão com as obras de artes e fragmentos literários mobilizou as professoras em vários encontros com falas bastante sensíveis, entre elas:

A organização da sociedade hoje, privilegia apenas algumas classes, enquanto outras não conseguem ao menos se relacionar com a arte, pois está trabalhando para manter suas necessidades mais básicas, isso representa uma estratificação do acesso à literatura. Sendo assim, enquanto professora, eu me pego reinventando minhas práticas e tentando ter acesso à cultura pelas brechas que encontro. Vejo a literatura, assim, como um facilitador para o conhecimento histórico. Faz muito "mal" para o aluno o professor que não lê.  
**(Professora Flor de Lua)**

### 3. ESPAÇO PÚBLICO DE ATUAÇÃO DAS PROFESSORAS

É na cidade de Campo Mourão em que foi realizado o projeto de formação *Mosaicos* e o local de atuação dos docentes, nas escolas municipais e estaduais. Ela é localizada no interior do estado do Paraná, na Mesorregião Centro Ocidental Paranaense.

Figura 3: Mapa da cidade de Campo Mourão- Paraná



**Fonte:** <http://janelaparaahistoria.unespar.edu.br/etapa1caso1.html>.  
(Acesso em: 10/08/2023).

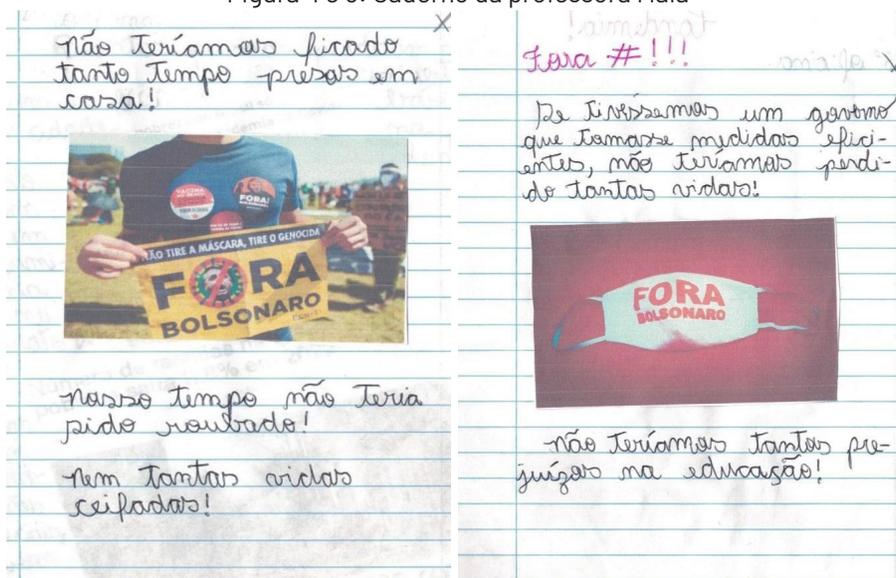
A história de Campo Mourão é disseminada por narrativas locais que privilegia uma história de “desbravadores” colonizadores que colonizaram e representam um processo de “civilização” do território. Começando assim, uma história mouraoense iniciada entre os anos de 1903 a 1910 com a construção e fixação de moradias por algumas famílias. É preciso considerar que antes destes ditos colonizadores:

Podemos dizer que o processo da ocupação da região Oeste ocorreu em quatro etapas. A primeira, e mais antiga, decorre da ocupação pelos índios que se espalhavam também por todo o território do continente sul-americano. A presença desses grupos indígenas, como Xetá, Kaigang e Guarani, foi notada no processo mais recente da colonização, fazendo com que essa população fosse mais uma vez reprimida. (PRIORI, 2012, p.02).

Sendo assim, a história contada, inicia-se com muitos apagamentos de outras existências que não aparecem nem ao menos de maneira

significativa, no museu de nossa cidade e livros locais. Para a justificativa dessas invasões, construiu-se uma concepção de “vazio demográfico”, que deveria ser ocupado por uma colonização pioneira. Acho importante destacar esses apagamentos dentro deste trabalho, pois a história que nos contam, parte da ideia de um vencedor, forte, conquistador e não devemos nos curvar perante essas ditas conquistas e apagando nossos espaços e falas. Walter Benjamin (1985) nos lembra, que devemos começar a escrever histórias outras, a partir da visão dos “vencidos”, vindo no movimento contrário da história dita progressista e vencedora. Por isso, muitas vezes volvemos nossos olhos para os grandes acontecimentos, e esquecemos que por detrás destas grandes personas triunfantes, temos outras vidas que deixaram de existir para que estas estivessem no topo. Nesse sentido, não podemos esquecer que a pandemia aqui alcançou a casa de muitas pessoas, novamente por conta de narrativas hegemônicas que continuam privilegiando apenas a classe social elitizada. Nesse trabalho trazemos narrativas a contrapelo do que as mídias e governo federal e estadual narraram para a população sobre pandemia e professores, como nos lembra a professora Maia.

Figura 4 e 5: Caderno da professora Maia



Fonte (acervo da pesquisadora, 2022)

Apresentamos duas narrativas que representam o sentido de perdas no tempo pandêmico, que tivemos durante a pandemia no grupo de formação Mosaico. A professora Maia compartilha que na pandemia:

*tivemos uma grande dificuldade em atender muitos estudantes, pois até mesmo as mães não tinham muito tempo para buscar atividades, ou até mesmo auxiliar em casa nos deveres. E, mesmo fora da hora de trabalho, eu atendia muitas mães que me mandavam mensagem pois estavam com dificuldade em entender algum exercício. Havia, porém, uma mãe muito dedicada que sempre me procurava e tentava manter em dia as atividades da filha. Um dia ela sumiu, e eu fiquei preocupada em saber o que estava acontecendo... descobri então que o pai da minha aluna havia contraído covid e a mãe estava cuidando dele, não tinha muito tempo para ajudar a filha. Porém, o tempo foi passando e ela não voltava. Até que recebemos a notícia de que ela havia contraído a doença do marido e foi a óbito. Fiquei sem reação. Quando algumas atividades voltaram para o presencial, minha aluna também voltou para a sala de aula, e eu não sabia o que dizer a ela, não sabia como ela estava se sentindo. Pedi para que eles fizessem um desenho, e ela desenhou sua família e no lugar de sua mãe ela colocou uma estrelinha. **(professora Maia)***

O que fazer depois de escutar uma narrativa, enquanto pesquisadora me questionava, como lidar com narrativas de luto, de dor, sofrimento? Outra professora, a Flor de Lua, partilhou uma inquietação e angústia, chamando a atenção de que ainda não paramos para pensar:

*como ficaram nossos alunos depois da pandemia: "Para muitos, a escola é uma casa e uma proteção, muitas vezes ali na aula, os alunos vinham e contavam que estavam passando por situações difíceis em casa. Encontravam em nós lugar para desabafar. E aí, um dia aparece no noticiário que os casos de abuso sexual em crianças e adolescentes haviam aumentado durante a pandemia, assim como agressão às mulheres". Ela reflete muito sobre isso, e diz: "Como estavam meus alunos? A convivência dentro de casa? Será que um dia aqueles que estão sofrendo e se sentem abandonados por nós professores ... será que eles um dia vão nos perdoar?". **(professora Flor de Lua)***

Essas duas narrativas desestabilizaram os diálogos, embargou nossas vozes. Sabemos que essas questões, caracteriza nossa natureza humana; são nossas inquietações e sensibilidade que nos move. Essa nossa relação com o mundo de tentar entendê-lo e nos relacionar com ele possibilita reconhecermos nossa existência e presença no mundo, como nos constituímos perante nossas interações com tudo ao nosso redor e na relação com o outro. É através dessa busca (in) consciente e (i) racional da realidade que conseguimos nos reconhecer espaço e temporalmente falando.

#### 4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A elaboração do projeto extensionista *Mosaicos* surgiu da necessidade de narrar sobre aquilo que vivemos enquanto professores na pandemia e para encontrar palavras para ressignificar os efeitos da pandemia em nossas mentes e corpos.

Esse projeto extensionista debruçou também sobre a necessidade de ouvir aqueles que ainda conseguem narrar o incontável, diante de tantas perdas e luto. Visto que o inimigo nunca cessa de vencer, como Walter Benjamin (2007) nos apresenta, sobre o avanço de uma história única, sobrepõe a diversidade das narrativas que habitam as ruínas do tempo histórico.

Por isso, reiteramos a importância de apostarmos em ações extensionistas mais sensíveis e que dialogam com o sentido da subjetividade e a ressignificação da produção de conhecimento e narrativas históricas bem como consideres os sujeitos como protagonistas das atividades tecidas. Endossamos práticas extensionistas calcadas nas experiências, em práticas de rememoração e na relação entrecruzada com o outro e consigo mesmo. Convidamos caros(as) leitores(as) a se inspirar em ações extensionistas que enveredam por projetos humanos e emancipatórios.

#### REFERÊNCIAS

BENJAMIN, Walter. **Passagens**. 2. ed. Tradução de: Irene Aron. Belo Horizonte. Editora UFMG, 2009.

\_\_\_\_\_. **Magia e técnica, arte e política. Ensaios sobre literatura e história da cultura**. Obras escolhidas. Tradução de: Sérgio Paulo Rouanet. Volume 1. 1.ed. São Paulo: Editora brasiliense s.a, 1985.

\_\_\_\_\_. **Origem do drama barroco alemão.** Tradução de Sergio Paulo Rouanet. São Paulo: Brasiliense, 1984.

CUNHA, Nara Rubia de Carvalho. Uma flanêur por Ouro Preto: experiência de formação docente inspirada em Walter Benjamin. In: Elison Antônio Paim, Giovanna Santana, Maria Sílvia Duarte Hadler (org). **Conhecimentos histórico-educacionais: diálogos com Walter Benjamin.** São Paulo: Pimenta Cultura, 2023, p. 277-309.

FRANÇA Cyntia Simioni. **O Canto da Odisseia e as Narrativas Docentes:** dois mundos que dialogam na produção de conhecimento histórico-educacional. Tese (Doutorado) – Faculdade de Educação, Universidade Estadual de Campinas. Campinas. 2015.

FRISCH, Michael. A história pública não é uma via de mão única ou de A Shared Authority à cozinha digital, e vice-versa. In.: MAUAD, Ana Maria, ALMEIDA, Juniele Rabêlo de. SANTHIAGO, Ricardo (Orgs.). **História pública no Brasil** – sentidos e itinerários. São Paulo: Letra e Voz, 2016. p. 57-71.

LARROSA, Jorge Bondia. **Notas sobre a experiência e o saber da experiência.** Ed<sup>o</sup> 19. Campinas/SP. Revista Brasileira de Educação, 2002, p. 20-28.

PRIORI, A., et al. **História do Paraná: séculos XIX e XX** [online]. Maringá: Eduem, 2012. A história do Oeste Paranaense. pp. 75-89. ISBN 978-85-7628-587-8. Available from SciELOBooks.

# SISTEMAS DE ESGOTO DOMÉSTICO IMPLANTADOS NO MEIO RURAL NOS MUNICÍPIOS DE IRETAMA E CAMPO MOURÃO-PR

**Tiago Vinicius Silva Athaydes<sup>19</sup>**

**Jefferson de Queiroz Crispim Coordenador<sup>20</sup>**

**Fernando Henrique Villwock<sup>21</sup>**

**Kevin Wolker Ferreira da Silva<sup>22</sup>**

**Wenniker William de Souza<sup>23</sup>**

---

<sup>19</sup> Doutor em Geografia, Agente Universitário e Professor Colaborador no curso de Geografia da Universidade Estadual do Paraná – Campus de União da Vitória, [tiagoathaydes@gmail.com](mailto:tiagoathaydes@gmail.com)

<sup>20</sup> Projeto vinculado: Águas da Comcam, Doutor em Meio Ambiente e Desenvolvimento, Professor Titular do curso de Geografia da Universidade Estadual do Paraná – Campus de Campo Mourão, [jeffersoncrispim@hotmail.com](mailto:jeffersoncrispim@hotmail.com)

<sup>21</sup> Doutor em Geografia, Professor nos cursos de Engenharia Agrônômica e Engenharia Civil do Centro Universitário Unifatecie, [fernandovillwock@hotmail.com](mailto:fernandovillwock@hotmail.com)

<sup>22</sup> Mestrando em Sociedade e Desenvolvimento, Graduado em Geografia, Universidade Estadual do Paraná, [kevinwfsilva@gmail.com](mailto:kevinwfsilva@gmail.com)

<sup>23</sup> Graduado em Geografia, Universidade Estadual do Paraná, [wenikerwilliam@gmail.com](mailto:wenikerwilliam@gmail.com)



**RESUMO:** A falta de saneamento básico no Brasil é preocupante, metade da população brasileira não conta com atendimento adequado, sobretudo nas áreas rurais onde, geralmente, não há rede coletora e estações de tratamento. Considerando que as redes coletoras e estações de tratamento de esgoto (ETE) praticamente não existem no meio rural, os sistemas alternativos, para além das fossas negras (inadequadas) e fossas sépticas (amplamente recomendadas), podem contribuir para a expansão da disposição e tratamento adequado dos efluentes domésticos (esgoto). Dessa forma, o objetivo central desta pesquisa foi discutir a problemática do saneamento rural e avaliar dois sistemas alternativos distintos de tratamento de esgoto no meio rural. Os sistemas em questão foram construídos em estabelecimentos rurais de agricultores familiares nos municípios de Iretama e Campo Mourão, através de projetos desenvolvidos pela Universidade pela Universidade Estadual do Paraná (UNESPAR), campus de Campo Mourão. Os dois sistemas desenvolvidos pela UNESPAR foram os sistemas Bacia de Evapotranspiração e o sistema Pneu Vertical. Os sistemas implantados se mostraram uma alternativa para a coleta do esgoto doméstico no meio rural em alternativa as práticas arcaicas que acabam despejando o efluente sem nenhum processo prévio de tratamento.

**Palavras-Chave:** Saneamento básico rural; sistemas de tratamento de esgoto; efluentes; contaminação ambiental; agricultura familiar.

**ABSTRACT:** The lack of basic sanitation in Brazil is alarming, nearly half of the population does not have adequate care, especially in rural areas where, generally, there is no sewage system and treatment plants. Given this, it is important to look at this reality and seek to develop actions and techniques to meet these residents in order to ensure quality of life and reduce environmental impacts. Whereas the collection networks and sewage treatment plants (WWTP) practically do not exist in rural areas, alternative systems, in addition to black pits (inadequate) and septic tanks (widely recommended), can contribute to the expansion of the disposal and treatment adequate domestic wastewater (sewage). Thus, the central objective of this research was to discuss the problems of rural sanitation and evaluate the effectiveness of three different alternative wastewater treatment systems in rural areas, identifying whether they have contributed to the reduction of environmental impacts, particularly in water and soil. The systems in question were built in rural establishments of family farmers in the municipalities of Iretama and Campo Mourão, through projects

developed by the State University of Paraná (UNESPAR), campus of Campo Mourão. Already the two systems developed by UNESPAR were the Basin Evapotranspiration systems and Vertical tire system. The systems implemented have proved to be an alternative for collecting domestic sewage in rural areas, as opposed to archaic practices that end up discharging effluent without any prior treatment process.

**KEYWORDS:** Basic Rural Sanitation; Sewage Treatment Systems; Effluents; Environmental Contamination; Family Farming.

## 1. INTRODUÇÃO

A importância do tratamento de esgoto é um dos pilares do saneamento básico, visando à preservação do ambiente e também a qualidade da saúde dos habitantes. Entende-se por saneamento básico, ações que visam o tratamento e abastecimento da água potável, coleta de lixo e tratamento de esgoto.

O interesse em estudarmos o saneamento básico rural deu-se por ser um tema antigo e que ainda na realidade brasileira é um agravante, tanto para o ambiente quanto para a saúde dos seres humanos, pois quando práticas mínimas de saneamento básico não são implementadas, o risco de contaminação de águas utilizadas para o consumo humano é maior, ao gerar inúmeras doenças, podendo até levar à morte.

A preocupação com saneamento, com ênfase para o tratamento do esgoto é algo que remonta as mais antigas sociedades. A coleta de águas servidas já era preocupação das civilizações antigas. Em 3.750 a.C, foram construídas as primeiras galerias de esgoto em Nipur (Índia) e, em 970 a.C., a construção de esgoto predial por Salomão (Azevedo Netto, 1959).

No meio urbano existem formas integradas de saneamento básico, como rede coletora e estação de tratamento de esgoto, coleta de lixo e estação de tratamento de água. Já no meio rural, faz-se necessário o desenvolvimento de outras técnicas de saneamento básico.

Dessa maneira, é de suma importância a criação e difusão de tecnologias ecológicas alternativas e que estas técnicas venham ao encontro com o tratamento do lixo, da água e do esgoto. Com isso, trabalhamos com a análise de sistemas de tratamento de esgoto implementados por projetos de extensão desenvolvidos pela Universidade Estadual do Paraná, campus de Campo Mourão, por meio do Laboratório de Estudos Geoambiental (LAPEGE).

## 2. METODOLOGIA

Foram difundidos e avaliados dois sistemas de tratamento de esgoto doméstico no meio rural: Os sistemas Bacia de Evapotranspiração (BET) e Sistema de Pneus Invertidos (PVER).

Os sistemas apresentam duas etapas de tratamento, sendo uma caixa séptica para alocar o material sólido e outra etapa para o efluente líquido. Os sistemas BET e PVER apresentam uma tubulação de inspeção na primeira caixa onde entra o esgoto bruto e uma tubulação de inspeção na bacia de evapotranspiração na parte final do sistema (efluente tratado).

O sistema BET foi implementado por meio do projeto de extensão LAPEGE vinculado ao curso de Geografia da Universidade Estadual do Paraná – Campus de Campo Mourão entre 2015 e 2016 e teve o financiamento do CNPq através da chamada MTCl/CNPQ/MEC/CAPES Nº 22/2014 – CIÊNCIAS HUMANAS, SOCIAIS APLICADAS (CRISPIM; PAROLIN, 2014). Foram instalados dois sistemas em propriedades rurais no Assentamento Muquidão, em Iretama-PR.

Um segundo sistema desenvolvido no mesmo assentamento e no mesmo período foi o PVER. Este foi adaptado do sistema construído pelo Departamento de Água e Esgoto de Uberlândia (DMAE), Minas Gerais.

## 3. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Os impactos gerados pelas atividades humanas remontam-se desde as origens da própria espécie. Drew (1986) fala que os impactos do homem sobre o meio são evidenciados desde o Período Neolítico. Práticas estas, intensificadas com o desenvolvimento da agricultura. Por mais arcaica que a atividade agrícola possa ter sido, a mesma é geradora de impactos, porém de forma menos intensa que as práticas atuais. Drew (1986) destaca ainda que a mecanização e uso de herbicidas e corretivos para o solo trouxeram impactos mais intensos. Além disso, Bigarella (2003) destaca que impactos advindos da remoção da vegetação nativa (ocasionado pela agricultura) podem carregar mais solo para os rios ou depositar em outros locais.

Vale destacar que os impactos gerados pela atividade humana vão além da agricultura, sendo mais intensa com o desenvolvimento das cidades, indústrias e demais atividades antrópicas, visto que essas são muito mais impactantes. Santos (2004) destacou que preocupações com os impactos gerados ficaram mais evidenciados com os gregos em suas

idades. Dessa forma, Drew (1986) pontua que as áreas urbanas industriais são áreas que geram maior impacto e alterações em nosso planeta. São nessas áreas que estão concentradas a maioria da população global e por isso a modificação do meio é tão intensa.

Até o surto industrial e tecnológico do século XIX, a mutação do habitat era largamente produto ou subproduto das atividades agrícolas, de forma que a água, o solo e a vegetação eram mais afetados. Hoje em dia, a ação dos sistemas atmosféricos e o oceânico também está sendo afetada pelo homem, ao mesmo tempo que se intensificaram muito a extensão e a profundidade das mudanças impostas ao ambiente hidrológico e biológico (Drew, 1986, p. 193).

Entretanto, com o desenvolvimento das atividades humanas e seus impactos, as técnicas e debates para evitar tais ações também vêm sendo desenvolvidas e aprimoradas.

A intensificação dos impactos sobre o meio ganhou destaque no último século, devido à modernização da agricultura, crescente aumento populacional na área urbana no período de industrialização e com isso, tornou-se necessário o embate sobre esses problemas. Assim, o movimento ambientalista ganhou força na metade do século passado. Porto-Gonçalves (2012) pontua que problemas como o aquecimento global, poluição industrial, lixo urbano e demais problemas ambientais tiveram preocupação mais enfática na década de 1960.

Desse modo, surge um novo desafio a ser enfrentado diante dos inúmeros impactos gerados pelo próprio sistema capitalista. Fomentando novos olhares para a relação homem e natureza, a fim de construir uma relação de vida menos impactante.

O período de globalização neoliberal já nascerá sob signo do desafio ambiental, desafio esse que não se colocara para nenhum dos períodos anteriores da globalização. Até então a natureza era considerada como uma fonte inesgotável de recursos, como vimos com o fordismo e sua crença numa sociedade de consumo de massas ilimitada (Porto-Gonçalves, 2012, p. 61). Após o boom gerado pelo crescimento urbano, modernização da agricultura, poluição e pobreza gerados por esse modelo de desenvolvimento, surge fortemente o enfrentamento a tal pensamento. Assim, os questionamentos sobre os limites do crescimento e outros requisitos passam a ser considerados para alcançar de fato o desenvolvimento econômico, social e ambiental. Dessa forma, ganham destaque as questões ambientais, discutidas por meio do viés natureza e da ecologia.

Perante essa realidade, Gudynas (2011) destaca o surgimento de encontros para o debate sobre os limites do crescimento, apontando assim o Encontro de Estocolmo em 1972. A crítica feita remete-se ao olhar de muitos economistas apenas para a natureza como um recurso a ser explorado, como solo, vegetação, água, etc.

No campo social, busca-se um desenvolvimento que enfrente a concentração de renda e da pobreza, no campo cultural a preservação de costumes que vem se perdendo, dada a globalização eurocêntrica e norte-americana e, no campo ambiental, pretende-se o debate de usos de recursos renováveis. Gudynas (2011) acrescenta que o surgimento do debate sobre as questões ambientais e os limites desse desenvolvimento fez com que surgissem algumas escolas de pensamento sobre esta temática. Como esse pesquisador é uruguaio, há uma ênfase na situação da América Latina como território agroexportador de matérias-primas para os países ricos, fato que torna essa região dependente dos mercados internacionais e sem nenhuma autonomia, de modo que os problemas ambientais geralmente não têm sido considerados pela sociedade.

Mesmo diante dessa realidade, a temática sobre as questões ambientais vem sendo abordada no meio acadêmico e elementos como a descolonização e o bem-viver têm sido colocados por Gudynas (2011) e outros pesquisadores latino-americanos como pertinentes para a superação desse modo de vida e do desenvolvimento desigual e impactante para o ambiente, na busca por um desenvolvimento mais justo ou por alternativas ao desenvolvimento clássico, que necessitam de uma ampla articulação política e social.

Gudynas(2011) ainda propõe a existência de três tipos de sustentabilidade, sendo a sustentabilidade fraca, forte e superforte. A sustentabilidade fraca embasa sua teoria na economia clássica, pontuando a necessidade de custear o valor do impacto gerado, colocando preços nos elementos ambientais, enfatizando apenas o valor econômico dos recursos naturais, não considerando outros valores também necessários, em suma ela é alvo de críticas dos adeptos dos demais tipos de sustentabilidade.

Na sustentabilidade forte, parte-se da ideia de que por mais que se pague pela devastação ambiental e extração dos recursos naturais, a regeneração daquele impacto não acontece de forma tão rápida como uma transação monetária. Assim, a sustentabilidade forte coloca em concordância outros valores, como o valor ecológico, buscando assegurar o

direito e respeito dos ecossistemas, colocando equidade entre os valores econômicos e ambientais.

A outra corrente destacada é a da sustentabilidade superforte que destaca também a importância dos valores sociais, culturais, estéticos, religiosos, etc. Para essa corrente, nenhum fator está acima de outro, sendo importante o debate entre as comunidades sobre estas questões. A sustentabilidade superforte só será consolidada quando for realizada de forma holística e integrada entre os diversos agentes e interesses, de modo que a redução das desigualdades sociais e da concentração do poder político e econômico são fundamentais.

Considerando essas correntes, a realidade da América Latina e do Brasil foi pautada em um entendimento tardio frente às questões ambientais e de políticas públicas ineficientes e centralizadas para esta questão. No caso do Brasil, Gudynas (2011) diz que o mesmo acabava de sair de um regime de ditadura militar, com grande desequilíbrio social e descontrole orçamentário nas receitas da União. Com a redemocratização do país, foram adotadas medidas de cunho neoliberal, a crítica ao Estado e um forte ataque e pressão frente a alguns setores estatais, sendo empurrado para as privatizações. Esse regime teve forte comando na década de 1990.

Nos últimos anos têm sido intensificados o debate e a difusão de vários pensamentos relacionados à questão ambiental, o respeito ao ecossistema, uma crítica consistente desse modelo e o surgimento de novos modos de relação entre sociedade – natureza, menos desigual e com menor impacto ambiental. Em especial, na América Latina tem surgido nomes como Arturo Escobar, entre outros que têm debruçado sobre esse debate, visando superar esse desenvolvimento desigual, com destaque à valorização dos costumes e valores latino-americanos contra a cultura hegemônica da globalização capitalista europeia e norte-americana, especialmente.

Por fim, a questão ambiental tem sido marcada positiva, avanço aqui entendido como respeito à resistência à lógica exploradora do chamado desenvolvimento convencional. Ao mesmo tempo é necessário reconhecer a existência de desencontros, e retrocessos neste processo, apoiado por esse modelo de exploração dos recursos ambientais, da pobreza e nas mudanças de legislação ambiental para satisfazer os interesses de uma minoria que controla toda essa lógica de exploração. É importante intensificar o debate sobre as questões ambientais e a relação de sociedade –

natureza imposta por esse modelo, democratizando, assim, as informações com toda a sociedade, buscando superar divergências das correntes do ambientalismo para um modelo conjunto do que se pretende realizar para uma nova ordem de relação sociedade- natureza.

A água é um elemento fundamental para a vida, de modo que as primeiras civilizações das quais se tem relato, fixaram-se próximas aos corpos hídricos. Para Freisleben et al., (2010,

p. 2)“a água é um recurso indispensável, não somente para a manutenção da vida de todos os seres vivos, como também para o desenvolvimento social e econômico”. Schimitz (2017) apresenta a concordância de que a água é um fundamental elemento à vida, entretanto a sua origem em nosso planeta é ainda discutida.

Diante das inúmeras contribuições que a água propiciou e propicia para as sociedades, faz-se necessária a preservação e manejo adequado deste elemento. Uma das formas refere-se ao saneamento básico, sobretudo ao tratamento do esgoto, para que a água possa ser reutilizada. “O saneamento surgiu como tentativa de afastar as fezes e a urina das moradias, logo que os homens passaram a viver em comunidades” (Paffrath, 2013, p.15).

A preocupação com as consequências geradas pela falta de saneamento básico, especialmente para a disposição e tratamento do esgoto, é uma realidade da sociedade brasileira e de seus governantes, tema esse que é atual e que vem sendo citados na mídia e em eventos sobre meio ambiente. “No Brasil, a primeira forma de coleta de excretas era feita em barris de madeira, chamados de cubos, que ficavam nos jardins das casas” (Paffrath, 2013, p.17). A limpeza desses barris era feita pelos escravos que levavam os dejetos até os locais de coleta (Decah, 1984). Posteriormente vão sendo criadas as redes coletoras de esgoto. “A primeira rede coletora de esgoto desenvolvida no Brasil foi realizada no Rio de Janeiro nos períodos de 1857- 1864” (Azevedo Netto, 1959, p.17). Depois vão sendo desenvolvida em outras cidades. “Posteriormente, Recife também desenvolve sistema de esgoto” (Azevedo Netto, 1959, p. 17).

Um dos sistemas difundidos a princípio foi o de separador parcial. Foi escolhido o sistema de separador parcial, fazendo a combinação das águas pluviais derivada de telhados e pátios com as águas residuais, ambas coletadas por um único sistema (Sobrinho; Tsutiya, 2011). As primeiras cidades a receberem os projetos de rede coletoras de esgoto foram as

cidades portuárias, dado a toda dinâmica econômica da época em torno destas localidades, pois eram através dos portos que os produtos eram transportados para outros países. Daí a preocupação com saneamento básico nessas cidades.

Entre 1968 e 1971 foi criado o Plano Nacional de Saneamento (PLANASA), que pretendia desenvolver um amplo programa de práticas de saneamento básico em todas as cidades brasileiras. Uma característica do primeiro PLANASA era a centralidade dos governos federal e estadual na política de saneamento, diferentemente das políticas atuais.

A missão a ser empreendida envolvia um amplo e agressivo programa de realizações, não somente voltado para os grandes conglomerados mas, também, para atender as cidades médias e pequenas do interior do país, numa tentativa de menor prazo, ampliar os índices de atendimento à população urbana brasileira (Pires, 1979, p. 30).

A centralidade federal e estadual do PLANASA não contribuiu com a participação municipal, que eram os locais onde os sistemas iriam ser implementados. “Esses modelos de planejamento consideravam o problema da falta de saneamento como uma questão técnica, sem participação daqueles afetados por esse problema” (Paffrath, 2013, p.18). Com isso, não era levado em consideração as particularidades de cada local. Até a década de 1960, o Brasil já havia passado por alguns ciclos de planejamento, sem sucesso.

A centralidade deste sistema tinha forte relação com o sistema político da época. Em 1964, o Brasil entra no período conhecido como ditadura militar. Com isso, não só as ações de saneamento básico, como todas as demais tinham uma centralidade por parte do governo federal.

Sobre tais pressupostos, insistia-se na meta do fortalecimento do Estado, ligada ao problema da ordem. O reforço da autoridade pública, a centralização política e administrativa e a capacidade do Estado de controlar a vida social eram objetivos salientados pelos militares, sobretudo em face da mobilização sócio-política que cresceu desde o fim dos anos 50 (Dreiffuss; Dulci, 2008, p. 139).

Com o fim do governo militar, em 1985 e a promulgação da Constituição Federal de 1988, o desenvolvimento das questões de saneamento básico vem se pautar numa descentralização do governo federal, que começa a institucionalizar a possibilidade de parcerias com os governos estaduais e municipais.

A descentralização busca o crescimento de práticas de saneamento básico e a universalização que já vinha como um objetivo do PLANASA. Em 1980, surge o programa Prosanear, cujo objetivo estava na difusão de sistema de saneamento básico respaldado no modelo condominial.

É no local (município) que se tem maior conhecimento da realidade dos problemas. Então, compete aos municípios, juntamente integrado com os estados e com o governo federal [...] estabelecer um modelo de gestão integrada, que envolva os diferentes atores governamentais e conte com a participação da sociedade organizada, considerando todos os aspectos contemplados no sistema em co-propriedade e, em especial, a formalização dos condomínios e a definição das responsabilidades de todos os agentes envolvidos (Lobo, 2003, p. 213).

A Constituição Federal traz grandes avanços nestas questões. Ela apresenta-se como uma Constituição municipalista e essa mudança de paradigma contribui para que os municípios enfrentem seus problemas com os agentes que fazem parte da realidade.

O artigo 23 da Constituição Federal dispõe ações e deveres do Governo Federal, Estadual e Municipal. O inciso 9 estabelece: "Promover programas de construção de moradias e a melhoria das condições habitacionais e de saneamento básico" (Brasil, 1988, p. 29).

O desafio de alcançar a universalização do saneamento básico não se registra somente no sentido quantitativo, mas no progresso qualitativo, tarefa esta que necessita como já citado de cooperação, participação popular e também de criação de políticas públicas que fomentem para o aumento de ações tanto para o tratamento adequado do esgoto doméstico quanto para a distribuição de água potável, para a alocação e tratamento dos lixos e para o fortalecimento da educação ambiental.

O saneamento básico é um assunto interdisciplinar e multidisciplinar e está relacionado com diversas áreas, tanto das áreas ambientais como dá área da saúde.

#### **4. RESULTADO E DISCUSSÕES**

A fim de garantir uma eficiência maior para o tratamento do esgoto, desenvolvemos os sistemas de bacia de evapotranspiração e do pneu vertical, sendo um sistema fechado e que contempla apenas resíduos vindo da privada e da água do banho.

O sistema bacia de evapotranspiração (BET) desenvolvido a partir de outros sistemas criados nos EUA e no Brasil. Nos EUA, distintos sistemas para o tratamento do esgoto foram criados e implementados, assim como no Brasil (Mandai, 2006; Pamplona; Venturi, 2004), entretanto sem um rigor científico esclarecido para o acompanhamento e monitoramento.

Para o desenvolvimento do sistema de evapotranspiração levamos em conta a criação de sistemas de tratamento de esgoto desenvolvido pelo permacultor americano Tom Watson, ajustada em projetos implantados por permacultores brasileiros, sobretudo no Estado de Santa Catarina e na região do Distrito Federal (Mandai, 2006; Pamplona; Venturi, 2004).

O sistema originalmente proposto por Tom Watson, denominado de Watson Wick, consiste em uma trincheira escavada no solo, com largura e comprimento variáveis e, aproximadamente, 60 cm de profundidade, para a qual é encaminhado todo o esgoto doméstico (águas cinza e negras).

As propriedades estão situadas dentro da bacia hidrográfica do Rio Muquidão, que é afluente do Rio Corumbataí. Através das imagens é possível destacar a importância de práticas de saneamento básico nesta localidade, pois as propriedades ficam próximas de corpos hídricos.

A escolha do local aconteceu devido ao tipo de solo encontrado. A característica de solo é denominada de Neossolo Litólico, sendo um solo raso e que contribui para uma maior infiltração de esgotos produzidos, uma vez que nas propriedades os sistemas encontrados foram de fossas negras.

Na comunidade Muquidão, as fossas negras possuem profundidades médias entre 2 e 2,5 metros nas residências localizadas nos topos, facilitando a contaminação por dejetos em poços ou nascentes localizadas a jusante. Além dos materiais orgânicos em suspensão que são indispensáveis para a proliferação de microrganismos patogênicos ao homem, podem proporcionar problemas de poluição de diferentes intensidades, provocando a degradação da qualidade das águas (Crispim et al., 2014, p. 2).

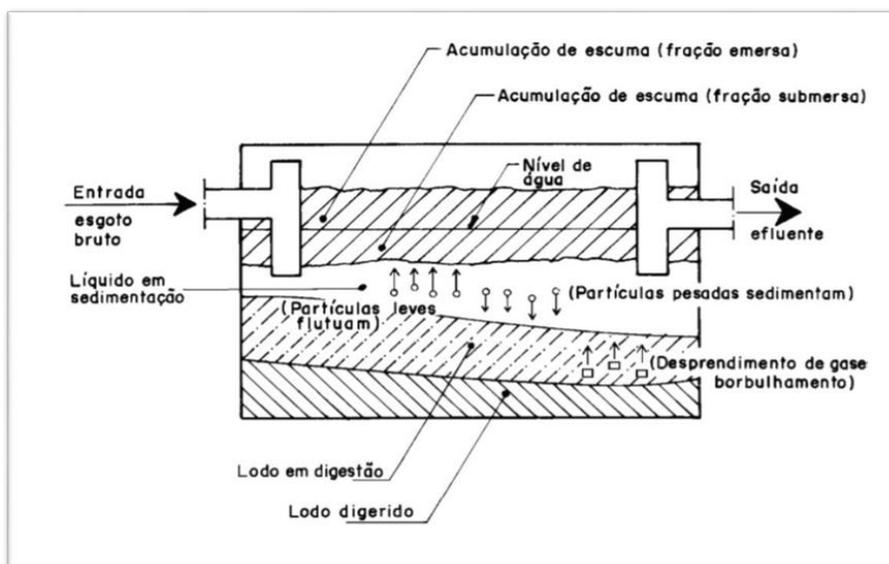
Por ser solo raso, a inserção da estação em Iretama apresentou maiores dificuldades na etapa da construção da caixa de evapotranspiração, uma vez que foi preciso usar máquinas para a remoção do solo, pelo fato do solo apresentar um horizonte C bem próximo à superfície. O processo de escavação encontrava a rocha consolidada a 50 cm de profundidade.

Após diagnosticar essa realidade, buscamos definir qual o melhor sistema, contribuindo desta forma para redução de contaminação das nascentes e evitando o consumo de água contaminada pelos moradores.

Em Campo Mourão a inserção e construção da BET aconteceu de forma mais ágil, devido às características deste solo, até porque não foi necessário uso de maquinário para a construção da bacia de evapotranspiração.

O sistema modelo bacia de evapotranspiração é dividido em duas partes. A primeira consiste na fossa séptica de alvenaria, que é construída seguindo a normas NBR 7229 de 1993 (Figura 1).

**Figura 1** - Funcionamento da Fossa Séptica



A fossa séptica objetiva reter o material sólido na parte inferior e transferir o material líquido para a segunda caixa, onde será feito o processo de evapotranspiração e o tratamento final dos efluentes. O processo de descolamento do efluente da fossa séptica para os dois buracos é dado por declividade do terreno, seguindo a lei da gravidade (Figura 4).

Delimitamos em 2,30 metros de comprimento, 1,50 metros de largura e 1,0 metro de profundidade para a fossa séptica (2,30 x 1,50 x 1,0) (CRISPIM et al., 2016). A caixa séptica é importante, pois faz um

pré-tratamento do efluente. O material sólido fica retido no fundo da caixa e o efluente líquido vai para a bacia de evapotranspiração, porém existe um período de retenção do efluente líquido dentro da caixa séptica conforme a tabela 1. O processo de tratamento nesta primeira etapa dá-se através do tratamento anaeróbico.

Esse processo de tratamento primário é realizado sem a presença de oxigênio, sendo as bactérias os agentes responsáveis pela decomposição de matéria orgânica.

**Tabela 1** - Período de detenção do efluente líquido, por faixa de contribuição diária

CONTRIBUIÇÃO DIÁRIA (L)	TEMPO DE DETENÇÃO	
	Dias	Horas
ATÉ 1500	1,00	24
DE 1501 A 3000	0,92	22
DE 3001 A 4500	0,83	20
DE 4501 A 6000	0,75	18
DE 6001 A 7500	0,67	16
DE 7501 A 9000	0,58	14
MAIS QUE 9000	0,50	12

Dessa forma, seguindo as dimensões estipuladas, o sistema foi projetado para armazenar 3,45 m<sup>3</sup>, tendo uma detenção de 0,83 dias ou 20 horas dentro da fossa séptica antes de adentrar no sistema de evapotranspiração.

A segunda etapa do sistema consistiu na construção da bacia de evapotranspiração (Figura 2). “Nesta estação, delimita-se 2 m<sup>3</sup> habitante e para efeito de cálculo, uma família de 4 pessoas, escava-se 4 x 4 x 1m (16 m<sup>3</sup>). Na sequência, impermeabiliza-se com duas camadas de lona plástica 200 micras para impedir a infiltração dos dejetos no solo” (Athaydes; Cripim, 2016, p. 3).

Após feita a impermeabilização, realizamos o preenchimento da caixa de evapotranspiração. O primeiro passo consistiu em ligar a tubulação da fossa séptica com esta segunda caixa, com tubo de 100 mm.

Na sequência, instalamos pneus na vertical, servindo como uma tubulação para melhorar a disposição do efluente líquido. Para a finalização do preenchimento do sistema foram utilizados: entulhos, pedra brita, areia e solo. “As laterais entre os pneus e a parede da BET são preenchidas com 50 cm de entulhos de construção e, sobre este, uma camada 20 cm de pedra brita, 20 cm de areia grossa e por fim, uma camada de 10 cm de terra” (Athaydes; Crispim, 2016, p. 3).

### Figura 2 – Modelo Bacia de Evapotranspiração (BET)

**Figura 2a:** Escavação e vedação com lonaplástica



**Figura 2b:** preenchimento da tubulação com pneus



**Figura 2c:** Preenchimento com pedra rachão (basalto) e entulhos



**Figura 2d:** Manta geotêxtil sobre a tubulação de pneus



**Figura 2e:** preenchimento de  
pedra brita



**Figura 2f:** Preenchimento de areia



**Figura 2g:** Preenchimento de solo  
para o plantio da vegetação



**Figura 2h:** Plantio da vegetação



Após o preenchimento da bacia de evapotranspiração plantamos as espécies *Heliconia vellosiana* (caeté), que fazem o processo de alimentação dos nutrientes dos efluentes através do tratamento aeróbico.

Um sistema piloto denominado de Modelo Pneu Vertical foi desenvolvido, buscando diversificar as várias formas de tratar o esgoto rural. O modelo foi adaptado do Departamento de Água e Esgoto de Uberlândia (DMAE). O objetivo central é o tratamento do esgoto utilizando pneus usados, que muitas vezes são descartados em locais impróprios.

É a fossa desenvolvida pelo DMAE de Uberlândia, que tem como principal matéria-prima pneus de caminhão já usados e descartados. Uma maneira econômica e eficiente de solucionar dois problemas importantes: a falta de saneamento rural e o acúmulo de pneus usados, muitas vezes descartados indevidamente na natureza (DMAE, 2014).

O sistema foi desenvolvido em Iretama, mais precisamente no Assentamento Muquidão, situado no distrito de Água Fria. A primeira etapa do projeto constou em construir a fossa séptica, seguindo as mesmas normas da fossa séptica no sistema de evapotranspiração.

Após a instalação e criação da fossa séptica para retenção do material sólido, escavamos dois buracos de aproximadamente 1,5 m cada. Os dois buracos foram impermeabilizados com duas lonas plásticas de 200 micras cada, evitando que o esgoto entre em contato com o solo e com o lençol freático. Após a perfuração dos buracos e a vedação, são instalados os pneus de caminhão, sendo cinco pneus em cada buraco, totalizando dez pneus. Cada pneu de caminhão apresentou 1 metro de largura por 30 cm de altura (1 x 1,5). Em medidas de metro a metro cúbico foi realizado o cálculo de volume de um cilindro:

$$V = \pi \cdot r^2 \cdot h \quad V = 3,14 \cdot 1 \cdot 1,5$$
$$V = 4,71 \text{m}^3$$

Totalizando a medida dos dois recipientes, o sistema PVER apresenta um dimensionamento de 9,42 m<sup>3</sup>. Para o aprimoramento e eficiência do sistema, desenvolvemos na saída, um filtro de carvão ativado de aproximadamente 1 Kg. O carvão contribui para a questão da adsorção de matéria orgânica e outros compostos.

Por fim fizemos um sumidouro para a saída do efluente tratado após o mesmo ter passado pelos três processos de tratamento e pelo filtro de carvão ativado. Esse sistema diferencia-se dos outros dois sistemas neste quesito, pois é um sistema de tratamento de esgoto aberto, diferentemente dos outros dois sistemas, que são sistemas fechados e que tem o uso de plantas para o tratamento dos efluentes (Figura 3).

### Figura 3 - Modelo Pneu Invertido (PVER)

**Figura 3a:** Escavação do primeiro buraco



**Figura 3b:** escavação do segundo buraco



**Figura 3c:** Vedação com lonas plásticas



**Figura 3d:** Preenchimento dos buracos com pneus



**Figura 3e:** Vedação com lona na parte superior após inserção dos pneus



**Figura 3f:** Fechamento do sistema com tampa de concreto



O sistema foi projetado para receber efluentes do vaso sanitário e de águas de banho (águas cinzas e negras) e o processo de tratamento é caracterizado pelo tratamento anaeróbico, sem presença de oxigênio.

## 5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os impactos gerados pela relação sociedade-natureza sempre estiveram presentes em nosso planeta. Após a revolução industrial e com o crescimento das áreas urbanas, esses impactos ficaram ainda mais evidentes, sendo necessário analisar e repensar sobre o modo de produção vigente e o que poderemos esperar para as futuras gerações.

A temática ambiental ganhou notoriedade no final do século passado, apesar de retrocessos recentes, ainda vem gerando importantes debates sobre as consequências do desenvolvimento do capitalismo. Com ela, já foram pensadas e apresentadas diversas soluções para reduzirmos os impactos ambientais da ação antrópica, na busca de um desenvolvimento sustentável ou de alternativas ao próprio ideário do desenvolvimento.

Após os resultados alcançados através do desenvolvimento dos sistemas de tratamento de esgoto, podemos concluir que os projetos desenvolvidos representam um avanço para as questões de preservação ambiental e de saúde para os moradores contemplados com os sistemas analisados.

É preciso destacar que os dois sistemas, por serem vedados, acabam por não terem infiltração do esgoto bruto, evitando com isso contaminações como já descritas. No entanto, no sistema PVER, o efluente tratado acaba voltando para o meio ambiente.

Assim, recomendamos que para a difusão de novas ações para o saneamento básico rural, especialmente para o tratamento do esgoto, a construção do sistema BET e PVER deve ser amplamente difundida.

## REFERÊNCIAS

ATHAYDES, T.V.S; CRISPIM, J. de Q. Saneamento rural por meio de estação de tratamento de esgoto por zona de raízes modelo bacia de evapotranspiração (BET) no município de Iretama

– Paraná. In: **II Encontro Anual de Iniciação Científica da Unespar**. 2016.

AZEVEDO NETO, J. M. **Cronologia dos serviços de esgotos, com especial menção ao Brasil**. Edição: 33. São Paulo: SABESP, 1959.

BIGARELLA, J.J. **Estrutura e Origem das Paisagens Tropicais e Subtropicais** – Vol III Processos Erosivos, Vertentes, Movimentos de Massa, atividade Endógena, Superfície de Erosão, Compartimentação do Relevo. Editora da UFSC, 1ªEd., 560p. 2003.

BRASIL. [Constituição (1988). Constituição da República Federativa do Brasil: texto constitucional promulgado em 5 de outubro de 1988, com as alterações adotadas pelas Emendas Constitucionais nos 1/1992 a 68/2011, pelo Decreto Legislativo nº 186/2008 e pelas Emendas Constitucionais de Revisão nos 1 a 6/1994. – 35. ed. – Brasília: Câmara dos Deputados, Edições Câmara. 2012.

CRISPIM, J. de Q, et al. **Melhoria na qualidade de água de nascentes no município de Mato Rico – PR pela técnica do solo-cimento**. In: II Encontro Regional de Geografia – XXIV Semana de Geografia – UEM. Universidade Estadual de Maringá. Maringá. 2016.

CRISPIM, J. Q.; PAROLIN, M. **Saneamento ambiental rural em áreas de neossolo-litólico**. CNPq (Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico). Projeto: chamada MCTI/ CNPq/ MEC/ CAPES N° 22/2014 – CIÊNCIAS HUMANAS, SOCIAIS E SOCIAIS APLICADAS. 2014.

DACAH, Nelson Gandur. **Sistemas Urbanos de Esgoto**. Rio de Janeiro: Guanabara Dois, 1984.

DMAE. DEPARTAMENTO MUNICIPAL DE ÁGUA E ESGOTO DE UBERLÂNDIA. **Fossa séptica sustentável**. Uberlândia. 2014. Disponível em: <[http://www.uberlandia.mg.gov.br/uploads/cms\\_b\\_arquivos/13916.pdf](http://www.uberlandia.mg.gov.br/uploads/cms_b_arquivos/13916.pdf)>. Acesso em 20 de janeiro de 2018.

DREIFUSS, RA., and DULCI, OS. **As forças armadas e a política**. In SORJ, B., and ALMEIDA, MHT. orgs. Sociedade política no Brasil pós-61 [online]. Rio de Janeiro: Centro Edelstein de Pesquisas Sociais, 2008. p. 132-181. ISBN:978-85-99662-63-2. Available from SciELO Books.

DREW, D. **Processos Interativos Homem – Meio Ambiente**. Rio de Janeiro: Editora Beltrand. 1989.

FREISLEBEN, S.R. da S.; GRISA, F. F.; CANDIOTTO, L.Z.P. **Técnicas de saneamento básico e destino de efluentes em pequenas unidades rurais**. In: XVI Encontro Nacional dos Geógrafos. Porto Alegre. 2010.

GUDYNAS, Eduardo. Ambiente, sustentabilidad y desarrollo: una revisión de los encuentros y desencuentros, In: REYES, Ruiz; ROSALES, E. Castro (Orgs). **Contornos educativos de la sustentabilidad**. México – Guadalajara: Editorial Universitaria, Universidad de Guadalajara. p. 109-144. 2011.

LOBO, L. **Saneamento básico: em busca da universalização**. Brasília: Ed. do Autor, 2003.

MANDAI, P. **Modelo descritivo da implantação do sistema de tratamento de águas negras por evapotranspiração**. Associação Novo Encanto de Desenvolvimento Ecológico – ANEDE. Monitoria Canário Verde, Brasília. Relatório técnico, 2006.

PAFFRATH, S. F. **Utilização do sistema condominial como alternativa de esgotamento: histórico, fundamentos e comparação com um sistema convencional.** Trabalho de Conclusão de Curso em Engenharia Civil. Universidade Tecnológica Federal do Paraná – UTFPR. Curitiba. 2013.

PAMPLONAS & VENTURI M. **Esgoto à flor da terra.** Permacultura Brasil. Soluções ecológicas. v16, 2004.

PIRES, I. M. PLANASA: avaliação dos Resultados e Perspectivas. **Revista DAEE**, São Paulo: DAE, edição 121, n. 1212,1979, p. 30-37.

PORTO-GONÇALVES, C. W. **A globalização da natureza e a natureza da globalização.** 4ª Ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira. 2012.

SANTOS, R. F. **Planejamento Ambiental:** teoria e prática. São Paulo: oficina de texto. 2004.

SHIMITZ, L. A. **Proteção de fontes de água em unidades de proteção e vida familiares (UPVFS) no Sudoeste do Paraná: uma análise desenvolvida das ações desenvolvidas pela ACESI/STR, GETERR/UNIOESTE e EMATER/PR.** Dissertação de Mestrado em Geografia. Universidade Estadual do Oeste do Paraná. Francisco Beltrão.2017.

SOBRINHO E TSUTIYA. **Coleta e Transporte de Esgoto Sanitário.** São Paulo: WinnerGraph. São Paulo, 2011.

# GRUPO DE ESTUDO E PESQUISA EM EDUCAÇÃO, DIVERSIDADE E CULTURA (GEPEDIC): UM RELATO DE EXPERIÊNCIA

Márcio José Pereira<sup>24</sup>

Claudia Priori<sup>25</sup>

Fabiane Freire França<sup>26</sup>

Wilma dos Santos Coqueiro<sup>27</sup>

---

<sup>24</sup> UNESPAR-Campus de Campo Mourão - Coordenador do Projeto: "VII Seminário em Educação, Diversidade e Cultura: interlocuções entre a universidade e a escola" registrado na Divisão de Extensão do Campus.

<sup>25</sup> UNESPAR-Campus de Curitiba II

<sup>26</sup> UNESPAR-Campus de Campo Mourão

<sup>27</sup> UNESPAR-Campus de Campo Mourão



**RESUMO:** Este relato tem como objetivo apresentar as experiências e ações desenvolvidas pelo Grupo de Estudo e Pesquisa em Educação, Diversidade e Cultura (GEPEDIC/CNPq), no período entre 2021 e 2023, sendo que o projeto de extensão intitulado “Seminário em Educação, Diversidade e Cultura: interlocuções entre a universidade e a escola” está em sua sétima edição no âmbito do campus de Campo Mourão, da Universidade Estadual do Paraná. A realização do projeto tem congregado pesquisadoras, pesquisadores, estudantes da graduação e da pós-graduação de distintas universidades, assim como professores(as) e estudantes da educação básica, seja para a proposição de palestras e/ou atividades, seja como públicos e/ou audiências. Em virtude de seu caráter extensionista e também em decorrência da pandemia do Coronavírus (Covid 19), nos últimos três anos temos adotado o formato remoto/*online* para a execução do projeto, o que tem ampliado a participação dos públicos. As atividades realizadas ao longo desse período têm revelado a necessidade de, cada vez mais, estimularmos o diálogo com a comunidade externa, alcançando públicos ampliados. Nesse sentido, as palestras e demais atividades do projeto têm contribuído para a formação humana, o respeito à diversidade, a educação para os direitos humanos e promoção de debates acerca dos temas correlacionados às relações de gênero, relações étnico-raciais, inclusão social, numa perspectiva interdisciplinar, visando, assim, propiciar reflexões, tensões e mudanças na realidade sociocultural.

**Palavras-chave:** Educação; direitos humanos; diversidade; interseccionalidade; cultura.

## 1. INTRODUÇÃO

No ano de 2015, um grupo de pesquisadoras e pesquisadores da Universidade Estadual do Paraná, Campus de Campo Mourão, diante das demandas e tensões que perpassavam o ensino, a pesquisa e a extensão no ambiente universitário, principalmente no que tange às questões das relações de gênero, relações étnico-raciais, educação para os direitos humanos, diversidade e cultura, perceberam que se fazia necessário fortalecer as ações e debates que cada pesquisador/a, de distintas áreas, desenvolvia em suas pesquisas, prática docente e em ações extensionistas, com interesses em comum. Constatamos que as ações eram executadas de modo isolado, sem uma integração com profissionais da mesma instituição. É nesse contexto que pesquisadoras e pesquisadores das áreas

de História, Educação e Letras, a princípio, se reuniram com o propósito de criação do Grupo de Estudo e Pesquisa em Educação, Diversidade e Cultura (GEPEDIC), credenciado ao CNPq, com os objetivos de ampliar os debates sobre gênero e suas interseccionalidades, com articulação de atividades em conjunto, expandindo as discussões de tais abordagens tanto no ensino, na pesquisa e na extensão. Com isso, tínhamos o propósito de ampliar a divulgação das pesquisas, tanto no âmbito da universidade quanto na sociedade.

A partir da criação do grupo, pesquisadoras e pesquisadores de outras áreas e de outras instituições se somaram ao grupo, tais como profissionais do Direito, da Psicologia, das Ciências Sociais Aplicadas, das Artes Visuais, entre outras. As atuações do grupo nos possibilitaram ainda interlocuções com outras universidades do Brasil, da Colômbia e da Itália, bem como a organização do *1 Encontro de Educação, Diversidade e Cultura*, realizado na Unespar, Campus de Campo Mourão, em 2018. Ainda no campo da internacionalização, quatro membros do GEPEDIC realizaram em 2016 uma visita de intercâmbio científico à Escola Superior de Educação – Instituto Politécnico de Coimbra – Portugal, a fim de conhecer e partilhar estudos sobre gênero. Além disso, foram estabelecidas parcerias entre os grupos, sendo que no ano de 2023, uma disciplina da pós-graduação, nível mestrado, foi ofertada na UNESPAR por uma das pesquisadoras do GEPEDIC em conjunto com uma docente da Escola Superior de Educação, de Coimbra/Portugal.

Foram também organizadas duas coletâneas, a primeira intitulada *Educação, Diversidade e Cultura* (PRIORI; FRANÇA, 2018) e a segunda *Gênero, Diversidade e Cultura: protagonismos e narrativas* (PRIORI; FRANÇA, 2022), ambas com publicações oriundas de articulações e resultados de pesquisas vinculadas ao GEPEDIC e/ou às temáticas vinculadas ao grupo. Além das coletâneas lançadas em eventos internacionais e nacionais foram também publicados artigos em periódicos e anais de eventos vinculados aos resultados dos projetos de extensão apresentados pelos/as participantes do grupo de pesquisa.

O Grupo de Estudo e Pesquisa em Educação, Diversidade e Cultura (GEPEDIC) criado internamente em 2015, foi naquele mesmo ano credenciado ao Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq). O grupo conta com duas linhas de pesquisas: 1) Estudos de Gênero, Violência, Literatura e Artes; 2) Processos Formativos, Relações Étnico-Raciais, de Gênero e Sexualidades. Essas linhas contemplam os

interesses de ensino, pesquisa e extensão desenvolvidos pelo grupo desde sua criação, uma vez que diariamente a existência do grupo e suas ações se justificam diante das raízes patriarcais, colonizadoras e racistas que estruturam a história de nosso país.

Cada uma das linhas de pesquisa é composta por um grupo de pesquisadoras e pesquisadores, assim como estudantes da graduação e da pós-graduação que estão sob orientações de Iniciação Científica (IC), Trabalhos de Conclusão de Curso (TCC), cursos de mestrado e/ou doutorado.

A linha “Estudos de Gênero, Violência, Literatura e Artes”, tem como objetivos:

a) Abordar as diversas formas e manifestações de violência e conflitos nas relações interpessoais, nas práticas e representações sociais, nas artes, produções literárias e nas formas simbólicas, compreendendo o envolvimento de homens e mulheres nos diferentes lugares da violência; b) Analisar o campo das ciências, da literatura e das artes, buscando perceber como são constituídas as variadas relações de gênero e de poder, visibilizando as performances artísticas e literárias marginalizadas.

Os objetivos da linha “Processos Formativos, Relações Étnico-Raciais, de Gênero e Sexualidades”, são:

a) Desenvolver atividades de ensino, pesquisa e extensão tendo como foco os processos formativos articulados às relações étnico-raciais, de gênero, sexualidades e inclusão em espaços escolares e não escolares; b) Promover discussões e teorizações com base em perspectivas pós-estruturalista, dos Estudos feministas, dos Estudos de Gênero, dos Estudos Culturais, dos Estudos Gays e Lésbicos, dos Estudos Foucaultianos, da Teoria Queer e da Teoria das Representações Sociais.

Tanto os objetivos de ambas as linhas quanto às repercussões dos trabalhos do grupo podem ser consultados na Plataforma Lattes/CNPq, em Diretório dos Grupos de Pesquisa no Brasil<sup>28</sup>, o que espelha um pouco das ações extensionistas e da inserção social que o grupo vem realizando, como exposto a seguir:

<sup>28</sup> PLATAFORMA LATTES - Diretório dos Grupos de Pesquisa no Brasil - Disponível em: [http://dgp.cnpq.br/dgp/faces/consulta/consulta\\_parametrizada.jsf](http://dgp.cnpq.br/dgp/faces/consulta/consulta_parametrizada.jsf) Acesso em 04 de agosto de 2023.

O Grupo de Estudo e Pesquisa em Educação, Diversidade e Cultura (GEPEDIC) tem atuado intensamente na formação docente e no contato com a sociedade civil, por meio de ações extensionistas como Seminários de extensão, oficinas e cursos para a Educação Básica, desenvolvimento de projetos de pesquisa, promoção de eventos de extensão, publicações científicas como artigos e livros, participação em eventos nacionais e internacionais, contato e interlocução com pesquisadores/as interinstitucionais, recepção de intercambistas (Colômbia e Itália, por exemplo), e contribuído cotidianamente para a formação humana, para o respeito às diferenças étnico-raciais, de gênero, de sexualidades, combate às discriminações e violências, inclusão, valorização das múltiplas existências humanas, e trabalhado para uma educação voltada para a igualdade das relações étnico-raciais, das relações de gênero e sexualidades, sempre numa perspectiva interdisciplinar, dialógica, reflexiva, empática e humana.

Como se pode constatar, as ações desenvolvidas pelo GEPEDIC unem pesquisa, ensino e extensão, uma vez que essa tríade caminha lado a lado. As experiências vivenciadas em contato com a comunidade acadêmica e/ou externa denotam como o campo das interações humanas, das subjetividades, dos conflitos e das tensões sociais requer olhares e práticas docentes sensibilizadas para acolher diferentes sujeitos/as, histórias e atravessamentos sociais.

Nesse sentido, a formação docente, profissional e a educação para os direitos humanos fazem toda a diferença nesse contato com públicos distintos e na construção compartilhada de saberes. Se atentar para os diversos sentidos e representações sociais, para a diversidade das práticas culturais, para a multiplicidade de identidades de gênero, para as relações de poder que constituem o tecido social, são também formas de tensionar o *status quo* e evidenciar novos protagonismos, experiências, histórias, visibilizar sujeitos/as, corpos, existências, performances artísticas e literárias marginalizadas.

Em consonância com o escopo do GEPEDIC e com seus objetivos, temos buscado estimular o interesse de estudantes e jovens pesquisadoras e pesquisadores pela produção científica de caráter interdisciplinar e em relação com diversas abordagens teórico-metodológicas (Estudos Feministas, Estudos de Gênero, Estudos Culturais, Estudos Gays e Lésbicos, Estudos Foucaultianos, Teoria *Queer*, Teoria das Representações Sociais, Estudos Decoloniais, entre outros). Essas perspectivas abordadas de maneira interdisciplinar e dialógica, têm sido um instrumento de formação

humana, interação e reflexão, principalmente entre a universidade e a escola, uma vez que o foco do GEPEDIC, por meio de suas ações extensio- nistas, está em estreita relação com a Educação Básica - professores(as) e estudantes-, assim como com a comunidade externa interessada, na busca de ampliar a consciência histórica, o respeito à diversidade, a promoção dos direitos humanos e o combate e enfrentamento a todos os tipos de violências.

## **2. DESCRIÇÃO E ANÁLISE TEÓRICO-METODOLÓGICA DAS EXPERIÊNCIAS DE EXTENSÃO**

O GEPEDIC, desde sua criação em 2015, tem se preocupado em promover a ampliação de consciência e sensibilização na comunidade acadêmica e externa para o respeito à diversidade, para o debate das questões de gênero e suas interseccionalidades (com classe, raça/etnia, sexualidades, geração, territorialidade, entre outras categorias) e para a educação em direitos humanos, assim como para o enfrentamento, prevenção e combate de todos os tipos de violência.

Com esse propósito, o grupo percebeu a necessidade de criar um espaço de debate e de ação que integrasse pessoas interessadas e/ou atuantes no campo de discussão desses temas sensíveis, num movimento contínuo. E desse processo emergiu o projeto de extensão “Seminário em Educação, Diversidade e Cultura: interlocuções entre a universidade e a escola”, que neste ano de 2023 já está em sua sétima edição.

A programação do projeto é atualizada anualmente, e envolve ati- vidades diversas: a) estudos e reflexões acerca das temáticas a serem abordadas e das atividades a serem realizadas junto à comunidade externa; b) palestras, oficinas e/ou rodas de conversas ofertadas a estudantes da Educação Básica e demais públicos; c) ciclo de palestras/encontros abertos à comunidade externa, com a participação de pesquisadoras e pesquisadores da UNESPAR e de outras instituições convidadas, realizadas uma vez por mês. Neste ciclo, é proposto a discussão de um tema espe- cífico, ou da socialização de pesquisas desenvolvidas por integrantes do GEPEDIC, mediante a utilização de recursos didáticos variados tais como: textos teóricos (disponibilizados previamente ao público alvo), materiais audiovisuais (filmes, documentários, videoarte, etc), obras literárias, produções artísticas, artigos de publicidade, entre outros. Cada pales- tra/encontro conta também com a mediação de uma pessoa da equipe

executora do projeto, que é responsável em abrir espaço para o diálogo com as pessoas presentes, estimular e intermediar as reflexões, troca de experiências, relatos, etc.

A equipe executora do projeto de extensão – coordenação do projeto que também é rotativa a cada edição, pesquisadoras e pesquisadores, e também estudantes integrantes do grupo – é quem elabora a programação anual contando com a participação de palestrantes convidados(as) com o intuito de alcançar o público alvo composto por “docentes, graduandos(as), pós-graduandos(as) da instituição e de outras instituições, bem como estudantes e professores(as) da Educação Básica e comunidade externa interessada” (Projeto de Extensão/GEPEDIC, 2023).

Descrever as experiências vivenciadas pelo GEPEDIC ao longo da execução do projeto de extensão “VII Seminário em Educação, Diversidade e Cultura: interlocuções entre a universidade e a escola”, que está na sétima edição, ou no intervalo dos três últimos anos, implica também em compreendermos como o conceito de experiência nos toca, nos atravessa enquanto docentes, pesquisadoras e pesquisadores. E na busca daquilo que a experiência desperta em nós, do(s) saber(es) da experiência, dos sentidos que provocam em nós, nos apoiamos nas palavras de Jorge Larossa Bondia ao acentuar que,

a experiência, a possibilidade de que algo nos aconteça ou nos toque, requer um gesto de interrupção, um gesto que é quase impossível nos tempos que correm: requer parar para pensar, parar para olhar, parar para escutar, pensar mais devagar, olhar mais devagar, e escutar mais devagar; parar para sentir, sentir mais devagar, demorar-se nos detalhes, suspender a opinião, suspender o juízo, suspender a vontade, suspender o automatismo da ação, cultivar a atenção e a delicadeza, abrir os olhos e os ouvidos, falar sobre o que nos acontece, aprender a lentidão, escutar aos outros, cultivar a arte do encontro, calar muito, ter paciência e dar-se tempo e espaço (BONDIA, 2002, p. 24).

E nesse “falar sobre o que nos acontece”, “escutar aos outros, cultivar a arte do encontro” é que o GEPEDIC tem atuado ao longo de sua existência e de suas ações extensionistas, um espaço de formação humana, formação docente, um espaço de debate, de transformação. E, “ao olhar mais devagar”, ao “suspender o juízo”, aumentamos a propensão do encontro com o outro, com suas histórias, encontro com o/a sujeito/a da experiência - esse

território de passagem – “aberto à sua própria transformação”, como pontua Bondía (2002, p.26).

As ações desenvolvidas pelo projeto “Seminário em Educação, Diversidade e Cultura: interlocuções entre a universidade e a escola”, tem sido esse espaço com capacidade de formação na vida das pessoas, de sensibilização para o que nos afeta, nos passa, nos acontece. Esse espaço para uma formação docente mais humanizadora, que inclui, que tensiona, que cria saber(es) de experiência. Essa experiência é vivenciada no dia a dia, na universidade, na escola, na vida social, no círculo familiar, nos espaços públicos, nas reflexões que o(a) sujeito(a) faz de si mesmo(a), no processo que o move a partir do que lhe acontece e lhe atravessa.

Cabe destacar que as edições do “Seminário em Educação, Diversidade e Cultura: interlocuções entre a escola e a diversidade”, a partir de 2020, em virtude da pandemia de Coronavírus (Covid 19), tem adotado o formato remoto/*online* para a realização das atividades. Isso, de certo modo, estendeu seu alcance e abriu o leque de possibilidades de diálogo com profissionais de outras instituições e com públicos mais ampliados. Na sétima edição do projeto, iniciada em 2023, temos mantido o formato remoto/*online* para o ciclo de palestras com temas variados abertos à comunidade, e também retomada à presencialidade na oferta de oficinas, rodas de conversa e/ou palestras ofertadas a estudantes e professores(as) da Educação Básica e demais públicos.

Em pesquisa realizada sobre a divulgação científica de gênero e feminismos no período da pandemia, há menção a grupos de pesquisas que seguiram com as atividades propostas em formato remoto/*online*, sendo um deles o GEPEDIC com a afirmativa de que “esses grupos foram responsáveis especialmente pelos eventos em formato de seminário, congresso, ciclo de debates, que congregam várias palestras, mesas” (VÁZQUEZ; FERREIRA, 2021, p. 194).

Nos anos de 2021 e 2022, a metodologia adotada pelo GEPEDIC foi a realização de ciclo de palestras e reflexões com a presença de pesquisadoras e pesquisadores da UNESPAR e outras instituições de ensino superior - públicas e privadas - do estado do Paraná, as/os quais, de forma interdisciplinar trouxeram abordagens históricas, educacionais, literárias e artísticas acerca das relações de gênero, relações étnico-raciais e sexualidades. Na edição V, acontecida no ano de 2021, tivemos a realização de 13 (treze) palestras com as seguintes temáticas:

1- Mídias sociais como ferramenta de articulação de lutas para os povos indígenas; 2- Da História à Literatura: travessias da pesquisa acadêmica LGBTQI+; 3- Gênero e política; 4- Reflexões e políticas acerca do trabalho infantil; 5- Representação midiática da população negra; 6- Feminicídios no Brasil: a violência fatal contra as mulheres; 7- Um olhar sobre saúde mental e relações raciais; 8- Memória e discurso de sujeitos LGBTQI+; 9- A formação docente inicial em uma perspectiva inclusiva; 10- Feminismos e Feminismo negro: diálogos entre Ângela Davis e Lélia Gonzales; 11- Estudos sobre pedagogias culturais e diversidade na escola; 12- Autismo e Educação Inclusiva; 13- Direitos Humanos, Gênero e Educação.

Em relação à edição VI do Seminário, desenvolvido no ano de 2022, tivemos a realização de 08 (oito) palestras, com a presença de pesquisadoras e pesquisadores da UNESPAR e instituições de ensino superior do estado do Paraná e também de outros estados, que abordaram as seguintes temáticas: 1- “Tem gays no meu gibi”: uma análise dos personagens Wiccano e Hulkling nos quadrinhos Marvel; 2- *Coxas, sex fiction & delírios*, de Roberto Piva: poesia *queer* e a ditadura brasileira; 3- Artes Visuais e História Pública: identidade e memória; 4- Questões de gênero e diversidade sexual: reflexões sobre a formação de docentes indígenas na Universidade Federal de Rondônia; 5- Apenas as monstras sangram: a tragicidade das mulheres nos filmes de horror; 6- Modelos médico e social da deficiência e as implicações nas atividades em sala de aula; 7- A literatura como reflexo social: a representação da violência contra mulher nos romances contemporâneos de autoria feminina; 8- Ficções trans/travestis.

Durante o ano de 2023, no “VII Seminário em Educação, Diversidade e Cultura: interlocuções entre a escola e a universidade”, o ciclo de palestras tem sido realizado no formato remoto/*online*, aberto à comunidade, com a participação de profissionais da UNESPAR e de outras instituições de ensino superior do estado do Paraná, abordando os seguintes temas: 1- Educação em direitos humanos: a *Webquest* como proposta de formação continuada; 2- Inclusão escolar de estudantes surdocegos no estado do Paraná; 3- A educação especial e inclusiva no Ensino Superior; 4- Escrivências evaristianas: as representações negras periféricas na ficção afrofeminina; 5- Marcas da religião na educação: gênero, sexualidade e formação docente; 6- O discurso alheio em Mulheres empilhadas: retrações da violência e da dor; 7- Identidade Étnica, Imaginário e Representações: insurgências contemporâneas; 8- Poesia e seus entornos inventivos: vozes, corpos e ascese da experiência homoerótica.

As temáticas abordadas na sétima edição do Seminário demonstram, mais uma vez, a urgência no debate sobre assuntos atuais que atravessam a vida das pessoas, assim como se propõe a alcançar não apenas maior sensibilização e respeito às diversidades, mas também a educação para os direitos humanos, a crítica social, a prevenção às violências e à promoção da cultura de paz. Além disso, é importante destacar que na sétima edição do Seminário tem sido retomada em formato presencial, a oferta de oficinas, rodas de conversa e/ou palestras ofertadas a estudantes e professores(as) da Educação Básica e demais públicos, tais como: 1- Oficina: Poesia brasileira de autoria feminina em perspectiva: temáticas e estéticas; 2- Intervenção e Devolutiva: Os impactos no processo de aprendizagem: Representações sociais de professores(as) acerca de crianças em situação de acolhimento institucional ; 3- Oficina para estudantes da Educação Básica: Literatura negra: (re)escritas da nossa negritude; 4- Roda de Conversa: Trabalho em Rede e o papel da proteção e não revitimização de crianças e adolescentes em situação de violência; 5- Roda de Conversa/ Aula Pública: Qual a importância dos Direitos Humanos na minha vida?

Enquanto pesquisadoras e pesquisadores atentos e seres humanos conscientes de suas ações, consideramos abordar os temas acima relatados em cada uma das edições tendo como intenção que esses debates desempenhem não só uma característica formativa do ponto de vista acadêmico, ensejamos que essas ações assumam um papel fundamental na formação humana e docente, promovendo a conscientização, a sensibilidade e a capacidade de reflexão crítica de cada participante. Ao refletir sobre as presenças físicas, virtuais e também as ausências nesses encontros, entendemos o nível de atravessamento que os temas propõem e inevitavelmente imaginamos quais impactos, resultados e possibilidades que esse trabalho desempenhou e desempenha ao longo desses anos. Imbuídos(as) de um desejo genuíno de transformação da sociedade em que vivemos, acreditamos que os debates propostos reverberam de muitas formas, tais quais:

**Conscientização e sensibilidade:** ao participarem das atividades estiveram expostos a uma compreensão mais profunda das necessidades e aspirações das pessoas em todo o mundo, independentemente de sua origem étnica, religião, gênero ou orientação sexual. Isso promove a empatia e a sensibilidade para com a diversidade humana e a conscientização para as lutas travadas por cada um dos grupos estudados, indiferentemente das pautas e resultados esperados.

**Capacidade de reflexão crítica:** os temas propostos incluem debates atuais e sensíveis que perpassam por violações de Direitos Humanos, estudos de gênero e análise das lutas das minorias, em resumo, envolvem a necessidade de interposição crítica às estruturas de poder, as desigualdades sistêmicas e as injustiças sociais. Isso incentiva-nos a desenvolver habilidades de pensamento crítico ao questionar normas sociais e instituições físicas e simbólicas que perpetuam a discriminação e a opressão.

**Desconstrução de Estereótipos:** cada uma das palestras que foram proferidas ao longo desses anos da realização do projeto de extensão desafiam os estereótipos de gênero, os preconceitos enraizados de cor, de classe e de performance. Incitam a repensarmos os padrões impostos pelo patriarcado, pela violência financeira e na construção de uma visão e atitude mais informada e justa das pessoas, independentemente da sua identidade ou condição de existência.

**Diversidade e Inclusão na Educação:** um dos aprendizados mais valiosos ao longo desses anos foi a percepção que possibilitamos um ambiente de aprendizado que além de inclusivo era potencialmente diverso, o sentimento de que as pessoas participantes se sentiam valorizadas e respeitadas em sua essência. Os corpos diversos, os cabelos coloridos ou raspados, as indumentárias distintas, os sonhos e desejos por uma formação docente que não conjugue o verbo segregar, mas que incorporem os princípios dos Direitos Humanos e da promoção da dignidade da vida humana como elemento do processo ensino-aprendizagem.

**Construção de identidade e autonomia:** pode parecer um pouco pretensioso pensar que os encontros moldaram identidades e é, porém, acreditamos que esses momentos proporcionam reconhecimento e auxiliaram a desenvolver autoconhecimento e ganho de confiança, reforçando e fortalecendo que a universidade é um local de promoção da diversidade e da valorização das múltiplas expressões do viver.

**Ativismo e Engajamento:** entendemos que ao longo dessas sete edições do Seminário inspiramos nas pessoas participantes o desejo de defenderem os direitos humanos e se engajar em questões sociais importantes, de certa forma acreditamos em um contínuo despertar para uma cidadania ativa e participação efetiva em nossa sociedade.

**Transformação social e empoderamento:** cada um desses momentos organizados pelo GEPEDIC integram os itens relatados, mas, acima de tudo, trabalhamos comprometidos(as) com a construção de uma sociedade

mais justa e igualitária e trabalhamos para superar as desigualdades e promover a dignidade humana. Empoderamos sim, sujeitos(as) e grupos historicamente marginalizados, auxiliando-os a reconhecerem-se e a desafiar as estruturas de poder desiguais que existem em nossa sociedade e se posicionarem nesse espaço ao mesmo tempo em que aprendemos com eles/elas como esse diálogo é cada vez mais preciso e precioso.

Nota-se, pela diversidade de temáticas e abrangência de públicos, que as ações extensionistas desenvolvidas pelo GEPEDIC são resultantes do elo entre pesquisa e ensino, que caminham juntos e de modo contínuo, estimulando e atuando no âmbito das relações entre a universidade e a sociedade na criação de novas oportunidades de reflexão sobre o respeito à diversidade, a valorização das múltiplas identidades de gênero, o combate a todos os tipos de violência e a promoção da educação em direitos humanos. E estes elos foram também estabelecidos com outros núcleos de estudo e pesquisa.

Anterior à criação do CEDH, o Grupo de Estudo e Pesquisa em Educação, Diversidade e Cultura (GEPEDIC) originado em 2015, mediante inquietações das pesquisadoras e pesquisadores em reunir, articular, expandir e divulgar suas pesquisas, já vinha desenvolvendo ações e debates sobre gênero e suas interseccionalidades, como raça, etnia e sexualidade, tanto no âmbito da universidade quanto na sociedade (FRANÇA, PRIORI, COQUEIRO, 2020, p. 310).

É notório, que o GEPEDIC tem atuado lado a lado com o Centro de Educação em Direitos Humanos (CEDH) e seus respectivos núcleos (NERG- Núcleo de Educação para Relações de Gênero; NERA- Núcleo de Educação para Relações Étnico-Raciais; NESPI- Núcleo de Educação Especial Inclusiva), criados no ano de 2016 no âmbito da Universidade Estadual do Paraná. Esses núcleos, em trabalho em rede, desenvolvem ações nos sete *campi* da instituição. Nesse sentido, o GEPEDIC, desde sua criação em 2015, – anterior à criação do CEDH – tem sido um propositor na difusão da educação em direitos humanos e contribuído com tantas ações em rede para o fortalecimento de políticas públicas em defesa dos direitos humanos.

### 3. CONSIDERAÇÕES FINAIS

As ações extensionistas do GEPEDIC, assim como as de pesquisa e ensino, em articulação com pesquisadoras e pesquisadores de outras

instituições de Ensino Superior e também da Educação Básica, têm sido um espaço formativo na vida das pessoas, especialmente para estudantes em processo de formação docente e intelectual. As experiências vivenciadas revelam como os debates e atividades, promovidos no âmbito do projeto de extensão do GEPEDIC, têm contribuído para a formação humana ao promover um cenário de discussão de diferentes abordagens teórico-metodológicas, ao possibilitar a compreensão de processos históricos que constituíram as relações de poder, as desigualdades de gênero, as práticas racistas, os preconceitos e as violências.

Em diálogo com a comunidade externa, o projeto de extensão “Seminário em Educação, Diversidade e Cultura: interlocuções entre a universidade e a escola” tem propiciado um espaço de debate público, formação e educação para os direitos humanos. Ademais, o projeto tem abordado temas específicos como as questões de gênero e suas interseccionalidades. Temas sensíveis que perpassam sujeitos(as) múltiplos, corpos diversos e distintas experiências.

O Grupo de Estudo e Pesquisa em Educação, Diversidade e Cultura (GEPEDIC), da UNESPAR/Campus de Campo Mourão, que congrega pesquisadoras e pesquisadores da própria instituição e de outras, assim como discentes da graduação e da pós-graduação de diversas áreas, tem possibilitado a ampliação e debate público de temas muitas vezes silenciados e/ou negligenciados pelos discursos e práticas acadêmicas.

Nesse aspecto, o GEPEDIC tem atuado de forma interdisciplinar, e em articulação especialmente com os núcleos NERG, NERA e NESPI que compõem o Centro de Educação em Direitos Humanos (CEDH), na perspectiva de promover ações que tensionam e transformem as práticas de ensino, da pesquisa e da extensão e, também, da cultura, voltando-se cada vez mais para uma formação humana e emancipadora.

E, para isso, acreditamos que a formação inicial e continuada é sempre dialógica e precisa “pensar mais devagar, olhar mais devagar, e escutar mais devagar; parar para sentir, sentir mais devagar, demorar-se nos detalhes”, como nos ressalta Bondía (2002, p. 24), para perceber a diversidade de pessoas, de identidades, as múltiplas histórias, os atravessamentos sociais e as experiências que perpassam cada um(a) de nós. É importante estarmos atentos/as para o debate público – dentro e fora da universidade – de temas considerados “sensíveis” e inerentes às demandas plurais da contemporaneidade. Assim, poderemos promover a transformação de nós mesmos(as) e das relações sociais.

## REFERÊNCIAS

BADINTER, Elisabeth. **Rumo equivocado**: o feminismo e alguns destinos. Tradução Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2005.

BONDIA, Jorge Larrosa. Notas sobre a experiência e o saber de experiência. **Revista Brasileira de Educação**, Rio de Janeiro, ANPEd, n. 19, p. 20-28, Abr. 2002.

BRAZ, Pedro Henrique; COQUEIRO, Wilma dos Santos. Um canto à resistência e à memória ancestral: o protagonismo feminino indígena em Eliane Potiguara. In: SILVA, Sandro Adriano da (Org.). **Ensaio de permanência**: literatura e memória. Catu: Bordô-Grená, 2022. p. 89-100.

COQUEIRO, Wilma dos Santos. A literatura afro-brasileira feminina: ancestralidade e renascimento identitário no conto de Cristiane Sobral. **Revista de Literatura, História e Memória**, v. 17, p. 111-126, 2021.

COQUEIRO, Wilma dos Santos; SILVA, Vicentônio Regis Nascimento (Orgs.). **Incurções pela ficção de Valesca de Assis**: os pampas das mulheres. 1. ed. Maracá: Editora Jasvens, 2021. v. 1. 168p.

FOUCAULT, Michel. **História da Sexualidade 3** - o cuidado de si. Trad. Maria Teresa da Costa Albuquerque. Rio de Janeiro: Graal, 2002.

FOUCAULT, Michel. **Prefácio à transgressão**. IN: Ditos e escritos. Vol III. Rio de Janeiro : Forense Universitária, 2006.

FRANÇA, Fabiane Freire; PRIORI, Cláudia; COQUEIRO, Wilma dos Santos. Núcleo de educação para as relações de gênero em articulação com o grupo de estudo e pesquisa em educação, diversidade e cultura: um relato de experiência. In: SÉRIO, Andrea; PRIORI, Cláudia (Orgs.). **Diversidade em fricção**: educação em Direitos Humanos em construção na universidade. Curitiba: Ed. CBT Brasil Multimídia, 2020, p. 167-202.

HOOKS, Bell. **Teoria feminista**: da margem ao centro. Trad. Rainer Patriota. São Paulo: Perspectiva, 2019.

PEREIRA, Márcio José; NEVES, Ozias Paese; SILVA, Eliane. (Orgs.) **O estatuto da vida em tempos de exceção**. Maringá: Edições Diálogos, 2021. Coleção Direitos Humanos e Políticas de Memória: Ódio e resistência em tempos de exceção. Volume IV.

PRIORI, Cláudia; FRANÇA, Fabiane Freire (Orgs.). **Educação, diversidade e cultura**. Curitiba: Editora Prismas, 2018.

PRIORI, Cláudia; FRANÇA, Fabiane Freire (Orgs.). **Gênero, diversidade e cultura**: protagonismos e narrativas. Porto Velho, RO, Edufro, 2022.

CEVASCO, Maria Eliza. **As Dez Lições Sobre os Estudos Culturais**. São Paulo: Boitempo Editorial, 2003.

JOHNSON, Richard. O que é, afinal, Estudos Culturais? In: SILVA, Tadeu Tomaz da (Org. e Trad.). **O que é, afinal, Estudos Culturais?** Belo Horizonte: Autêntica, 2010.

MUNANGA, Kabengele. **O negro no Brasil de hoje**. São Paulo: Global, 2006.

RAGO, Margareth. Adeus ao Feminismo? Feminismo e (Pós) Modernidade no Brasil. Cadernos AEL, n. 3/4, 1995/1996.

SCOTT, Joan. Os Usos e Abusos do Gênero. **Projeto História**, São Paulo, n.45, p. 327-351, Dez. 2012.

SOIHET, Rachel; PEDRO, Joana Maria. A emergência da pesquisa da História das Mulheres e das Relações de Gênero. **Revista Brasileira de História**, São Paulo: ANPUH, vol.27, n 54, p.281-300, jul. -dez. 2007.

TARDIVO, André Eduardo; COQUEIRO, Wilma dos Santos. A representação feminina no romance autobiográfico de Zelda Fitzgerald. **Revista Ágora**, Cerro Grande, n. 26, p. 141-159, jul-dez. 2018.

TOURAINÉ, Alain. **O Mundo das Mulheres**. Tradução Francisco Morás. 3. ed. Petrópolis: Vozes, 2011.

VÁZQUEZ, Georgiane Garabely Heil; FERREIRA, Angela Ribeiro. Feminismos, Gênero e divulgação científica em tempos de Pandemia: um mapeamento de lives e eventos *on-line* no Brasil. In: VÁZQUEZ, Georgiane Garabely Heil; SILVA, Joseli Maria; WOITOWICZ, Karina Janz (Orgs). **Vivências de mulheres no tempo e espaço da pandemia de Covid-19**: Perspectivas transnacionais. Curitiba: CRV, 2021. 378 p.

WOOLF, Virgínia. **Um teto todo seu**. Tradução Vera Ribeiro. 2.ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985.

# ENSINO, PESQUISA E EXTENSÃO: EMPREENDE NO TURISMO E O GUIA TURÍSTICO DE CAMPO MOURÃO

Raquel dos Santos Vieira<sup>29</sup>

---

<sup>29</sup> Doutora em Meio Ambiente e Desenvolvimento, Mestra em Turismo, Tecnóloga em Gestão de Turismo, Bacharela em Gestão e Empreendedorismo. Professora do curso de Turismo da UNESPAR *campus* Campo Mourão. E-mail: raquelsantosufpr@gmail.com



**RESUMO:** A indissociabilidade entre ensino, pesquisa e extensão prevista na Constituição da República Federativa do Brasil, permite uma visão ampla e integrada da sociedade a partir de um processo interdisciplinar. Para além do cumprimento de exigências legais, o tripé – ensino, pesquisa e extensão – pode auxiliar na prática pedagógica do docente em sala de aula ao relacionar a teoria apreendida com a realidade existente, ao mesmo tempo em que incita os acadêmicos a questionar o que está sendo estudado, instigando-os a desenvolver pesquisas que contribuam para o entendimento aprofundado da realidade. Nesse contexto, definiu-se como objetivo geral para o presente relato de experiências: Analisar o projeto de extensão universitária Empreende no Turismo desenvolvido pelo curso de Turismo, da Universidade Estadual do Paraná – UNESPAR – *campus* de Campo Mourão, destacando a ação extensionista Guia Turístico de Campo Mourão. De forma complementar, delimitaram-se como objetivos específicos: 1 – Descrever as ações desenvolvidas no Projeto de Extensão Empreende no Turismo; 2 – Apresentar a ação extensionista Guia Turístico de Campo Mourão e; 3 – Desvelar ações futuras para o Projeto de Extensão Empreende no Turismo. O projeto Empreende no Turismo iniciou em 2022 com foco na formação empreendedora de estudantes de Ensino Médio de Campo Mourão e, teve como um de seus objetivos específicos, a elaboração do Guia Turístico de Campo Mourão lançado oficialmente em dezembro de 2022. Em 2023, o público alvo foi mantido, porém o foco do projeto passou a ser a realização de oficinas básicas de fotografia, utilizando o *smartphone* como equipamento e a atualização do Guia Turístico de Campo Mourão. A metodologia desenvolvida para elaboração de Guia Turístico Municipal foi validada cientificamente no Fórum Internacional de Turismo do Iguassu, mesmo evento em que foram premiados um relato de experiências e um artigo científico, produtos do projeto de extensão, trazendo reconhecimento científico para o projeto.

**Palavras-chave:** Empreendedorismo; turismo; ensino; pesquisa; extensão universitária.

## 1. INTRODUÇÃO

A Extensão Universitária nasceu na Inglaterra do século XIX, onde as Universidades Populares Inglesas prestavam serviços às comunidades (Santos, 2012; Sampaio, 2004). Na sequência, na segunda metade do referido século, o foco no atendimento aos menos favorecidos persistiu,

contudo a extensão universitária passou a vincular-se à ideia de educação continuada, como forma de aproximar as pessoas da cultura (Santos, 2012).

Ainda no século XIX, observou-se a disseminação das ações extensionistas para países da Europa e para os Estados Unidos com a expansão das Universidades Populares Inglesas. Nesse contexto, a Universidade de Cambridge, em 1967, adotou a extensão universitária como componente formativo (Sampaio, 2004).

A extensão universitária emergiu nas Américas relacionada à prestação de serviços em áreas urbanas e rurais (Sousa, 2000). Além das iniciativas realizadas pelas universidades, a extensão universitária recebeu apoio de igrejas católicas para fomentar o empreendimento de ações (Faria, 2001).

No Brasil, a extensão universitária originou-se no movimento estudantil, com o envolvimento de jovens estudantes universitários com movimentos sociais e políticos em diferentes períodos da história. As ações realizadas aproximavam-se da extensão universitária como é conhecida nos dias contemporâneos (Sousa, 2000).

A partir da ampliação da extensão universitária e, conseqüentemente, sua expressividade decorrente das contribuições e transformações sociais, criou-se o Fórum Nacional de Pró-Reitores de Extensão Universitária das Universidades Públicas Brasileiras (FORPROEX), em 1987. O referido Fórum apresentou a extensão universitária como um processo interdisciplinar que permite uma visão ampla e integrada da sociedade (FORPROEX, 1987).

O FORPROEX definiu a extensão universitária enquanto um:

Processo educativo, cultural e científico que articula o Ensino e a Pesquisa de forma indissociável e viabiliza a relação transformadora entre Universidade e Sociedade. A Extensão é uma via de mão-dupla, com trânsito assegurado à comunidade acadêmica, que encontrará, na sociedade, a oportunidade de elaboração da práxis de um conhecimento acadêmico. No retorno à Universidade, docentes e discentes trarão um aprendizado que, submetido à reflexão teórica, será acrescido àquele conhecimento. (FORPROEX, 2000/2001, p. 4).

Posteriormente, a extensão universitária foi contemplada em políticas Públicas Brasileiras: em 1988 na Constituição da República Federativa do Brasil, no artigo 207, que regulamenta a obediência das Universidades

Brasileiras ao princípio da indissociabilidade entre ensino, pesquisa e extensão (Brasil, 1988); em 1999, no Plano Nacional de Extensão; em 2012, na Política Nacional de Extensão e; em 2018, nas Diretrizes para a Extensão na Educação Superior Brasileira, que regulamentou a curricularização da extensão universitária em território nacional (Santos, 2020).

Com a curricularização da extensão universitária, por meio da Resolução nº 7, de 18 de Dezembro de 2018, as atividades extensionistas tornaram-se obrigatórias nos cursos universitários brasileiros. De acordo com o artigo 4º da referida resolução (s. p.): “As atividades de extensão devem compor, no mínimo, 10% (dez por cento) do total da carga horária curricular estudantil dos cursos de graduação, as quais deverão fazer parte da matriz curricular dos cursos”. Assim, a curricularização da extensão consolida-se com um caminho para uma formação acadêmica transformadora, materializando a indissociabilidade entre ensino, pesquisa e extensão.

O tripé - ensino, pesquisa e extensão -, auxilia na prática pedagógica do docente em sala de aula ao relacionar a teoria apreendida com a realidade existente, ao mesmo tempo em que incita os acadêmicos a questionar o que está sendo estudado, instigando-os a desenvolver pesquisas que contribuam para o entendimento aprofundado da realidade.

Entretanto, para evitar que a extensão universitária torne-se apenas mais uma exigência legal a ser preenchida e desperdice a força que apresenta, esta deve ser entendida enquanto um fenômeno amplo e complexo que vai além da simples inserção curricular. Ademais, a extensão universitária não pode ser distanciada das demandas reais da sociedade. Deve ter abordagem transversal e singular a cada curso universitário e a cada contexto histórico social. Assim, devem ser empregados procedimentos metodológicos criativos e dinâmicos que a aproximem dos estudantes de maneira atrativa (Dalmolin e Vieira, 2015; Jezine, 2004).

Diante do exposto, definiu-se como objetivo geral para o presente relato de experiência: Analisar o projeto de extensão universitária Empreende no Turismo desenvolvido pelo curso de Turismo, da Universidade Estadual do Paraná – UNESPAR – *campus* de Campo Mourão, destacando a ação extensionista Guia Turístico de Campo Mourão. De forma complementar, delimitaram-se como objetivos específicos: 1 – Descrever as ações desenvolvidas no Projeto de Extensão Empreende no Turismo; 2 – Apresentar a ação extensionista Guia Turístico de Campo Mourão e; 3 – Desvelar ações futuras para o Projeto de Extensão Empreende no Turismo.

Justifica-se este relato de experiência, primeiramente, pela necessidade de registrar ações e projetos de extensão realizados de forma a perpetuar as experiências e pela possibilidade de inspirar iniciativas extensionistas futuras. Segundamente, pela necessidade de uma avaliação crítica do projeto realizado de forma a evidenciar (ou não) a indissociabilidade do tripé e a contribuição social, e avaliar as ações empreendidas, identificando possíveis melhorias para projetos posteriores.

No que se refere aos procedimentos metodológicos, delimitou-se a abordagem qualitativa, pois, segundo Minayo (2010, p. 21-22), “trabalha com o universo de significados, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes, o que corresponde a um espaço mais profundo das relações, dos processos e dos fenômenos”. E o caráter descritivo por complementar esta abordagem, visto que, de acordo com Gil (2022, p. 44) “tem como objetivo primordial as descrições das características de determinada população ou fenômeno ou o estabelecimento de relações entre variáveis”. A pesquisa foi empreendida em um primeiro momento por meio de levantamento bibliográfico em artigos científicos, dissertações e teses e, em um segundo momento, por meio de pesquisa documental em legislações nacionais regulamentadoras da extensão universitária em território brasileiro.

O relato está organizado em seis capítulos, além desta introdução. No segundo capítulo apresenta-se o Projeto de Extensão Universitária Empreende no Turismo. No terceiro capítulo apresentam-se as ações realizadas, destacando-se a ação extensionista Guia Turístico de Campo Mourão. No quarto capítulo apresentam-se as ações previstas para o projeto, incluindo-se a atualização do Guia Turístico mencionado. No quinto capítulo discorre-se sobre a validação científica da metodologia criada para elaboração de guia turístico municipal e sobre o reconhecimento científico dos trabalhos, produtos do projeto. Por fim, no sexto capítulo, tecem-se as considerações finais.

## **2. O PROJETO DE EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA EMPREENDE NO TURISMO**

O projeto de extensão universitária Empreende no Turismo iniciou em 2022 com o objetivo de promover formação empreendedora para estudantes de Ensino Médio de Campo Mourão e pessoas interessadas na temática, por meio de capacitações em temas relacionados ao empreendedorismo no turismo. A iniciativa apresenta-se como inédita por trabalhar o empreendedorismo no setor de turismo, diferenciando-se de formações amplas em empreendedorismo que não contemplam as especificidades do referido setor.

O referido projeto justifica-se pela exigência da sociedade por profissionais com perfil empreendedor. O empreendedorismo se refere, com base em Dolabela (2008), a qualquer ação inovadora e o empreendedor é aquele que inicia algo novo, assumindo os riscos implícitos (Dornelas, 2001). Assim, a formação empreendedora possibilita aos participantes autonomia e protagonismo para empreender em âmbito pessoal e profissional, a partir da identificação de oportunidades no setor de turismo de Campo Mourão, estimulando a permanência deste público na cidade.

Para além do objetivo geral e objetivos específicos direcionados à formação comportamental empreendedora, o Empreende no Turismo apresentou um objetivo específico complementar correspondendo à elaboração de um Guia Turístico de Campo Mourão. Este objetivo específico foi proposto a partir da percepção da coordenadora do projeto quanto à ausência de informações organizadas e sistematizadas sobre o turismo local. Assim, o Guia Turístico de Campo Mourão contribui para o preenchimento de uma lacuna de informações sobre o turismo municipal, colaborando para a promoção do turismo local.

### **3. AÇÕES REALIZADAS: FORMAÇÃO EMPREENDEDORA E O GUIA TURÍSTICO DE CAMPO MOURÃO**

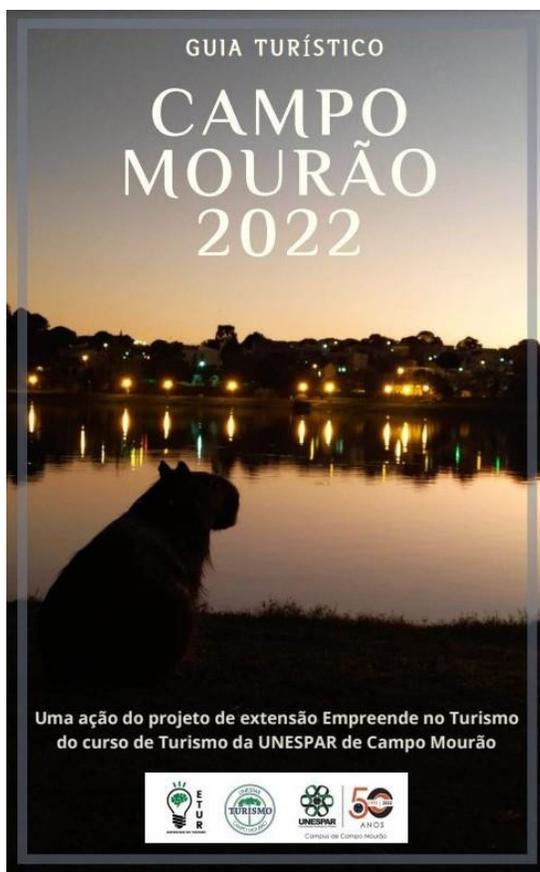
A formação em empreendedorismo aplicada ao turismo abordou temáticas como: projeto de vida e autoconhecimento, comportamento empreendedor, inovação, sustentabilidade, gestão, desenvolvimento territorial, parcerias estratégicas, atrativos turísticos de Campo Mourão, prestadores de serviços turísticos e de apoio ao turismo municipal, modelagem de negócios turísticos. Foram realizados encontros em Colégios Estaduais de Campo Mourão para explanação das temáticas, diálogos, discussões, reflexões, debates, dinâmicas, atividades individuais e em grupos. Além disso, houve a divulgação do projeto no evento de tecnologia e Inovação Empreende Week, realizado em Outubro de 2022, em Campo Mourão.

Já o Guia Turístico de Campo Mourão foi empreendido com o apoio dos estudantes do segundo ano do curso de turismo, na carga horária de curricularização de extensão da disciplina de Gestão Pública do Turismo (8 horas/ aula), no primeiro semestre de 2022, ministrada pela coordenadora do Empreende no Turismo. Os acadêmicos realizaram a coleta de informações sobre o município de Campo Mourão, atrativos naturais, culturais, eventos e os prestadores de serviços turísticos locais, sob a supervisão da referida professora.

As demais atividades ficaram sob a responsabilidade da coordenadora do projeto, como o registro fotográfico dos atrativos locais, a organização e diagramação das informações, que foram realizadas no segundo semestre de 2022.

O Pré-lançamento do Guia Turístico de Campo Mourão foi realizado na ocasião do evento Empreende Week a convite da Prefeitura Municipal de Campo Mourão, em outubro de 2022. Já o lançamento oficial do Guia Turístico de Campo Mourão 2022 (FIGURA 1) foi efetivado em dezembro de 2022 na sede da UNESPAR *campus* de Campo Mourão e, em seguida, disponibilizado para *download* na rede social *Instagram* do Projeto (@empreendenoturismo) e no site institucional da UNESPAR, na página do curso de turismo.

FIGURA1 – Capa do Guia Turístico de Campo Mourão 2022



Fonte: Guia Turístico Campo Mourão (2022)

Partindo-se da premissa que toda extensão universitária deve ser registrada e analisada, avaliou-se a participação dos estudantes do curso de turismo na coleta de informações para o Guia Turístico de Campo Mourão. A avaliação foi empreendida por meio de um questionário composto por questões abertas e fechadas contemplando: conteúdo, método, orientações, possível participação na atualização do material e avaliação geral (Vieira, 2022).

De forma geral, os acadêmicos avaliaram a ação extensionista como positiva. Indicaram que a ação contribuiu para a formação profissional em turismo, ao conciliar a pesquisa sobre um destino, com a aquisição de conhecimento sobre a cidade e o desenvolvimento de um olhar crítico para a cidade enquanto destino turístico. Salientaram a necessidade e importância do conhecimento sobre legislações turísticas e legislações complementares ao turismo. Assim, para os estudantes, a participação na coleta de informações para o Guia Turístico de Campo Mourão complementou a formação de forma leve e divertida (Vieira, 2022).

A partir da avaliação com os acadêmicos pode-se inferir que estes reconhecem os aprendizados e conhecimentos proporcionados pelas ações extensionistas e que, talvez não se concretizassem apenas com as aulas tradicionais, em sala de aula.

A indissociabilidade entre o ensino aprendido nas aulas da disciplina de Gestão Pública do Turismo, a pesquisa realizada a partir da identificação da história do município, dos atrativos e serviços turísticos e a extensão, por meio da elaboração e publicação do Guia Turístico de Campo Mourão foram evidenciadas na atividade, seguindo-se diretrizes da Constituição da República Federativa do Brasil, de 1988.

Entretanto, para além do cumprimento de exigências legais, as reflexões teórico/práticas da atividade foram de encontro às necessidades do setor de turismo de Campo Mourão, possibilitando a cada acadêmico conectar-se com o destino, conhecê-lo em profundidade e analisá-lo criticamente embasados nas políticas públicas de turismo nacionais, estaduais e locais. Por fim, a experiência apresentou-se como positiva aos estudantes que relataram ter gostado de participar e manifestaram interesse em participar da atualização do material.

## 4. AÇÕES FUTURAS: FOTOGRAFIA APLICADA AO TURISMO E A ATUALIZAÇÃO DO GUIA TURÍSTICO DE CAMPO MOURÃO

Em 2023 o projeto foi reformulado, apresentando-se como novo objetivo geral: promover formação em fotografia básica para estudantes de ensino médio da cidade de Campo Mourão e pessoas interessadas na temática, por meio de oficinas utilizando-se o *smartphone* como equipamento.

Delimitaram-se como objetivos específicos para a nova edição: realizar oficinas básicas de fotografia. Nas oficinas abordar-se-ão as temáticas: breve histórico da fotografia; funções nos *smartphones*; Técnicas básicas; Criatividade em fotografia; Temáticas fotográficas relacionadas ao turismo; Fotografia e redes sociais; e para disseminar os resultados obtidos nas oficinas, realizar uma exposição fotográfica virtual na rede social *Instagram* do projeto de extensão. Além disso, prevê-se como objetivo específico: atualizar e lançar o Guia Turístico de Campo Mourão, edição 2023.

Vale comentar que apesar da mudança do foco do projeto, mantém-se o ineditismo deste por trabalhar a fotografia aplicada ao setor de turismo, diferenciando-se de outras formações correlatas em fotografias que a abordam de forma ampla, não contemplando as especificidades do referido setor.

## 5. VALIDAÇÃO E RECONHECIMENTO CIENTÍFICO

A partir da metodologia desenvolvida para a elaboração de Guia Turístico Municipal empreendeu-se o Minicurso “Elaboração de Guia Turístico Municipal”, ministrado no 16º Fórum Internacional do Iguassu, em Foz do Iguaçu, em 2022. Participaram do minicurso estudantes e profissionais de turismo de diversas regiões brasileiras que, quando questionados sobre a aplicabilidade da metodologia em seus municípios, confirmaram essa possibilidade, demonstrando a validação desta para distintos municípios brasileiros.

Como produto do Empreende no Turismo, foi escrito o Relato de Experiências “Ensino e Extensão: Guia Turístico de Campo Mourão – PR” (Vieira, 2022) o qual foi apresentado no 16º Fórum Internacional do Iguassu, em Foz do Iguaçu, em 2022 e publicado nos anais do referido evento. Destaca-se que o Relato de Experiências apresentado foi premiado em 1º lugar sua categoria demonstrando o reconhecimento científico do trabalho e das ações empreendidas.

Outro produto do Empreende no Turismo foi o artigo Científico “Características Comportamentais Empreendedoras de estudantes de Turismo da UNESPAR *campus* Campo Mourão – PR” (Vieira, 2023), apresentado no 17º Fórum Internacional de Turismo do Iguassu, em Foz do Iguaçu, em 2023 e publicado nos anais da referida edição do evento. Assim como o relato de experiências mencionado, este trabalho também foi premiado. Neste caso em 2º lugar na Categoria Artigo Científico. Salieta-se o reconhecimento do trabalho científico oriundo de um projeto de extensão, demonstrando a indissociabilidade do tripé.

Ambos os trabalhos premiados irão integrar um livro com os melhores trabalhos apresentados no Fórum Internacional de Turismo do Iguassu, nas edições de 2022 e 2023. O lançamento do livro está previsto para a 18ª edição do evento, a ser realizada em 2024.

## 6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O Empreende no Turismo é um projeto de extensão universitária desenvolvido pelo curso de turismo da UNESPAR *campus* de Campo Mourão. O projeto iniciou em 2022 com foco na formação empreendedora de estudantes de Ensino Médio de Campo Mourão e, teve como um de seus objetivos específicos, a elaboração do Guia Turístico de Campo Mourão. Em 2023, o público-alvo foi mantido, porém o foco do projeto passou a ser a realização de oficinas básicas de fotografia, utilizando o *smartphone* como equipamento.

O relato de experiência apresentou como objetivo geral: Analisar o projeto de extensão universitária Empreende no Turismo desenvolvido pelo curso de Turismo, da Universidade Estadual do Paraná – UNESPAR – *campus* de Campo Mourão, destacando a ação extensionista Guia Turístico de Campo Mourão.

O Guia Turístico de Campo Mourão apresentou-se como uma ação empreendedora e inovadora para o turismo mourãoense, por auxiliar no suprimento de uma lacuna local referente à oferta turística de forma organizada e sistematizada. Ademais, esta ação pode ser facilmente replicada em outros municípios brasileiros, utilizando-se da metodologia desenvolvida pela coordenadora do projeto, validada durante o 16º Fórum Internacional de Turismo do Iguassu.

Além do Guia Turístico de Campo Mourão, resultaram como produtos do Projeto de Extensão Empreende no Turismo um relato de experiência e um artigo científico apresentados, respectivamente, nas 16ª e 17ª edições do Fórum Internacional de Turismo do Iguaçu e premiados nas suas categorias. A premiação demonstra o reconhecimento científico das ações do projeto e dos produtos em si.

Contudo, uma limitação para o desenvolvimento de projetos de extensão, não apenas no curso de turismo e na UNESPAR, mas de forma geral, nas universidades brasileiras, é a ausência de apoio, especialmente de recursos financeiros. Tal apoio facilitaria o deslocamento da equipe do projeto à campo, bem como possibilitaria a terceirização de alguns serviços, como a diagramação do Guia Turístico e edição das fotografias do mesmo. O apoio financeiro aliado à terceirização de tarefas permitiria a dedicação da docente coordenadora do projeto a outras ações extensionistas significativas à sociedade

## REFERÊNCIAS

BRASIL. **Lei nº 11.771, de 17 de setembro de 2008**. Dispõe sobre a Política Nacional de Turismo, define as atribuições do Governo Federal no planejamento, desenvolvimento e estímulo ao setor turístico, e dá outras providências. Diário Oficial da República Federativa do Brasil, Brasília, DF, 2008.

BRASIL. **Constituição da República Federativa do Brasil**. Brasília, DF: Senado Federal: Centro Gráfico, 1988.

BRASIL. **Resolução nº 7, de 18 de dezembro de 2018**. Estabelece as Diretrizes para a Extensão na Educação Superior Brasileira e regimenta o disposto na Meta 12.7 da Lei nº 13.005/2014, que aprova o Plano Nacional de Educação - PNE 2014-2024 e dá outras providências. . Diário Oficial da República Federativa do Brasil, Brasília, DF, 2018.

DALMOLIN, B. M.; VIEIRA, A. J. H. Curricularização da Extensão: potências e desafios no contexto da gestão acadêmica. In **Congresso Nacional de Educação**. Curitiba, Paraná, Brasil: PUCPR, 2015.

DOLABELA, Fernando. O Segredo de Luísa: Uma ideia, uma paixão e um plano de negócios: como nasce o empreendedor e se cria uma empresa. Rio de Janeiro: Sextante, 2008.

DORNELAS, José Carlos de Assis. Empreendedorismo: Transformando ideias em negócios. Rio de Janeiro: Campus, 2001.

FARIA, D. S. **Construção conceitual da extensão universitária na América Latina**. Brasília: UnB, 2001.

FORPROEX - Encontro de Pró-Reitores de Extensão das Universidades Públicas Brasileiras.

**Conceito de extensão, institucionalização e financiamento**. Brasília: For-Proex, 1987.

FORPROEX - Fórum de Pró-Reitores de Extensão das Universidades Públicas Brasileiras e SESu/MEC. **Plano Nacional de Extensão Universitária**. Belo Horizonte: Pró-Reitoria de Extensão/Universidade do Estado de Minas Gerais, 2000/2001.

GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. São Paulo: Atlas, 2022.

JEZINE, E. As Práticas Curriculares e a Extensão Universitária. In **Congresso Brasileiro de Extensão Universitária**. Belo Horizonte, Minas Gerais: UFMG, 2004.

MINAYO, Maria Cecília de Souza (org.). **Pesquisa social: teoria, método e criatividade**.

29. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2010.

SAMPAIO, O. B. Contextualização histórica da extensão e seus reflexos na sociedade brasileira. In: **Encontro de Extensão da Universidade Federal de Campina Grande**, 3., Campina Grande: UFCG, 2004.

SANTOS, A. B. **Extensão universitária como viabilizadora de políticas públicas: a visão de acadêmicos da UDESC**. 2012. Dissertação (Mestrado) – Curso de Gestão de Políticas Públicas, Universidade do Vale do Itajaí, Itajaí, 2012.

SANTOS, A. B. **A curricularização da extensão universitária a partir do plano nacional de Educação do Brasil: dificuldades e possibilidades**. 2020. Tese (Doutorado) – Curso de Ciências da Educação Especialidade de Desenvolvimento Curricular, Universidade do Minho, Braga, 2020.

SOUSA, A. L. L. **A história da extensão universitária**. Campinas: Ed. Alínea, 2000.

VIEIRA, R. S. Ensino e Extensão: Guia Turístico de Campo Mourão – PR. In: **Fórum Internacional de Turismo do Iguaçu**. 16, 2022, Foz do Iguaçu. Anais. Foz do Iguaçu: Univali/ Idestur, 2022. p. 1-10.

VIEIRA, R. S. Características Comportamentais Empreendedoras de Estudantes de Turismo da UNESPAR *campus* Campo Mourão – PR. In: **Fórum Internacional de Turismo do Iguaçu**. 17, 2023, Foz do Iguaçu. Anais. Foz do Iguaçu: Univali/ Idestur, 2023. p. 1-16.

# DEBATES EM LITERATURA DE AUTORIA FEMININA E EXTENSÃO: RELATO DE EXPERIÊNCIA

Sandro Adriano da Silva<sup>30</sup>  
Wilma dos Santos Coqueiro<sup>31</sup>

---

<sup>30</sup> Unespar *campus* de Campo Mourão - Coordenadores do Projeto: *Il Ciclo de debates - rotas e desvios de leitura: literatura de autoria feminina*.

<sup>31</sup> Unespar *campus* de Campo Mourão - Projeto registrado na *Divisão de Extensão e Cultura* do *campus* de Campo Mourão - PR.



**RESUMO:** Objetiva-se relatar as experiências do evento realizado a partir do projeto de extensão intitulado *II Ciclo de debates - rotas e desvios de leitura: literatura de autoria feminina*, realizado no ano 2022, no âmbito da *Universidade Estadual do Paraná (Unespar)*, campus de Campo Mourão – PR. O projeto oportunizou um espaço de reflexão sobre as representações, construções e desconstruções do feminino em diferentes gêneros literários, em literaturas de língua portuguesa, a partir de variados escopos teórico-críticos. O evento fez uma carga horária de 35 horas, das quais parte destinou-se à organização, encaminhamentos, leitura prévia da bibliografia, realização dos encontros e elaboração de relatório final. Em caráter de segunda edição, o projeto congregou pesquisadoras, pesquisadores, estudantes da graduação e de pós-graduação de diferentes instituições de ensino superior, bem como docentes da educação básica, tanto na qualidade de proponentes de palestras quanto de público participante. O caráter extensionista da proposta e a intenção de universalidade, visando a um maior alcance de audiência e participação, ensejaram o formato remoto/*online*, pela plataforma *Google Meet*, para a execução do projeto.

**Palavras-chave:** Educação; direitos humanos; estudos de gênero; literatura de autoria feminina.

## 1. INTRODUÇÃO

A universidade pública é um importante espaço de produção, acumulação e disseminação e troca de conhecimentos, fundamentando-se em três bases inter-relacionadas, quais sejam, o ensino, a pesquisa e a extensão. O caráter extensionista da universidade dá-se fundamentalmente junto à comunidade – incluindo a comunidade virtual – que possibilita o compartilhamento, com o público externo, do conhecimento adquirido por meio do ensino e da pesquisa desenvolvidos na instituição. Ao abordar o papel da extensão universitária, Fernandes *et al* (2012) apontam que:

A extensão universitária possui ainda uma função essencial no ensino superior brasileiro, tanto para o aperfeiçoamento dos discentes, quanto para o processo de formação continuada dos docentes, para que ambos busquem uma maior integração com os demais setores da sociedade, melhorias na qualidade de vida dos moradores das comunidades circunvizinhas e para que as lutas sociais se fortaleçam, contribuindo,

assim, com a construção de um pensamento crítico e colaborando para que o homem possa escrever a sua própria história (p.190).

Dessa forma, projetos extensionistas que alcancem também a formação continuada de educadores e educadoras da rede básica, bem como a sociedade, de modo geral, contemplam determinados aspectos previstos na dimensão social da universidade. Nessa perspectiva, o projeto de extensão *Il Ciclo de debates – rotas e desvios de leitura: literatura de autoria feminina* tratou-se de uma atividade fundamentada, especialmente, em teorias e críticas literárias feministas e, de modo mais genérico, nos estudos culturais, que propõem analisar o fenômeno literário de autoria feminina em diferentes perspectivas, para, ao final, compreendê-lo em sua dimensão social e estética. Diante disso, o caráter de extensão constituiu uma estratégia rentável, conquanto tenha oportunizado de maneira eficaz um conjunto de vias de acesso do debate acadêmico aos destinos que o justificam socialmente, especialmente o ambiente escolar, através da participação de sujeitos advindos desses espaços. A disseminação de estudos sobre literatura de autoria feminina pôde ensejar, em alguma medida, uma inovação metodológica, bem como o fomento de uma cultura literária, em termos mais amplos.

No âmbito da universidade, um projeto dessa natureza ofertou aos acadêmicos e às acadêmicas, incluindo os/as egressos, um espaço dialógico de intercâmbio de experiência de leitura e análise crítica, bem como sobre o papel da literatura de autoria feminina no currículo acadêmico e escolar, de forma, no mais das vezes, interdisciplinar. Nesse processo, a vivência com produções ficcionais e poéticas, pretendeu levar os/as leitores/as a ampliarem seus horizontes, questionar, dialogar e refletir acerca da realidade histórico-social que tais textos refratam, sobretudo no que concerne a figurações do feminino.

O evento, como indicado no título, referiu-se à segunda edição de um projeto anterior, cuja primeira edição ocorreu em 2021, também registrado na *Divisão de Pesquisa e Extensão* da Unespar, com proposição e formatação semelhante. De caráter extensionista, o evento dessa segunda edição teve lugar na *Universidade Estadual do Paraná* (Unespar), campus de Campo Mourão, na modalidade remota, via plataforma *Google Meet*, entre junho e dezembro de 2022, como uma das ações vinculadas à agenda do *Grupo de Estudo e Pesquisa em Educação, Diversidade e Cultura* (GEPEDIC/CNPq), ao *Núcleo para Educação das Relações de Gênero*

(NERG), do *Centro de Educação e Direitos Humanos* (CEDH) local, que, por sua vez, liga-se à *Pró-Reitoria de Políticas Estudantis e Direitos Humanos* (PROPEDH). A vinculação justifica-se conquanto tais espaços institucionais configuram instrumentos de discussão, planejamento e implementação de estratégias de caráter educacional que se ocupam de temáticas relacionadas às relações de identidade de gênero, orientação sexual, violência de gênero, visibilidade identitária e subjetividades a serem acolhidas no espaço universitário, entre outras demandas sociais. Além disso, o projeto dialoga diretamente com a formação docente, ao propor um espaço de reflexão e verticalização que se vinculam a determinados componentes curriculares de disciplinas curso de Letras, tais como teoria e crítica literária, literatura brasileira, literatura portuguesas, literatura e ensino, entre outras. Outro cenário importante a ser destacado diz respeito ao alcance do projeto, cujo público-alvo pretendeu e atingiu acadêmicos de diferentes áreas, especialmente de Letras, História e Pedagogia, além de professores e professoras da educação básica e, por fim, a comunidade de Campo Mourão e região, composta também por egressos desses cursos e pessoas interessadas nos temas ofertados.

## 1. LITERATURA DE AUTORIA FEMININA NA PERSPECTIVA EXTENSIONISTA

Grosso modo, a literatura de autoria feminina, em todos os gêneros nos quais se manifesta, dá indicativos das transformações que se operam no tratamento autoral dispensado a procedimentos estéticos e nos temas nucleares que enfeixam suas linhas de força que, lidas isoladamente ou colocadas em diálogo, apontam um expressivo empoderamento de consciência literária, crítica e política do feminino. Do ponto de vista dos aspectos estéticos assumido pelas escritoras, o incisivo trabalho com a linguagem e formas literárias expressa a valoração de uma liberdade de criação já reconhecida pela crítica na obra de escritoras de vanguarda, como Clarice Lispector, Hilda Hilst, Ana Cristina Cesar, entre outras. Já há algum tempo, esse espectro autoral vem se expandindo e pondo em disputa o reconhecimento e a legitimação de outras escritoras, menos visibilizadas, como Adalgisa Nery, Maria Valéria Rezende, Eliana Alves Cruz, entre tantas outras.

No que diz respeito à dimensão temática, Figueiredo (2020) aponta que a literatura escrita por mulheres vem apresentando algumas tendências, entre elas, a experiência da corporeidade, a interseccionalidade

entre gênero, classe e relações étnico-raciais, a construção e desdobramento do chamado *lugar de fala*, a espacialização e o deslocamento, as complexas relações entre erotismo, linguagem e silenciamento, entre outros. Nessa direção, Figueiredo (2020), embora centrando-se exclusivamente no mapeamento da produção literária brasileira em prosa, aponta que

as autoras têm demonstrado cada vez maior liberdade na escrita ficcional de aspectos que envolvem seus corpos, abordando temas como erotismo, gravidez, aborto, maternidade, estupro, incesto, relações abusivas, menstruação TPM, distúrbios alimentares [...], automutilação, prostituição, lesbiandade, velhice (p. 11).

A essa expressão de liberdade seria rentável acrescentar o papel da noção de *autoria*, posto que “a referência profunda à figura da autora foi deformada por muitos fatores, silêncios e interrupções da memória coletiva” (Telles, 1992, p. 45). Dessa forma, nas questões de estilo e no auscultamento de temas caros aos diferentes feminismos,

a literatura escrita por mulheres é, em certo sentido, um palimpsesto, pois o desenho de superfície esconde ou obscurece um nível de significado mais profundo, menos acessível ou menos aceitável socialmente” (Telles, 1992, p. 46).

Desafiando e ressignificando valores e representações, como “gesto de transgressão que, desde o início do século [XX], vem sendo assumido pelas mulheres e aprofundando a ruptura do nosso tempo com a Tradição herdada” (Coelho, 1999, p. 9), a literatura de autoria feminina opera um discurso em crise no amplo contexto histórico-cultural, matizando-se de influxos sociais que recebe e refrata. Para Coelho (1999), tal discurso em crise se apresenta, em linhas gerais,

resultante da tensão existente entre o nível da enunciação (ruptura das convenções discursivas do patriarcado) e do enunciado (expressão do profundo sentimento de desamparo ou fracasso da mulher) [...] Trata-se de uma escrita/fala, centrada no outro, ao qual o eu não consegue se unir em essência, devido aos equívocos da formação (masculino/feminino opostos, em lugar de complementares)(p. 13).

Para além dessa ótica tensiva que via nas relações suplementares entre os gêneros uma das demandas da literatura de autoria feminina – o que, evidentemente, não implica nenhum demérito à experiência literária como autoconsciência, sobretudo se se tomar a perspectiva defendida por Showalter (1985 *apud* Zolin, 2007, p. 330) sobre as fases da literatura feminina –, Dalcastgnè e Thomaz (2011) ampliam o debate, ao proporem um olhar “pelas margens” da literatura brasileira contemporânea, como

uma preocupação de escutar as vozes que se encontram nas margens do campo literário, aquelas vozes cuja legitimidade para produzir literatura é posta em questão e que, ao mesmo tempo, tensionam, com a sua presença, nosso entendimento do que é (ou deve ser) o literário” (p. 9).

Constituem-se, portanto, rotas e desvios de um fluxo de produção que mostram como “tradições são seguidas, quebradas ou reconquistadas e as formas de interpretação e apropriação do que se fala permanecem em aberto” (Dalcastagnè; Thomas, 2011, p. 9).

Aqui, poder-se-ia falar de uma práxis literária, em que a literariedade tem coexistido, não sem cerradas tensões, com os demais discursos socioculturais, apontando um

domínio interpretativo propriamente dito, gerando não apenas gestos discursivos de controle e imposição, mas também um potencial de resistência que manifestações culturais, eruditas ou populares atualizam [...] Em seu espaço, necessariamente, coabitam camadas de protesto e negociação, adaptação e resistência, silêncio e voz, na problematização de questões de identidade, exclusão e alteridade, e na reivindicação da autoria de um discurso próprio que recusa estereótipos redutores” (Gomes, p. 69; 83).

Portanto, o projeto encontrou justificativa pela pertinência de colocar em debate uma “política da escrita”, tomando-se esse conceito de Rancière (2017), a partir da aproximação incontornável entre o estético e o político, em que o “conceito de escrita é político porque é o conceito de um ato sujeito a um desdobramento e a uma disjunção essenciais” (p. 7), rentáveis para refletir sobre a literatura de autoria feminina, suas práticas autorais e de gênero, suas formas de apagamento e seu revés, a busca de visibilidade. O projeto pauta-se, ainda, em um viés de literatura

“que pressupõe que seja dada licença ao escritor/ à escritora para dizer tudo o que queira ou tudo o que possa, permanecendo, ao mesmo tempo, protegido de toda censura [...]” (Derrida, 2014, p. 52), a fim de promover a experiência de um diálogo adensado, singular e expectante, ao pensar cada obra e autora no interior de um campo de forças marcado pelo cruzamento de diferentes maneiras de experienciar a contemporaneidade em sua “parte da sombra, a sua íntima obscuridade” (Agamben, 2009, p. 64), metáforas que incidem sobre as subjetividades femininas que aqui se esboçam em rotas e desvios.

A partir dessas concepções, delineou-se como *objetivo geral* analisar e interpretar obras literárias de autoria feminina em Língua Portuguesa, a partir de perspectivas teórico-críticas de diferentes, que deflagrassem figurações da condição feminina. Dessa forma, foram elencadas, estudadas, apresentadas e discutidas as seguintes obras: *Poemas* (1937), de Adalgisa Nery; *Histórias da terra e do mar* (1984) e *Dual* (1977), de Sophia de Mello Breyner Andresen; *Água de barrela* (2018), de Eliana Alves Cruz; *Luanda, Lisboa, Paraíso*, (2019), de Djaimilia Pereira; *As doze cores do vermelho* (1988), de Helena Parente Cunha; *Tapete voador* (2017), de Cristiane Sobral; *Paisagem de porcelana* (2014), de Cláudia Nina (2014), e “Marido”, da coletânea *Marido e outros contos* (1997), de Lídia Jorge.

As palestras objetivaram refletir de forma crítica e didática, a partir da avaliação do estado da arte, dos conceitos aplicados à análise e à interpretação das obras elencadas e suas interrelações, impasses e problematizações do feminino nas relações entre literatura e sociedade. Esse espectro serviu ao alinhamento dos *objetivos específicos*, considerando-se como se dão representações do feminino imbricadas à condição de gênero, subjetividade, étnico-racial, à experiência histórica do silenciamento/apagamento, da diáspora, do decolonialismo, do revisionismo da historiografia literária, entre outros eixos conceituais, bem como a partir de questões que matizam campos discursivos, estéticos, culturais e geopolíticos, manifestos em cada obra/autora.

Problematizaram-se, por fim, o papel e o estatuto da literatura de autoria feminina em suas múltiplas interseccionalidades em circuitos do campo literário e cultural, especialmente o mercado editorial, o livro didático e os currículos universitários dos cursos de Letras, visando um debate mais incisivo sobre a disseminação e visibilidade desse nicho literário como modo de ruptura diante do escamoteamento/apagamento histórico.

## 2. DESCRIÇÃO E ANÁLISE TEÓRICO-METODOLÓGICA DAS EXPERIÊNCIAS DE EXTENSÃO

Em relação aos *procedimentos metodológicos*, o projeto foi desenvolvido na modalidade síncrona, na forma de chamada via Google Meet, nas seguintes datas: 04/06; 02/07; 06/08; 03/09, 01/10, 05/11 e 03/12, no horário das 9h às 11h, contemplando uma comunicação seguida de arguição, mediação e debate. Foram criados e disponibilizados os links referentes a cada encontro no e-mail das turmas do curso de Letras da Unespar, campus de Campo Mourão – PR, nas redes sociais e em outros canais de divulgação da universidade. As inscrições se deram mediante assinatura na lista de presença, disponibilizada no início de cada encontro. A bibliografia foi disponibilizada previamente, objetivando melhor acompanhamento das apresentações. As discussões foram pontuadas pelos/pelas debatedores/as e pelos demais participantes, por meio de questionamentos e comentários, ao final das apresentações. O projeto contou com a criação de um site para hospedar a gravação da palestra de abertura, obras literárias, artigos, capítulos de livros, *papers*, *slides* e outros materiais utilizados ou produzidos para ou a partir do projeto.

A organização do projeto previu e contou com uma série de sete encontros, o primeiro dos quais sendo a abertura oficial, no caráter de uma palestra, no dia 1º de julho de 2022, realizada por uma docente professora doutora que atua no *Programa de Pós-Graduação em Estudos de Literatura na Universidade Federal Fluminense* (UFF). A palestrante possui uma vasta produção bibliográfica em torno de temas como construção de identidades pós-coloniais na literatura antilhana, a literatura como arquivo da ditadura brasileira, autobiografia, ficção e autoficção, representações de etnicidade em perspectivas interamericanas de literatura, embasada na crítica feminista de leituras transversais de escritoras brasileiras. O tema-título da conferência de abertura foi *Por uma crítica feminista* e abordou aspectos relevantes, resultantes de análise e interpretação de um repertório de romances contemporâneos de autoria feminina brasileira, mapeados pela pesquisadora, nos últimos anos. Dessa forma, a palestra contribuiu para o reconhecimento e compreensão de algumas questões incontornáveis da autoria feminina brasileira. Dentre elas, a professora destacou: a) a relação entre os diferentes feminismos e a dominação masculina; b) a necessidade de se trazer ao debate público a existência de interseccionalidades do feminino, incluindo o feminismo decolonial e negro e o transfeminismo; c) algumas

relações entre história literária, cânone e crítica feminista; d) a violência de gênero e o feminicídio e suas representações no romance brasileiro de autoria feminina; e) a questão dos direitos reprodutivos e do erotismo. A mediação e a arguição produziram momentos de interpelação nos quais a palestrante verticalizou o debate, a fim de sanar dúvidas mais específicas, para além das obras e temas mencionados na palestra.

O segundo encontro ocorreu no dia 02 de julho e teve como tema a palestra *Adalgisa Nery: a poeta ausente do Modernismo*, a partir de um recorte de capítulo de livro, no qual o autor trata da poeta, foram abordados, de forma sucinta, os seguintes tópicos: a) apresentação biobibliográfica da escritora; b) apagamento da autora na historiografia literária brasileira; c) apresentação sumária de temas e estéticas da obra *Poemas* (1937). Ao final, a arguição possibilitou uma discussão sobre o silenciamento de poetisas brasileiras no Modernismo brasileiro.

O terceiro encontro ocorreu no dia 6 de agosto e contou com duas apresentações: 1. *As doze cores do vermelho*, de Helena Parente Cunha, apresentando aspectos estéticos, simbólicos e temáticos da obra, a partir de uma interpretação baseada crítica do *Materialismo laciano*, e 2. *Travessia e memória em Outros cantos* (2016), de Maria Valéria Rezende, que abordou temas como alteridade feminina, escrita e memória. A arguição oportunizou um debate sobre a necessidade de releitura da obra de Helena Parente Cunha, considerando sua produção também em outros gêneros, bem como suas temáticas mormente relacionadas à psicanálise, como desejo feminino, corpo e erotismo.

O quarto encontro trouxe como temas as palestras: 1. *Entre mundos comparados: afropolitanismo e literatura-mundial em Luanda, Lisboa, Paraíso*, que ensejou uma profícua discussão sobre a literatura portuguesa de autoria negro-feminina e o conceito de “afropolitanismo” aplicados ao romance. Na sequência, o debate permitiu um melhor conhecimento sobre a autora, suas predileções estéticas e temáticas, bem como um olhar crítico sobre a literatura portuguesa de minorias. 2. *A éfrase em contos de Sophia de Mello Breyner Andresen*, analisou como a escritora portuguesa manipula o recurso da éfrase para a construção topográfica nos contos analisados e seus efeitos de sentido. Ao final, discutiu-se em que medida esse recurso reverbera da produção lírica da autora.

O quinto encontro deu-se no dia 1º de outubro, intitulado *Interfaces entre a literatura portuguesa e brasileira: a violência de gênero na ficção de*

*Lídia Jorge e Claudia Nina*, e analisou, respectivamente, o conto “Marido”, da coletânea *Marido e outros contos* (1997) e o romance *Paisagem com porcelana* (2014). Foram abordados, na perspectiva de diálogo entre as duas escritoras, salvaguardadas suas dimensões estéticas e, entre outros aspectos, as representações das personagens femininas como sujeitos subalternos, as temáticas que emergem do posicionamento contestatório da autora; a violência simbólica promovida pelo patriarcalismo, o deslocamento e a solidão.

O sexto encontro ocorreu no dia 5 de novembro, como o tema: *Literatura e História em Água de barreira*, de Eliana Alves Cruz. A apresentação localizou a produção literária da escritora negra Eliana Alves Cruz na literatura de autoria de maiorias minorizadas de recorte étnico-racial e feminino, os aspectos historiográficos que contextualizam a obra e a construção da personagem feminina. Ao final, a arguição pôs em relevo a importância das relações interdisciplinares entre os estudos literários e a História, tanto no campo da pesquisa quanto na prática docente, bem como a contribuição da historiografia para a compreensão dos diferentes aspectos da escravidão no Brasil.

O sétimo e último encontro ocorreu no dia 3 de novembro como a palestra *Escritas da resistência em Tapete voador*, de Cristiane Sobral, e abordou o conceito de literatura negro-brasileira, temas e estéticas da obra da autora, em sua condição de escritora negra e feminina. O debate, ao final, possibilitou uma maior reflexão e relação com outras obras da autora, incluindo o gênero lírico, bem como de temáticas que discutem a subjetividade negra, o erotismo, a denúncia do racismo estrutural, entre outros assuntos.

### 3. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O projeto que resultou no evento homônimo *Il Ciclo de debates - rotas e desvios de leitura: literatura de autoria feminina*, atendeu, de forma mais ampla, alguns pressupostos e diretrizes norteadoras da concepção de extensão universitária, qual seja, a de criação de espaços democráticos de produção, circulação e troca de conhecimento científico entre a universidade e a sociedade ao seu entorno. Mormente, projetos de extensão são elaborados e submetidos à avaliação de factibilidade, em função de sua natureza epistemológica, objetivos e alcance social. No caso específico do projeto cujos resultados forma aqui objeto de relatoria, a episteme

refere-se ao âmbito dos estudos literários, expresso pelos próprios *corpora*, e, de saída, considerado como um elemento de natureza linguística e social, correspondendo a dimensões culturais e ao imaginário.

Em todo caso, conquanto a literatura trate-se de um componente mais diretamente presente em prática educacionais, a delimitação a um público formado por profissionais de educação e por acadêmicos – especialmente oriundos dos cursos de Letras, História e Pedagogia –, foi necessária, em um primeiro momento de configuração do projeto. Contudo, para atender ao princípio de acesso democrático e universalista, o projeto, sobretudo por sua formatação em caráter remoto, oportunizou um alargamento do público-alvo.

As obras apresentadas e discutidas, tomadas em suas diferentes orientações temáticas e configurações estéticas, enuclearam, no limite, um princípio comum, qual seja, os modos de agenciamentos da autoria feminina, no projeto desenhadas nas metáforas das *rotas* e *desvios*. Com isso, pretendeu-se pôr em evidência matizes dessa produção literária que, sobretudo a partir das últimas décadas do século XX, vem trilhando caminhos autorais cada vez mais independentes, ou seja, *pari passu* às ondas e agendas dos feminismos, cada escritora apresenta uma liberdade na escolha de seus temas e posicionamentos ideológicos que os enformam. Assim, elas acabam por constituir uma negação dos percursos previstos e impostos por toda uma estrutura de base patriarcal que, além da dimensão ética – que historicamente apagou e silenciou a autoria feminina –, também legitimou espaços de produção e circulação dessa literatura.

Um projeto dessa natureza, ao oportunizar um momento de discussão acerca dessas e outras questões, além de problematizar a dimensão social e humana que emerge das obras estudadas, alarga os horizontes de compreensão do estatuto do feminino que delas emerge, além de evocar a atenção para outros modos possíveis de presentificação desses (e outros) textos escritos por mulheres, em espaços diretamente responsáveis pelas transformações sociais e pela educação para a sensibilidade, como a escola e a universidade.

## REFERÊNCIAS

AGAMBEN, Giorgio. **O que é o contemporâneo?** Trad. Vinicius Nicastro Honesko. Chapecó: Argos, 2009.

COELHO, Nelly Novaes. Apresentação. In: CUNHA, Helena Parente. (Org.). **Desafiando o cânone**: aspectos da literatura de autoria feminina na prosa e na poesia (anos 70/80). Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1999.

DALCASTAGNÈ, Regina; THOMAZ, Paulo C. (Org.). **Pelas margens**: representação na narrativa brasileira contemporânea. Vinhedo, Editora Horizonte, 2011.

DERRIDA, Jacques. **Essa estranha instituição chamada literatura**: uma entrevista com Jacques Derrida. Trad. Marileide Dias Esqueda. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2014.

FERNANDES, Marcelo Costa; SILVA, Lucilane Maria Sales da; GOMES, Ana Larissa Machado; MOREIRA, Thereza Maria Magalhães. Universidade e a extensão universitária: a visão dos moradores das comunidades circunvizinha. **Educação em Revista**. Belo Horizonte, |v. 28, n. 04, p. 169-194, dez. 2012. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0102-46982012000400007>. Acesso em 20 ago. 2023.

FIGUEIREDO, Euridice. **Por uma crítica feminista**: leituras transversais de escritoras brasileiras. Porto Alegre: Zouk, 2020.

GOMES, Heloisa Toller. Teoria da literatura: desafios e possibilidades. In: BONNICI, Thomas; FLORY, Alexandre Villibor; PRADO, Márcio Roberto do. (Org.). Maringá: Eduem, 2011, p. 65-92.

RIZZATTI, Ivanise Maria; MENDONÇA, Andrea Pereira; MATTOS, Francisco *et al.* Os produtos e processos educacionais dos programas de pós-graduação profissionais: proposições de um grupo de colaboradores. **Actio**, Curitiba, v. 5, n. 2, p. 1-17, mai./ago. 2020. Disponível em: <https://periodicos.utfpr.edu.br/actio/article/view/12657/7658>. Acesso em 28 jan. 2022.

RANCIÈRE, Jacques. **A partilha do sensível**: estética e política. São Paulo: EXO/34, 2005.

RÔÇAS, G.; MOREIRA, M. C. A.; PEREIRA, M. V. "Esquece tudo o que te disse": os mestrados profissionais da área de ensino e o que esperar de um doutorado profissional. **Revista ENCITEC**, v. 8, n. 1, p. 59-74, 2018. Disponível em: <http://srvapp2s.urisan.tche.br/seer/index.php/encitec/article/view/2624>. Acesso em: 28 jan. 2022.

TELLES, Norma. Autor+a. In: JOBIM, José Luis. (Org.). **Palavra da crítica**. Rio de Janeiro: Imago Editora, 1992, p. 45-64.

ZOLIN, Lucia Osana. Literatura de autoria feminina. In: ZOLIN, Lucia Osana; BONNICI, Thomas. (Org.). **Teoria literária**: abordagens históricas e tendências contemporâneas. Maringá: Eduem, 2007, p. 327-336.

Esta coleção de e-books cumprem a tarefa de disseminar as ações extensionistas realizadas na Unespar nos últimos três anos, com o objetivo de fortalecer a extensão universitária, destacando o compromisso entre Universidade e sociedade e a construção de um conhecimento que valoriza outras formas de saberes promovendo diálogos essenciais para a formação do estudante. Nessa interlocução, a universidade pode atender o apelo da sociedade e, por meio da extensão, promover a transformação social e a sua própria transformação, a partir de uma formação integral e mais humana de seus acadêmicos.

